



HOMOPOP

maa sipriana

HOMOPOP

Moa Sipriano



www.moasipriano.com

Design da Capa & Editoração
Moa Sipriano

Imagem da Capa & Tipografia
pixabay.com
dafont.com

Todos os direitos reservados a
Moa Sipriano

Site oficial & Contato
moasipriano.com
escritor@moasipriano.com
instagram.com/moasipriano

- 06**2URSOS
0830 DIAS
1072
12A DESPEDIDA DE SOLTEIROS
14A MELODIA DO SILÊNCIO
16ADVOGADO
18AMARRAÇÃO
20AZUL
22BALAS DE AGOSTO
24BARBA PAPA
26BEIJAMIM
28BLUMEN
30BOA NOITE, SR. SEXO
32CAMBOTA
34CASADOS FRUSTRADOS
36CHICO
38CINEMA
40CLUBE DOS URSOS
42CORINTO
44DAREL
46DELICADAS
48DIEGO
50DOIS
52ÉBANO
54ENRICO
56FILOMENA
58GSUIS
60HANS
62ÍCARO
64INTIMAÇÃO
66JOÃO & JOÃO
68LAÇOS & BOTAS
70LUCAS
72LUDWIG
74LUNA
76MAX
78MEU CUNHADO
80MEUBRANCO
82NOITE, HOMEM, CAMA
84O CARTEIRO
86O DIABO VESTE PRATA
88O ENCOSTO
90O MARIDO IDEAL
92O NÚMERO 13
94O PASTOR
96O SEGUNDO TRAVESSEIRO
98PADRE POP
100PAIZAUM
102PERFUMADO
104POMPÓ
106POOTO
108POSITIVO
110PROST
112QUENTINHA
114RODAMUNDO
116RODOPIÁ
118SANGUE, SUOR, SEXO
120TITO
122UM PRAZER SOLITÁRIO
124UMA ORAÇÃO
126VÊNUS
128VIKING
130VIOLINA
132SOBRE O AUTOR
-

Descobertas, inspiração, provocação:
uma fantástica oportunidade do leitor
degustar uma coletânea com trechos
de todos os meus contos e romances.

Após a leitura, respire fundo,
dê um *laïque* no seu (e no meu) coração,
ative o sininho da sua curiosidade...

... e se você amar o conteúdo,
você pode adquirir meus livros
tanto na versão digital
quanto na versão impressa :)

2URSOS

... foi a reação encravada no meu mamilo esquerdo quando me dei conta que havia algo muito errado comigo. Argh! Uma legião de pelos carcomia minhas partes baixas!

Jamais vou esquecer o dia em que acordei antes da hora e me dei conta que uma penugem traiçoeira invadia minhas pernas tortas, branqueladas, desproporcionais.

Fios de cobre. Maldito presente prematuro. Era mais um motivo para eu me sentir “O Diferentão” na escola.

O.K.! Sempre fui muito superior ao meu grupinho em matéria de intelecto e sensibilidade. Porém, eu sentia uma tremenda inferioridade no turbilhão de sensações que não batiam em nada perante o que outros meninos experimentavam entre si.

Aos treze, época em que assumi a devida atenção aos meus primeiros fios sedosos, um misto de raiva e orgulho divididos na mesmíssima proporção turvava minha precoce adolescência. Era curioso ver o Poste aqui refletido no espelho. Lembro-me que nas manhãs encalhadas, estupefato, eu adorava acariciar o tufo cremoso a envolver meu pintolino deslocado.

Durante um montão de madrugadas após a zilionésima punheta-prazer-novidade, eu relaxava enquanto alisava minhas coxas ardentes, curtindo a maciez do meu caricato selo de macholinidade.

Por mais que eu me sentisse um tanto sujo por carregar aquela trepada-deira, até que era divertido ousar nos modelitos de calções que pudessem destacar minhas pernocas viris. Eu adorava desfilas diante dos garotos, todos lisos e tontos, que secretamente invejavam minhas pernas de garça, peludas, provocantes.

Duas estacas de homem-feito.

O outro lado também era um fato consumado: nos treinos, os caras da equipe de vôlei juvenil passavam por mim e me chamavam de “rosinha”.

Eu era o levantador da equipe mirim e na ala feminina havia uma Rosinha que desempenhava a mesma função. Como éramos boceta e Asics Tiger, todos tiravam sarro da nossa amizade pra lá de “feminina”.

Eu me perdia em quadra, tremendo sem controle, com raiva daqueles

cretinos e ao mesmo tempo louco de tesão pelo meu maior desafeto: Marcelo, o capitão do time estrelado, o mais endiabrado garoto da escola e o único que já havia acariciado a ponta dos dedos nas partes íntimas de uma menina, segundo o plantão fofocônico do Stella Maris.

Em muitas ocasiões, Marcelo chegava antecipado para os treinos. Era comum a gente se esbarrar na quadra, pois eu vivia metido em tudo quanto era atividade física na escola quando não estava em aula; só para não ficar em casa aguentando um pai depressivo e uma mãe sem noção.

Marcelo gostava de me usar: eu era o seu levantador-escravo favorito. Meu deus! Quantas horas eu passei levantando bolas para o Rei treinar suas pancadas?

Eu levantava, ele espancava a bola. Eu corria pegar a Mikasa, bem reboativo. Ele morria de rir do meu jeito afetado. Tudo era um suspirante moto-contínuo.

Eu, atordoado e submisso diante daquele macho platônico – cópia escrita-e-escarrada do Rômulo Arantes –, era todo sorriso e dedicação. É óbvio que eu seria capaz de fazer qualquer coisa pelo meu primeiro homem-desafeto-tesudo.

Voltando aos pelos. Com quinze eu já me tornara um homem-Homem no lado físico da coisa. Não chegava a parar o trânsito, mas as garotas adoravam dar em cima de mim nas baladas de sábado lá no Blumen's.

Eu fugia de todo possível contato, me atarracando ao carinha que dava o som, ajudando-o a separar diversos discos para que ele selecionasse, sem critério, qualquer bambee-gees ou paula arghbdul capaz de manter a meninada remexendo ou se enroscando sem parar, todos bem longe de mim-eu-mesmo!

A tortura maior? Era durante a maldita hora das baladas, pois quando Phill Collins ou Rick Astley entravam em cena, era um sufoco de escolhe daqui, puxa de lá, de pelo-amor-de-deus-dance-comigo, onde eu sempre corria para o banheiro, repleto de urticária só de imaginar em ser atacado por uma fêmea em ascendente desespero.

E foi no banheiro de um inferninho adolescente que experimentei os primeiros prazeres a dois. Hans, um dos garotos da minha turma de vôlei, adorava se enfiar num reservado para fumar os cigarros afanados do pai. Eu amava aquela subversão...

30 DIAS

... levei duas semanas para assumir a Decisão.

Fique tranquilo. Não vou te enrolar.

A questão é muito simples: eu resolvi abraçar todas as minhas fantasias homoeróticas num ritmo vertiginoso. Vou praticar diante da fuça da Realidade tudo aquilo que você não demonstra coragem suficiente para realizar fora do seu mundinho sem reboco.

Sim. É isso mesmo.

Assumo que “Radical”, agora, será o meu Primeiro Nome.

Vou me deixar consumir no ventre viril do sexo pelo sexo durante exatos trinta dias, besuntado em tresloucantes suores e salivas e essências de qualquer qualidade de macho que se atrever a riscar meus caminhos.

Jäger: é o meu real sobrenome.

Sou nascido e criado em Curitiba. Tenho vinte e oito. Ganho a vida planejando viagens criativas no ramo do Turismo Ecológico para pequenos grupos de novos-ricos deslumbrados, patéticos, isentos de Vidas.

Estou em férias. Um tempo só para mim-eu-mesmo. Trinta e poucos dias de merecido descanso.

Para que meu plano dê certo, pretendo passar parte da minha liberdade hospedado na casa de parentes, lá no interior de São Paulo. Chego amanhã ao meu provisório destino de cores insossas e texturas ancestrais.

Retornando ao sentido da Revelação, vou emprestar meu corpo físico para os meus instintos mais baixos, elevados, selvagens, ingênuos... pouco importa. Tudo o que almejo nos próximos dias é sentir no rabo, na pica e na alma as variantes inacreditáveis do sexo sem compromisso, desprovido de sentimentos e firulas politicamente aceitas como “ideais”.

Sou um cara descompromissado. No que se refere aos assuntos do coração, há seis anos estou sozinho e isolado por vontade própria. Em se tratando da boa fodaria, sempre realizei tudo aquilo que o parceiro do momento desejava. Pois no sexo e na vida, sou obrigado a confessar minha submissão extremada.

Porém, no devido presente, decidi que quem deve assumir todas as regras de um jogo de interesses íntimos sou eu.

Acredite: enquanto reviso a amadora linguagem do meu primeiro *post*,

eu pressinto a sua angústia aí do outro lado. Fecho meus olhos e vejo o tremular dos seus lábios. Tá na cara que você questiona qual seria o motivo que me levou a essa hedionda entrega aos prazeres incertos do sexo inseguro.

Quer saber a verdade?

Não há uma explicação lógica.

Simplesmente eu tenho que realizar o que me vier às cabeças e relatar ao seu mundo o que acontecerá comigo na intimidade, com riqueza e sinceridade nos detalhes, durante trinta dias de atividades fodásticas além de qualquer compreensão ou julgamento.

Garanto que não haverá cultivo de tabus, preconceitos ou escrúpulos de minha parte. Exponho uma promessa sacramentada: você poderá degustar minhas realizações passageiras logo após o ato consumado. Adianto que agirei somente por instinto primitivo, sem carregar um moralismo hipócrita.

Não tenho nada a esconder. Somente a revelar.

Pois acredito que cada coito deve assumir a sua própria lucidez. Admito que não carrego a mínima ideia do que está previsto nos próximos capítulos da minha tosca existência. Só sei que preciso viver o que deve ser muito bem realizado na arte do sexo. Talvez, lá no centro do meu terceiro fundo, eu queira abrir as portas de uma Homoconsciência Coletiva.

* * *

Contagem regressiva.

Respiro fundo.

Estou preparado!

Agora você é meu convidado. Venha compartilhar da minha (possível) insanidade. Quem sabe eu não estarei no lado esquerdo da sua cama, roçando minha demência nos vãos do seu corpo trêmulo ou cacarejando impropérios sensuais na sua mente, enquanto fornico com seu mais íntimo e secreto desejo, quando menos você esperar...

72

“Vamos?”

“Só um momento. Tem certeza de que estou bem? E minha gravata?”

“A borboleta-azul tá linda!”

“Estou muito nervoso.”

“Depois de tudo o que você passou, a tarde de hoje vai ser fichinha.”

“Ter *bichinha*?”

“Chegamos. Quer que te acompanhe até a porta?”

“Não. Não. Não. Tenho que fazer isso sozinho.”

“Quer meu lenço? Tua testa tá toda empapada.”

“E se ele não lembrar mais de mim-eu-mesmo?”

“É impossível te esquecer, seu bobão!”

“Meu bigode. Verifique meu bigode. Está bem alinhado?”

“Ai, *Gsuís*, me ascende! Cê tá ótimo, lindo, deslumbrante, vitaminado, Senhor Gostosão!”

“Eu sempre fui gostoso. Sempre!”

“Vai enrolar mais um pouco? Olha que faço *alôka*, vou lá e toco a campainha!”

“Juro que te mato! É o *meu* momento e tudo deve ser realizado no meu tempo!”

“E se ele não gostar do... presente?”

“Depois de tantos anos, tenho certeza que o melhor presente será a tua presença!”

“Obrigado. Não sei o que eu faria sem a tua santa compreensão.”

“Depois eu aceito todos os agradecimentos. Agora... sai do carro, senão vai rolar uma Shakira a capela!”

“Tudo... menos *sua* Shakira!”

* * *

Não dava para disfarçar tamanha expectativa.

Ele saiu do carro, alisou umas noventa e nove vezes a camisa listrada e os cabelos “gel-lados”, conferiu a caixinha que repousava no oculto da mão esquerda, inspirou com severa profundidade como a server forças sobrenaturais e finalmente deu o segundo passo mais importante da sua atual existência.

Por instinto, mantive meus dedos bem cruzados. Um toque. Dois minutos de angustiante espera. A porta de todas as esperanças finalmente foi aberta.

Visivelmente emocionado, entre lágrimas esbugalhadas, o arfante dono da casa o brindou com um sorriso a iluminar oito quarteirões. Era metade da delícia de um David Beckham, onde cabelos pontiagudos e braços recobertos de mapas abstratos promoviam o tom preciso da sua bem alicerçada personalidade.

Eu me preparava para mofar dentro do carro, quando minha castanha visão foi agraciada com o genuíno casal a se aprumar numa bem-vinda varanda, estilo de fazenda.

Não deu outra. Peguei meu Lumia, travei meu braço num canto da porta e passei a registrar aquele momento histórico.

Antônio e Lamar, pra lá de tímidos e, ao mesmo tempo, eufóricos, conversavam como se tivessem passado juntos uma vida inteira. O outro David, o sobrinho, trouxe as cervejas, sorriu para os dois, beijando o alto da cabeça de cada um como a selar uma linda fraternidade com o símbolo máximo dum genuíno carinho fofístico.

Honras feitas, ele saiu de mansinho, esfumaçando lentamente seus traços másculos em passos discretos a evaporar atrás de uma magnânima parreira.

Enquanto conversavam, Lamar o tempo todo tocava nas faces de Antônio, como a pedir que o querido companheiro não vertesse lágrimas, a não ser se fossem de puro alívio.

Numa titubeante e atrapalhada troca de presentes, Lamar deu a Antônio o que julguei ser um calhamaço de antigas cartas, cujo possível conteúdo tão desejado fez Antônio desfalecer em ascendente emoção, chorando feito menino pobre diante do primeiro Papai Noel, sem manter controle algum sobre seus membros superiores.

Lamar se levantou, abraçando Antônio com ternura. Eles trocaram afaços ariscos. Quase rolou um beijo...

A DESPEDIDA DE SOLTEIROS

... entrei. Sentei. Bocejei.

É óbvio que havia poucos pingados naquela sessão da tarde.

Reparei em um rapaz agitado, nada oculto na extremidade da fileira de número nove. Da minha poltrona, eu vislumbrava muito nervosismo, pois suas mãos eram esfregadas com insistência contra suas coxas descompassadas.

Segundos antes do início da exibição, trocamos os famosos olhares. Acendeu-se a luxúria. Todos nós sabemos o momento em que o sexo fala mais alto.

O instinto machobesta trocava seus fluidos espectrais entre caralhudos que se desejavam mutuamente. Levantei-me e fui para o fundo da sala, bem longe dos outros três ou quatro vultos que marcavam seus quadrados num espaço aleatório.

Ele percebeu meu recado. Veio até bem próximo de mim. Sentou-se três cadeiras à minha direita. Fiquei superexcitado.

O filme começou. Realidades apagadas. A pequena tela refletia cores metálicas em nossa direção. Cinco minutos transcorreram, até que o rapaz tomasse a decisão de invadir meu território.

As mãos tique-e-taque continuavam seus movimentos sobre as coxas trançantes. Meu olhar fixo grudava na tela. Meu radar periférico permanecia atento ao generoso volume no meio daquele apetitoso par de coxas bamboleadas.

Eu notara que ele não tirava os olhos do meu corpo. Senti a pressão da sua timidez. Tomei a iniciativa. Toquei seu joelho. Segurei sua mão. Ela gol-fava um suor pegajoso, repulsivo.

Fria. Ao mesmo tempo flambada. Havia o desespero do inesperado tão encruado. Senti seu medo ingênuo ao não deixar fluir a vontade da carne. Tranquilei-o, acariciando com suavidade sua mão escorregadia.

Aproximei minha boca na altura da sua nuca. Dei-lhe um beijo leve. Sua pele arrepiou-se com a passagem do ar hortelã entre meus lábios. Sua mão tímida apertava minha mão decidida, onde descobertas e medos fundiam-se numa guerra infernal naquele ser que lutava para se libertar das suas amarras seculares.

“Beije-me”, ele pediu, num sussurro defeituoso.

Apaguei a realidade à minha volta e presenteei seus anseios. Sentimos o gosto lunático um do outro.

“Meu nome é Tonius”, ele pigarreou, rompendo a troca de nossos fluidos.

“Cara, eu preciso de um homem... agora!”, notei urgência no seu pedido óbvio.

De um jeito sem jeito, tentei abraçá-lo. Ele aceitou meu afago. Passamos o filme com os corpos colados. Nossas mãos permaneceram fundidas durante toda a sessão.

Luzes acesas. Fim da fantasia.

Não sei o que assistimos. Não prestei a mínima atenção. Meus olhos pressentiam algumas imagens, mas minha alma fora transportada para outra figura muito mais interessante. Desperto, foi ótimo constatar que a única certeza era vibrar com Tonius ao meu lado. Saímos juntos. Triunfantes.

Quando envoltos em sociedade, ele não conseguia me encarar. Sua timidez era crônica no seio do público. Sem palavras, caminhamos no roteiro do Destino.

“Você... será que você tem lugar?”, finalmente ele abriu a boca.

Sim, eu tinha as chaves de uma perdição. Mas não precisei usar frases pré-fabricadas. Em silêncio quase sepulcral, ele confiou sua tarde a mim. A meta de compartilharmos as variantes do prazer seria alcançada.

Chegamos à minha casa. Fomos direto para o meu quarto.

Tiramos as roupas, jogando-as pelo espesso carpete. Mais beijos, todos desconjuntados. Muitos carinhos pacientes de minha parte. Ele não tinha ação corpórea. Ele tremia incontrolavelmente.

Era – de fato – a sua primeira vez. Aquilo deixou meu tesão a trezentos por hora!

“Por favor, acredite no que vou lhe falar. Eu nunca, nunca, nunca fiz com homem!”, a resposta veio solidificar minha certeza.

“Confie em mim, Tonius. Não farei nada que possa magoá-lo”, minhas sentenças eram honestas.

Um sonoro beijo estúpido selou meu juramento. Tonius beijava muito bem, quando conduzido por uma língua hábil, sobrenatural.

Percorri seus músculos retesados com as mãos, com a boca, com os toques mais premiados. Nada emocional. Só o carnal. Sexo pelo sexo. Porém, devidamente acompanhado de honesto carinho. A satisfação de um desejo mútuo. Nada, além disso...

A MELODIA DO SILÊNCIO

... o singelo quarto de hóspedes se transformou no meu magnífico resguardo. Eu estava sentado na cama, maravilhado com a textura do colchão convidativo, observando meu protetor garimpar no guarda-roupa alguns cobertores apropriados para o seu pupilo.

Em uma cadeira de vime, próxima da janela, havia um pijama em tons pastéis com arremates em azul-criança, dobrado com cuidado.

Segurando tecidos pesados, Ronan me encarava, puteado, indicando o pijama com um ríspido aceno de cabeça. Lado infante a florado, imprimir caras e bocas submissas, levantando meu corpo em êxtase, tocando com respeito aquela vestimenta sagrada.

Fiquei sem graça em retirar o roupão na sua frente.

Ronan apoiou os cobertores na cadeira, aproximou-se do meu estado catatônico, roubando o algodão das minhas mãos confusas, eufóricas, desconfiadas, colocando-o sobre a cama feita.

Suas mãos experientes, repletas de gestos meigos e decididos, quase maternos, desataram o nó do cordão que segurava o tecido que cobria minha virilidade traiçoeira. O roupão foi aberto do cabo ao rabo, revelando meus pelos arrepiados e minha intimidade deflorada. Ronan, indiferente, me despia sem retirar suas gemas autoritárias do meu olhar assustado.

O tecido felpudo caiu sobre o gélido piso de madeira corrida. A segunda barreira havia sido vencida.

Como um escravo de luxo, Ronan apanhou a parte de baixo do pijama. Agachado, levantou meu pé esquerdo e colocou-o dentro da calça. Fez o mesmo com o pé direito. Subiu o tecido até cobrir pouco acima do meu sexo natimorto.

Em movimentos líricos, meu anfitrião elevou a parte de cima e me fez enfiar braços e cabeça dentro da trama perfumada, de caimento celestial, como que esculpida com intenção de aliviar o fardo do meu ser indefeso.

Senti seu hálito tinto roçar meu rosto inerte. Eu tremia em desespero, dúvidas e tesão. Estranhos na mesma proporção.

Oh, céus! Há quantos e tantos séculos eu não era seduzido ou desejado por alguém?

Sacando a geringonça inseparável do bolso da camisa, Ronan tamborilou um *“Boa noite, meu grande amigo!”* para o meu Eu extasiado.

Já deitado, oculto pelo lençol, o anjo de guardas cobriu meu estado obscuro com dois cobertores espessos que aqueceram de imediato minha consciência dilacerada.

Cerrei os olhos e fui brindado com um beijo simpático na fronte.

Apago a luz?, ele digitou, tocando a seguir a ponta do meu nariz afogueado, despertando a minha realidade.

“Sim, po...or fa...vor”, respondi num sussurro medonho, enroscando as palavras numa intransponível timidez. Quase implorei para que ele não abandonasse o quarto e me contasse uma infinita e milenar história de ninar repleta de passagens plácidas. Eu necessitava da sua presença, daquele calor, de toda atenção.

Ronan desligou o abajur, flutuando sobre meu astral liquefeito, fechando delicadamente a porta.

Exausto diante do Novo, fiz amor com o melhor sono da minha vida...

ADVOGADO

... o nosso encontro fortuito proporcionou-me fagulhas de felicidade.

Durante algumas horas, eu fui um homem mais feliz na companhia da sua misteriosa presença. Aguentando suas passagens tão descritivas, logo após a segunda gozada, como um bom submisso egoísta eu tive vontade de resolver seus mistérios e dar solução para os problemas que não eram de minha alçada.

Tive vontade de te “descobrir” cada vez mais.

Que merda. Que mentira! Nunca queremos saber tudo do outro de modo a aprender a conviver com as diferenças que torna belo e prazeroso o valor de um relacionamento.

Somos egoístas demais! Queremos invadir e buscar todas as informações do candidato ao nosso coração para que assim possamos moldá-lo ao nosso bel prazer.

Aqui está a única verdade: Não somos capazes de amar sem cobrar algo mesquinho em troca.

Ontem abrimos uma tarde deliciosa. Entre pegadas e disputa de poder, após o gozo retumbante e merecido nos entregamos ao deleite das carícias embebidas no suor que impregnava nossos pelos exaustos.

Suor: a segunda pureza do homem. O sal da vida. A porra contínua. O perfume resultante do embate entre machos.

Passei horas admirando você por inteiro. Por fora e por dentro. Minha mão direita acariciava seus cabelos vermelhos, umedecidos, penteado outrora impecável desfeito pela fúria do nosso sexo acima dos selvagens. Você não mereceu, mas é incrível como este pequeno gesto repetitivo ainda é capaz de me excitar!

Naquele quarto de quinta, eu notava os reflexos platinados dos primeiros raios da noite nas paredes cremeadas, e também observava, de tempos em tempos, seu corpo vítreo e rosto madeira sob a luz prateada que emanava através da janela entreaberta.

Engraçado. Não posso definir com acuidade o que me motivou a escrever para você. É algo mais forte do que eu. É a síndrome do poeta que não consegue expressar seus sentimentos por outro meio que não seja pela escrita estapafúrdia.

Estou sentado na escada de casa. Minha pelúnica bunda ainda inchada de tanta fodeção e tapas e socos tenta se acomodar da melhor maneira sobre o concreto frio e áspero.

Sexto degrau. Sexo infernal.

O sol já se recolheu e uma noite bem fresquinha começa a tingir o céu de anis e laranjas e rosas profundos. Do meu lado esquerdo, olhando por cima da tela do mini Dell, vislumbro uma fatia da lua.

Pensei em você durante todo o dia de hoje. Feito um adolescente semivirgem.

Sim, pode rir da minha falta de criatividade. Eu me comporto como um idiota quando não quero dar o braço a torcer. Eu me torno uma pessoa comum.

A noite bateu acalorada. Que espetáculo precioso. Posso vê-las e sentir a presença das estrelas (minhas únicas) amigas. Adoro noites e todos os tons de cinza. Adoro estrelas e todos os seus segredos translúcidos.

Fico imaginando você: como estará se sentindo neste exato segundo, certamente dentro do seu carro todo automático, desatando o nó da gravata apertada, vagando pra lá e pra cá, perdido pelas ruas caóticas da cidade que não tem cor, à procura das melhores soluções para os seus processos sem fim?

Queria cobrir suas costas largas de carinhos e leves mordidas, e refazer aquelas deliciosas massagens.

É verdade. Eu também tenho essa mania. Essa cretina mania besta de todo *bambee* achar que é um exímio massagista quando está apaixonado ou quando o fogo no cu já não pode mais ser contido.

Queria tirar o peso dos problemas acumulados sobre seu espírito nos dias tão agitados de audiências intermináveis. Eu sei a pressão que sofrem os advogados.

Sabia que eu sempre mantive ojeriza por advogados? Sim, eu acabo de morder a língua. Vamos voltar ao que interessa.

Eu queria deixá-lo “pronto para outra”. Pelo menos nisso eu ainda sou muito bom. Tenho ótimas referências por todas as vidas masculinas que salvei ilha afora.

Nova pausa. Estou viajando em sádicos pensamentos. Como se o pecado existisse e não fosse apenas mais uma invenção humana...

AMARRAÇÃO

... num belo domingo ensolarado, próximo à praça de artesanato, caminhando apressado pela Avenida Beira-mar e assim fingir eliminar a barrigorda, Décio esbarrou num moleque que distribuía panfletos amarelos, cagadamente impressos, onde letras garrafais em preto anunciavam a chegada, na Ilha, – por tempo limitado! – do iluminado Pai Benedicto de Ochóci.

Não, não há erros de grafia.

Era um pai poderoso com “ch” e “c” mesmo, de acordo com a numerolorota!

No papel barato, Pai Ochóci prometia mundos e fundos que garantiriam a felicidade suprema daquele que buscasse seus exclusivos serviços divinos.

Claro que em destaque havia uma tal de “amarração” que prometia trazer a pessoa amada em, no máximo, vinte e quatro horas!

Uia!

Décio não refletiu um minuto sequer. Sacou o celular do calção suado e ligou para o número estampado no panfleto desqualificado. Dois toques e uma voz fanhorina carregada de um sotaque falsobaiano atendeu a ligação.

Hora e lugar de encontros marcados, Décio não cabia em si de tanta felicidade. O orçamento da tal da amarração não era tal alto assim para o seu poder aquisitivo. Afinal de contas, o que são três mil reais em trocar do amor e do sexo eterno ao lado do seu moreno-amado-carnudo-gostoso?

Num quarto escuro de uma pousada triste, abafada, suspeita; Pai Ochóci – devidamente trajado de sunguinha florida e bata brancomoduplação – gingou o corpo rechonchudo num cumprimento mal coreografado, acendeu um charuto falso que ele jurava de Havaianas juntas que era cubano e foi logo tratando de convencer o coitado do Décio a assinar o chequinho do Banco do Brasil.

Os três mil iniciais eram destinados para o ritual em si. Mas, é óbvio, Décio ainda tinha que comprar todo o material-de-santo necessário: uns trinta alguidares, vinte dúzias de velas brancas, setenta e duas velas vermelhas, doze garrafas de Velho Barreiro, dois quilos de mel “Superbom”, oito pacotes de Marlboro, seis vidros de perfume masculino de O Boticário e mais dois quilômetros de uma lista interminável de produtos nada a ver.

Cego de dar dó, lá foi Décio providenciar os apetrechos divinos sabe-se lá onde. Comprinha boba no valor de mil e tantos reais foram parar na próxima fatura do pessoal cartão de crédito beirando o limite.

Naquela mesma noite (*nóis num pódi perdê tempo, pois os “guia” num espéra*), na Ponta da Praia, onde a luz refletida da lua cheia iluminava com parco destaque a pantomima, Décio e Pai Ochóci rodopiavam em torno de uma estrela feita de riscos tortos na areia, iluminada por velas brancas.

Cantorias e rodopios, Velho Barreiro com mel Superbom descendo goela abaixo, uma enxurrada de gritinhos histéricos, banhos de água suja de restos de ervas e baforadas de cigarro detonavam a cabeça de Décio, maravilhado com o espetáculo circense proporcionado pelo Pai Maravilha.

Uma hora depois e o espetáculo gritava seu fim. Pai Ochóci já estava bêbad... *ops*, em transe, e o terceiro “guia” grunhia os últimos conselhos importantíssimos que fariam o pedreiro ficar, literalmente, de quatro por Décio já nas próximas horas.

* * *

O tempo estipulado? Passou. Voando!

Naquela terça-feira, andando de um lado para o outro, Décio esperava impaciente seu amado dar as caras na loja.

Era dia de comprar cimento. O pedreiro nunca deixava de aparecer. E assim o dia foi embora. E, assado, o prazo foi pras cucuias.

Nadica de nada.

Nem cheiro almiscarado do moreno apetitoso...

AZUL

... oito da matina. Lá estava eu, seguindo minha rotina infame.

Santa Sexta-feira!

Finalmente premiado com meio expediente, eu ensaiava a possibilidade de assistir algum filme em cartaz, logo depois do trampo.

Adele bajulava meu princípio vital, quando fui sacudido por um branquelo trajando um conjunto de tecido bambo não estranho, emanando um cheiro de rua também conhecido.

“Eu não tenho dinheiro”, rosnei inquieto, ríspido e puto por ter sido incomodado durante minha meditação popínica.

“Aqui está o *seu* dinheiro”, bramiu Varapau, num barítono impressionante.

Demorou alguns segundos para que eu arrumasse os acontecimentos na minha cachola sonolenta.

Sim, é verdade. Era ele!

O tal cara para quem eu havia dado uma grana há dois dias e que eu jurava de dedinhos cruzados que jamais reaveria meu suado dinheirinho.

Fiquei beterraba, sem graça, sem ação.

O airoso Branco, livre daquela barbona assustadora, chacoalhou as notas no ar, ambos em triunfo. Logo a seguir, ele depositou sobre minhas mãos resabiadas duas folhas de dez e uma de cinco. Eu não sabia como agir. Apanhei as tiras amarrotadas de valor infiel e enfiei tudo no bolso de trás do meu uniforme apertado.

Ele pediu licença, esparramando seu esqueleto próximo ao meu assombro. Jogou sobre minha panguice uma bem-vinda gargalhada repleta de dentes bem alinhados, recobertos de um branco improvável, onde a perfeição física só não era absoluta por causa da ausência de algumas pérolas mais ao fundo; detalhe que não ofuscava o tesão daquele apoteótico sorriso de linhagem adolescente.

“Com a quantia que você me liberou, pude tomar um banho decente, fazer a barba e comprar coisas para comer durante uma semana inteira!”, confidenciou-me o rapaz, todo serelepe.

Um gato sem botas havia devorado minha língua.

Eu continuava me sentindo um albino pimentão estrábico, desorientado,

com muita vergonha por ter julgado uma pessoa sem ao menos proporcionar a mim-eu-mesmo a oportunidade de conhecê-la o mínimo do mínimo aceitável.

“Seu ônibus está chegando”, o mendigato alertou, apontando para o coletivo amarelo que se aproximava do terceiro ponto.

Subi petrificado, onde apenas um “muito obrigado” tosco vagava ao redor dos meus ouvidos toscos parte II, agora plugados no Curt Smith.

Oh, lágrimas. Oh, medo! Oh, incompreensão!

Continuei embosteado em remorso durante o médio trajeto. Beliscando meu traseiro, remexi as notas no interior do bolso esquerdo, jurando que entregaria ao rapaz o restante do dinheiro numa vindoura oportunidade.

Mas, espere um momento: como ele sabia qual era a minha linha...

BALAS DE AGOSTO

... de repente, meus sentidos são físgados por um zum-zum-zum fora de esquadros. Vislumbro alguém sendo empurrado na fila, bem na entrada da minha Palavras de Estreia. Sinto um estampido surreal.

Balas de agosto? *Bang bang bang...* na minha ilha?

Minha mente, agora no piloto automático, recordava horrores do passado. Meus amigos coloridos mortos, onde apenas o vermelho sombrio sugava a alegria dos velhos rapazes alegres. Minhas longas pesquisas para os meus enredos. Entrevistas e depoimentos emocionados, velados, excruciantes, que resultaram em mais um sucesso: meu novo filho, “Alianças”.

Clóvis, o personagem principal.

Começo tenebroso.

Meio confuso.

Final revelador... e feliz.

Balas de agosto? *Bang bang bang...* na minha ilha?

Eu ainda apalpo manchas de Aflitos se destroncando de um lado para o outro bem no centro das minhas retinas embaçadas. Uma dor lancinante no peito. A segunda angústia. Incrédulo, olho para o meu protetor, meu amigo, meu alicerce. Ele procura, em vão, forças para permanecer em pé. Justo Wagner, meu homem-pai-editor e que nessas horas deveria reassumir o cargo de meu anjo em guarda!

Anjo, anjo.

Eu beijo suas asas.

Estela, minha gorda tão amada, travestida em azul e dourado, como uma autoridade máxima que embola minha imaginação, corre até a porta, alucinada.

Continua o zum-zum-zum. Eu espanto uma lágrima de espanto. Eu ainda acaricio as asas alheias. Elas perdem a sustentação e se rompem num horizonte irreal.

Ziemann sai de si. Ziemann grita. Ziemann empurra uma caralhada de bambees afoitos. Pelo caminho errante, Ziemann espalha purpurina importada do antigo Club Babylon. Ziemann desgrenha maquiagens e aniquila penteados. Ziemann ganha a rua embaçada, abrindo espaço na noite cálida.

Estela corre, arfante, atrás do agressor. Suas pegadas no asfalto molhado

são seguidas por uma legião de militantes loveanos que não aceitam a covardia daquele ato insano.

Oh, Darel. Que monstro teria coragem de atirar à queima-roupa numa criança tão indefesa?

Ziemann – mim-eu-mesmo! – joga o querido boné aos ventos e ajoelha diante do anjo com cara de menino assustado.

“Ziemann... cadê vo... você... eu vim a... qui só pra te...”, o anjo cantou-la, sorriso desfeito, desafinado, o clichê medonho que entoamos nos shows das estrelas que ainda não ganharam nossos palcos de ilusão.

“Não diga nada, minha criança... não elimine suas forças... eu estou aqui”, um Ziemann desnorteado relincha em contralto, sorrindo patético, tentando desesperadamente focar uma fortaleza diante do inevitável.

“Eu and... andei oito... vinte e oito quilômetros... vint... só pra te ver... passei a ponte... pé ante pé... centro de Downie... ponte... para... Lovl... livraria”, o anjo balbuciava, alucinado, buscando fatiar um pedaço do ar orvalhado a fim de preencher seus pulmões calcinados.

“Mi desculpa, Sr. Ziemann. Eu não ten... tenho todo o dinheiro para comprar seu último livro... mas eu queri... ria conhecer o senhor, as alianças... eu queria sab... ber o que acontece com o Clóv... is...”, o anjo perdia suas forças.

De joelhos, travado no asfalto, eu não sabia mais o que fazer. Minha incrédula mão direita amparava aquele corpo infantil, tentando confortá-lo do desespero de mais uma separação. Minha raivosa mão esquerda, enlameada em sangue por culpa das Balas de Agosto, tentava, em vão, cobrir o dantesco ferimento fumegante e sombrio...

BARBA PAPA

... não pensei duas vezes.

Sem cerimônias, escancarei minha nada discreta bolsa de lona repleta de cacarecos milagrosos e chaveirinhos pelúcias a sambar do lado de fora. Saquei tesoura, pente, talco e outros badulaques propícios para a ocasião.

Ele me encarou, ressabiado, acredito que temendo pela própria vida ao ver um varapau cintilante e afetado empunhando uma arma prata e pontiaguda, ambos dançando escalafobéticas bem na sua direção.

Na última condução popular que enfia São Paulo em Jundiaí e viceversavesso, nós dois trincados por causa do frio de rachar saquinhos a tomar conta do triste retângulo, éramos os únicos rejeitados sacolejando naquele eletrificado carro de boi.

Eu “cheguei junto” e não me apresentei. Apenas sorri em timbre caridoso, toquei suas mãos arenosas e tratei de alinhar sua barba e cabelo com meu pente vermelho em passagens suaves a expelir cuidados de um irmão bem-intencionado. Ele sacudindo em alarmes, olhar meio travado, meio maravilhado, aceitou minha oferta, sem proferir uma só palavra. A gente se comunicava por pura sensibilidade, nada além.

Mesmo com o rebolado irregular da composição paleozoica, não me foi difícil dar um bom trato naquela montanha de fios rebeldes.

Por instinto, não tive coragem de rebaixar por completo os pelos faciais. Promovi harmonia ao moldar a cabeça em número dois com a barba e bigode agora muito bem alinhados e *chicmodernérrimos*, meu bem!

Alôka!

Com destreza e rapidez que assombraram meu último cliente, destilei minha mágica entre as estações de Campo Limpo Paulista e Jundiaí.

Enquanto ele parecia não acreditar no seu novo semblante refletido num espelhinho meia boca, eu tratava de juntar o passado do bofe espalhado entre seus calçados imundos, colocando quase a totalidade dos descartados fios pastosos numa providencial sacolinha de plástico *by* Carrefour.

Limpei as mãos nas laterais do meu brim arroxeadado, onde em seguida tratei de guardar – ou melhor, jogar! – minhas ferramentas de sustento dentro da gigantesca bolsa velha de guerras.

Ao desembarcarmos, confesso que fiquei meio desapontado com a frieza emanada do Sem Nada.

Ele saiu primeiro, todo desengonçado. E sumiu!

Eu vaguei logo atrás, exausto.

Misturado com outros gatos pingaiados, atravessei as catracas e fui brindado com uma sinfonia de águas e gelos a salpicar minha pele sonolenta.

Pra variar, é óbvio que não havia mais transporte público disponível, nem um “taxinho” qualquer.

Eu, acostumado, só inspirei fundo, calculei porcamente a possibilidade daquela garoa não se transformar em tempestade nos próximos quarenta minutos, enlatei um boné – surrupiado do meu irmão! – na chapinha e comecei a trilhar meu sufocante ritual até a casa materna.

Coisa de seis a oito minutos arrastados, um tunado Opala SS preto e laranja-pelo-amor-de-deus-olhe-para-mim rondou bem ao meu lado, onde seu ocupante nada discreto tratou de buzinar além do ideal de modo a pôr em alerta todas as minhas atenções. Eletrificado por inteiro, sozinho na calçada quase breu, encarando com firmeza o horizonte, minha natural reação era correr e me esconder num beco qualquer. Ser surrado por um homofóbico na madrugada não estava nos meus planos.

“Por favor, pare. Eu preciso falar com você!”, evocou-me uma voz meio cavernosa, meio suspirante. Aquela educação fora de esquadro cativou meu interesse.

Quase fui daqui pra melhor quando dei de cara com meu Sem Nada nas rédeas do seu Unicórnio reluzente.

“Você?”, foi a única coisa que consegui pronunciar.

“Entre. Faça questão de lhe oferecer uma carona”, ele cantou, sem esconder a enorme vontade de se esbaldar em gargalhadas.

O Iluminado travou a carruagem, volitou feito um príncipe da Disney, pegou minhas mãos pálidas e me conduziu até o outro lado da bem preservada obra de arte.

Sem Nada fez as honras. Confortável no banco de couro, eu me senti a mais bela das atrizes de um cinema imundo. Ao travar a cela, ele desligou o ronronar viril de um motor bem afinado. O que aconteceu entre nós foi...

BEIJAMIM

... ao sair da casa repleta de artes bem-acabadas e motos antigas implorando por um restauro, o vento cortante castigou meu peito frágil, fazendo-me contorcer de frio ao desbravar a rua despovoada.

Quando cruzei a terceira entrada do Parque Municipal de modo a reduzir meu trajeto até em casa, uma movimentação estranha cativou minha atenção. Percebi que atrás de uma frondosa paineira havia um casal em atitude não convencional.

O Parque da Paz, como era chamado pelos moradores locais, também funcionava como um discreto ponto de pegação, devido à privacidade de sua densa vegetação e principalmente por causa de uma trilha específica que saía da mata e desembocava na praia de Gobsun, a mais bela de toda ilha.

Nessa trilha era muito comum a gente caçar um cara e levar nosso bom piquenique até as areias fofas da praia convidativa, tarde da noite, e fazer tudo o que desse nas telhas até altas horas da madrugada, sem ser incomodado por ninguém, pelo menos durante a baixa temporada.

Através de um código não fundamentado, Gays curtiam boa pegada nas areias e Héteros se engalfinhavam no mato mesmo.

As cutucadas da Dona Curiosidade me fizeram avançar o sinal. Levei um baita susto ao ver um rapagote negro sendo espancado por um guarda branco, imenso de excessos, que transpirava além da conta enquanto abusava do pobre garoto.

Seu rosto tinto era demoníaco. O guardanimal não parava de desferir elétricas coronhadas na cabeça daquele ser indefeso. Notei que os pulsos do rapaz eram corroídos por algemas diamantadas.

O negro estava ajoelhado, totalmente submisso perante as atitudes humilhantes daquele que deveria protegê-lo contra qualquer tipo de violência.

Ao ver o monstro manipular o zíper do seu uniforme e violentar com um sexo diminuto a boca do rapaz em pânico, a revolta atingiu o ápice dos meus sentidos. Sem pesar as consequências, corri e me atirei entre os homens para acabar com aquela cena maléfica. O menino ficou transparente ao confirmar minha presença, fora de mim-eu-mesmo, empurrando em tapas o policial canalha.

Lembro-me vagamente de ter levado uma distorcida pancada na cabeça e ter perdido por algum tempo a consciência. Ao acordar, eu estava atado em uma árvore, sem a calça, e com as pernas abertas ao máximo, ambas fortemente amarradas.

Meu corpo formava uma estrela perfeita chumbada na textura rugosa que me feria a pele. Vi o moleque chorando num canto, de cócoras à minha frente, quase desmaiado sobre o chão coberto por folhas úmidas, obrigado a assistir algo terrível que estava prestes a acontecer.

“Me desculpa. Me desculpa!”, ele murmurava, dando a entender que fora forçado a atar meus membros liberados para um extremo sofrimento.

Notei que seus lábios estavam sangrando e uma pasta viscosa escorria pelo seu rosto afogueado. O filho da puta tinha gozado nas faces daquele inocente!

Senti um corpo fedorento contrair suas imundícies sobre meu espírito tenso. A Besta materializou-se atrás de mim, roçando sua escorregadia barriga disforme entre minhas costas e nádegas arredias. Fui golpeado com um porrete de borracha, que queimava minha alma a cada investida. De tão abalado, eu não conseguia emitir nenhum som. Por causa de um orgulho idiota, eu trincava os dentes e não autorizava o escape do meu desespero. Se as cordas se rompessem por magia, eu certamente mataria aquele cretino.

Ele então cuspiu no tal porrete e tentou me penetrar à força. Lembrei que existe um Deus e implorei a Jesus que não permitisse que o pior ocorresse.

Eu sentia as lágrimas e os soluços perplexos do garoto que acompanhava tudo em conflituoso silêncio. Virando um pouco o pescoço, pude notar que o policial mantinha pleno controle da situação, apontando a arma para o negro ao mesmo tempo em que me perfurava com o bastão de áspera borracha secular...

BLUMEN

... é evidente que medos e dúvidas assolam nossa trajetória, mesclados com a inquietação e o tesão imensos a envolver nossos fracos espíritos atribulados. Sentimos aquela vontade insana de gritar, de teletransportar nossas mãos amornadas através dos *pixels*, e assim tocamos nossas faces afogueadas, enxugando nossas lágrimas petrificadas em palpitações e glórias.

“Lágrimas”. Linda palavra que revela o mistério do Amor. Perdi a conta do quanto já chorei por você.

Já não me envergonho em afirmar que no derradeiro e tão aguardado encontro físico, sinto que as palavras ficarão obsoletas no oitavo plano. Sei que duas lágrimas e duzentos soluços revelarão o quanto amo você, o quanto desejo você, o quanto foi necessário o meu navegar solitário durante séculos e séculos de saudades e ausências forçadas até adquirir o direito de compartilhar o mesmo plano que você, sabendo que esta – aleluia! – não será a última vez. A última vez em plano terrestre, pelo menos.

Durmo e acordo atrelado à sua presença. Suas imagens em praias, sofás e festas de formatura pipocam nas minhas telas e assim ganho o direito de viajar no seu sorriso tímido e na extensão dessas coxas e braços memoráveis. Sonho acordado em ser agarrado com boa pegada por suas mãos germânicas, viris e sensíveis, repleta de alienados desejos não mais ocultos. Excito-me só de vislumbrar a maravilha do teu sexo envolto em pecados inexistentes, bailando entre meus lábios e minha língua traquina.

Meu corpo liquefaz os ossos, enquanto imagino você todo inserido em mim-eu-mesmo, estocando a fundo sua imponência no meu rabo guloso. Ao mesmo tempo em que lambe minha nuca, que aperta meus bagos, que me prende e me cola em seu íntimo, como se nunca mais fosse possível uma separação de pelos e pele, suor e sêmen.

Na gloriosa tarde de chuva e frio, viajo numa outra realidade de um instante único com você, meu homem: deixando a farra do tempo lá fora embalando o nosso amor, enquanto nos roçamos – arqueiros arteiros! – debaixo das cobertas.

Quantos beijos gulosos e velcrados quero roubar dos seus lábios finos. Quantas línguas densas quero esquadrinhar pelo seu corpo transparente, sen-

tindo você a gemer e urrar a cada passagem da minha boca perspicaz, do meu cavanhaque sensual e desgrenhado, dos meus dedos rústicos a tatear todos os seus poros, dobras, orifícios sorridentes e costas largas.

Viajo na projeção de “n” tardes de chuva e frio, onde cada um se concentra na sua arte, navegando em cores, texturas ou parágrafos e romances; onde do meu canto, enquanto direciono meus personagens para o Amor ou para a Dor e brinco de deus, posso esticar meu olhar lascivo e apreciar meu amado do outro lado do cômodo, focando pinceladas difusas em mais uma tela não virgem, dando-lhe vida, cor e a revelação do Oculto.

Sorriso satisfeito e sorrateiro. Imagino o desdobramento de futuros “uau!” a mais uma coleção de premiadas obras-primas.

Você e eu somos detalhes inacabados no aguardo de um encontro que fundirá dois destinos no sorriso de uma nova Monalisa. Só eu posso decifrar você em palavras e poesia. Só você pode recuperar meu sorriso através de pinceladas repletas de tons pastel e alegrias cintilantes.

Já experimento na minha pele morena todas as manhãs de sol e ventos vindouros, enquanto suspiro diante do lindo casal pelúnico de mãos dadas a bailar pelas praias desertas de uma ilha comprida. Eu, em suor e sorrisos, a dirigir seus exercícios matinais, auxiliando-o em mais uma etapa agradável de bem-estar e saúde e superação.

Afinal de contas, como esquecer que sou eu o guardião do seu segundo coração?

Emociono-me ao sentir todas as noites futuras de filmes e cervejas, onde me divirto ao retirar as legendas dos vídeos, forçando você a decifrar outras línguas enquanto me beija. Fico em deliciosas histerias ao constatar seu surpreendente progresso – sempre fui um bom mestre! –, presenteando sua fronte com o décimo selo merecido, seguido de longos abraços e afagos a cada acerto seu na língua de Colin Firth, verdadeiro tesão das nossas fantasias.

Oh, meu alemão tresloucado, quero amar você em português, inglês e fodês...

BOA NOITE, SR. SEXO

“Sr. Sexo, é verdade que você transou pra valer com mais de trezentos caras durante toda sua carreira?”, perguntei-lhe com a cabeça na altura do joelho, novamente.

“Sim, sim, minha criança”, ele sorriu, abatido, como se tivesse respondido um milhão de vezes essa mesma pergunta.

“Protagonizei oitenta e sete filmes e fui profissionalmente para a cama com trezentos e dezoito homens diferentes durante doze anos de carreira, para ser mais exato. E mesmo nas cenas de sexo em grupo, jamais repeti um parceiro sequer, apesar da insistência dos meus produtores.”

O que para muitos poderia ser um choque moral, para mim soava o mais natural possível. A divindade ao meu lado fora um dos maiores atores pornô da história. O incrível detalhe de nunca transar com o mesmo ator mais de uma vez foi seu grande diferencial numa indústria carente de criatividade. Não havia em sua arte uma única sequência que não fosse capaz de excitar um homossexual ou simpatizante além do impossível.

Perdi a conta de quantas punhetas bati ao ver e rever suas performances. Nos famosos filmes de exatos trinta e seis minutos, quantas vezes eu fantasiava ser o outro, sentindo aquele corpo isento de pelos e cheio de sexos a estancar meu fôlego só de vislumbrar o brilho da tela vinte e seis polegadas!

E agora eu estava boca a boca do meu objeto de máximo desejo. Ombro a ombro com uma lenda. O maior e melhor de todos! Para mim-eu-mesmo era impossível que tudo aquilo destilava uma realidade: eu estava ali!

Peguei-me imaginando quantos bambees não dariam tudo – tudo! – para desfrutar daquele regalo único.

“Escolhi meu futuro ainda muito jovem. Eu tinha incompletos dezoito anos quando fiz o primeiro teste para um curta de décima categoria”, o ator gargalhou com a amarga recordação.

“Não entrei nessa onda forçado e muito menos fui obrigado a fazer o que eu não queria. Sempre houve prazer sincero em meu trabalho. Mesmo sendo extremamente seletivo, sempre dei o melhor de mim em todos os filmes e fotos que realizei”, revelou o artista, onde seu olhar sensato se perdia nos arredores da minha fascinação.

“É claro que naquele tempo o preconceito a esse tipo de atividade era algo quase insuportável. Fui expulso de casa. Perdi o contato com meus pais. Morei na rua. Dormi em lugares que você não conseguiria imaginar. Mas sempre mantive minha dignidade. Jamais precisei ceder meu corpo ou minha alma contra a minha vontade. Lutei muito para chegar ao topo dessa indústria, isso é um fato. Não me arrependo de nada, absolutamente nada do que fiz. Hoje sou um fegoso quarentão aposentado, plenamente realizado. Em todos os sentidos possíveis.”

Vivenciei aquele par de olhos pérola negra tornarem-se ainda mais brilhantes por causa do merecido orgulho. Eu queria acreditar que há muito tempo ele não desabafava seus sentimentos e verdades para alguém de sua plena confiança. A felicidade de fazer parte da vida do Sr. Sexo explodia nas extremidades do meu peito leitoso. Eu realizava mais do que um sonho erótico adolescente. Agora eu era o seu *amigão*. Meu Mercúrio confiava sua intimidade a um notório desconhecido. O mundo não podia ser mais harmonioso.

“Depois da fase ‘modelo’, fiz da fodaria uma arte entre machos... para machos. Sinto-me exultante pelo meu desempenho nesse universo. Abri pernas e portas. Deixei minha marca na beleza do envolvimento dos corpos viris, no enlace dos pelos macholinos. Porém, devo confessar, fui uma verdadeira catástrofe no envolvimento do coração.”

Houve uma pausa poética. Meu ídolo estancou em comovido silêncio. Havia tanto a dizer, mas sentíamos que não precisávamos verter todas as frases indiscretas de uma tarimbada Canção Psicológica.

“Antes que você me questione, transei com picas e rabos do mundo todo, mas só amei um homem em toda minha vida”, sua voz sumiu em seu bronzeado peito quilométrico.

Sr. Sexo falava o que lhe vinha à cabeça sem nenhuma interrupção de minha parte. Só o fato de ouvi-lo para mim já era ascender ao Paraíso.

Eu intuí sobre quem ele estava falando. O seu único grande amor foi uma potência mítica do futebol americano. Se eu tivesse apostado que R. D. fora seu grande companheiro em minhas pesquisas secretas, teria perdido feio, pois nunca imaginei que aquele gringo troglodita fosse capaz de amar alguém.

Sr. Sexo captou minha surpresa...

CAMBOTA

... acredito que o relógio marcava duas horas e qualquer coisa diminuta.

Naquele fim de setembro de um longínquo dois mil e nove amorfo, eu era o único ser bípede a perambular pela praia, encarando uma atípica geada das ondas flácidas a beliscar meus pés estropiados.

Após depressivo ciclo arrastando meus restos na imensidão de compacta areia serena, destronei o boné e resolvi autorizar minha careca a ser golpeada por preguiçosas lascas solares.

Senti uma vigorosa realidade a fisgar meus temores, e descambei numa nada discreta crise homérica de choro e soluços, permitindo que o Vácuo invadissem meu másculo peito avantajado numa profunda enterrada à queima-roupa.

Sei que minhas poucas palavras deixarão a desejar. Não estou nem aí se o meu relatês é péssimo, não calcado na boa ortografia ou a dita-cuja da Coerência. Apenas medite sobre a minha narrativa através das lentes cristalinhas do seu coração esperançoso.

O desabafo aqui cuspidado não exprime toda a verdade. Nada é capaz de pincelar com cores fluorescentes a ascensão da minha saudade acinzentada.

Observo tons opacos, disformes, quase esquecidos. Em transe, rodopio seu princípio de barba cerrada na frente das minhas retinas vitrificadas.

Sobre tudo aquilo que construímos – oh, céus! – eu não consigo acreditar que me restou apenas um pedaço de papel sagrado a acariciar com ternura as pontas dos meus dedos oleosos: uma foto do seu belo rosto em branco, negro e prata.

Como eu queria que a gasta imagem ganhasse vida e o quase finado brilho do papel amarrotado se transformasse no calor suave da sua respiração a orvalhar meu rústico mamilo esquerdo.

Naquela quase noite, a dor era tão sufocante que até mesmo a parceira Poesia fez de tudo para se afastar das minhas carrancas e murmúrios, alegando que precisava desanuviar seus próprios pesares em afogatórios mergulhos de escape. Oh, que merda de contradição. Afinal de contas, a Dor não é a razão de viver da Poesia?

Acontece muito comigo. Andar de braços dados com o Senhor Vazio num agarramento pervertido sem fim, só recomeços.

Eu tenho que rir das minhas inconseqüências.

Oh, quanta submissão! Imaginar que ainda estou casado com o homem dos meus pesadelos, mantendo-me isolado de todos que eu amava.

Eu e ele, hipócritas, perdidos num universo revestido de fofocas, mentiras, paranoia, credices estapafúrdias e idolatradas fases da lua.

Eu, o Grande Fodão, aquele que costumava tanto se gabar na virtualidade por trazer esperança de dias felizes a um colorido mundo imaginário através das minhas histórias fantásticas, agora vago a esmo, sem cessar, num vício infinito. Sou um corcunda pelúnico num desnorteio completo.

Andando, andando, andando.

Eu mantinha fios de esperança de focalizar a miraculosa saída na Ponta da Praia, localizada no encontro do misterioso Mar Pequeno com o belo Atlântico que protegia minha surreal ilha comprida, antes que a Luz fosse embora para a terceira banda asiática.

Entre delírios, eu olhava vidrado para frente enquanto meus temores observavam a periferia, sentindo meu ser igualado a um fugitivo à procura do bendito arco vermelho candente que selava a única passagem da minha definitiva liberdade.

Oh, ela não existe! Ela se esconde no lado direito do Umbral!

Ela não materializa suas perfeitas linhas pastreanas diante da minha fuça trêmula. Ela se mantém lacrada em mistérios e senhas traiçoeiras.

A porra é que eu posso sentir a morfética! Ela irradia o impossível vermelho de outros infernos. Ela ri da minha tosca máscara amorenada recoberta de castanhos pelos desgrenhados. Ela entranha sua voz rouca e irritante em meus ouvidos pingantes:

“Cadê a chave? Cadê a PORRA da chave, seu idiota, merecedor de merdas!”

Eu sei, eu sei Santa Porta. Só agora compreendo que desperdicei a chance extrema. Como é dolorido recordar aquele dezoito de junho de noventa e seis – ai meu deus! –, eu deveria ter revelado a totalidade dos meus sentimentos, mas optei pela fuga da minha falha convicção enrustida.

Meu único arrependimento? Foi não ter feito, dito, assumido o que era certo diante do meu homem ideal.

Ele, meu Gauchalemão, então embebido em mágoa e burrice, fez o filho naquela outra, a inocente Polaca...

CASADOS FRUSTRADOS

... agora, enquanto digito e gravo minhas peripécias (meu confessionário?), começo a rir, nervoso, indiscreto, ao lembrar as ciladas que alguns amigos, também casados, crentes, frustrados, se meteram ao buscar seus complementos trajando pintos nas abarrotadas salas de bate-papo do *uóu* ou em perfis mentirosos nos *orcutes* da vida, onde o pseudo-anonimato deveria garantir o acesso a um mundo de possibilidades, de delícias virtuais jamais desmascaradas.

Nós, os Casados Frustrados, sempre gritamos no Clube dos Hipócritas que somos machos traidores orgulhosos, que não negamos a nossa raça morfética, e fazemos panca de que buscamos cus, buças e caralhos anônimos somente pelo prazer da fodaria sem sentimentos, sem compromissos, tudo devidamente desvinculado das nossas vidas perfeitas à luz da parábola no morro errante.

Mas o que poucos dentre nós têm coragem de assumir, é que no íntimo desejamos desesperadamente encontrar alguém que saiba, acima de tudo, ouvir e compreender e aceitar os nossos lamentos.

Buscamos alguém que possa iluminar nossas almas atordoadas, embotadas na mentira; alguém que possa nos ajudar a espantar nossos próprios demônios.

Buscamos exatamente o que não conseguimos encontrar mais em nossas parceiras: companheirismo, atenção, carinho e – acredite – em último lugar estão alguns prazeres sexuais simples, como uma trivial “chupeta” ou a vontade de penetrar “por trás”.

Até hoje fico perplexo ao saber que há mulheres que se gritam “antenas”, abertas, vividas, liberais (Maria Eduarda faz questão de posar como Super Vulva Século Vinte e Um) e na intimidade dos nossos quartos claustrofóbicos ainda se recusam a chupar o caralho ou a dar o rabo para seus próprios maridos!

Sonhar em ter meu cu lambido por ela? Nem pensar!

Que abominação, santo deus!

Oh, Guilherme. Quanta saudade das tuas línguas em ferro e fogos!

A merda desanda quando nós é que temos a obrigação de meter a língua em seus orifícios, deixando-as alucinadas pelo tempo que elas quiserem, e

manter nossos mastros rígidos pelo tempo que elas impõem; tudo para satisfazer seus prazeres egoístas, sem nada compartilhar em boa troca.

Volto a rir, quase descambando para a histeria, pois Maria Eduarda nem para isso presta. Ela deita, eu subo sobre seu corpo, ela vira o rosto, eu cuspo e posiciono o pau, ela deixa entrar, eu subo e desço, ela olha para o âmbar cintilante no centro do abajur maternal, eu me concentro e rememoro o rabo do Guilherme, ela produz falsos gemidos, como a me dizer “goza logo, seu desgraçado!”, eu entendo o sinal, ela mastiga meu pau esfolado com a sua fenda arenosa, louca para cuspi-lo o mais rápido possível, expulsando-o de seu buraco seco; eu gozo, ela faz cara de “ufa, graças a deus!”, eu preciso descansar um pouco, quero respirar, ela afasta meu corpo com os cotovelos, eu me atiro para o lado, triste, exausto, ela corre para o banheiro, eu pego lentamente meu copo com água, ela se esfrega por boa meia hora, eu já degustei meus comprimidos róseos, ela some da minha consciência, eu despenco em sonhos suicidas e no meu mundo vivo a flutuar no paraíso TJ, tendo meu corpo levantado, comparado com a bola de vôlei atirada para o alto, sendo servida, cortada, arremessada com raiva e tesão para o lado de lá da quadra, aniquilando os adversários, desorientados, ao me ver quicando no chão, triunfante.

Orgulhoso, Guilherme sempre ri após o serviço bem executado. Sou sua segunda bola na hora da Grande Decisão. Ele me eleva, me posiciona, me serve, me conduz, me faz reverter resultados em pontos, em gratificantes vitórias.

Eu tive sorte de encontrar Guilherme.

Que delícia de companhia abençoada...

CHICO

... o cachorrinho do meu tio – que se chamava Grace Kelly! – destilava suas travessuras, pulando daqui pra lá, de lá pra cá, tentando chamar nossa atenção. Achei a cena divertida e um tanto comovente.

Eu AMO cachorros.

E dá-lhe mais papo furado...

... e também mais cerveja!

Tudo era perfeito.

Um domingo-titio-sobrinho-feliz.

Com chave de platina, eu fechava um dia bem proveitoso. Afinal, fazia séculos que a gente não conversava assim, só nós dois.

Lembrei-me que a última vez em que eu e meu tio estivemos juntos foi no casamento da minha irmã, Cristina.

Não demorou muito para que um assunto entalado trouxesse novo rumo para o nosso bate-papo descontraído. Eu nem sei exatamente como surgiu a razão do choque, mas bastou uma simples frase para paralisar de vez meu coração.

Meu tio Milton fez um comentário sobre você. Abriu as revelações, entre pigarros e uma boa dose de sarcasmo, afirmando que de vez em quando ele cruzava com você na Avenida dos Ferroviários.

Comentei, sem graça, que eu também costumava vê-lo com frequência desfilando de bicicleta; muitas vezes acompanhado com um ou outro amigo. Mas eu era sumariamente ignorado, a contragosto.

Enquanto meus pensamentos divagavam na saudade, Milton soltou a maldita frase: “O Chico ainda ama você... desesperadamente!”.

Acho que parei de respirar durante setecentos segundos, pois não consegui esboçar nenhuma reação natural. Eu não esperava ouvir aquilo.

Voltei minha vida ao fatídico setembro de 1989. Minha razão tentava me controlar, enchendo minha mente de respostas lógicas, porém nada confortadoras.

Meu tio não me aliviou detalhes de nada. Eu, por dentro, entrava em desespero por respostas verdadeiras do que ficou pendente num longínquo: “A gente se vê!”.

Ah, Chico, o filme do nosso passado inundou meu espírito de doces recordações. Havia detalhes que eu realmente não sabia. Talvez jamais soubéssemos de toda a verdade.

Meu tio percebeu meu estado emocional beirando o “péssimo” e tentou em vão mudar de assunto.

Falou, falou e falou outras baboseiras que para mim-eu-mesmo já não sustentavam nenhum sentido. Para piorar a situação, Milton disse, numa segunda frase que ficou solta no ar, que você, hoje, me odiava!

Sinceramente – nem sei exatamente se aceito ou não esse fato – acho que tenho que concordar com ele.

Agora estou aqui. O domingo já desencarnou e cá estou sonhando no fim da madrugada de um novo dia. Eu não consigo abandonar a cama que acolhe meu corpo amarfanhado.

Confesso: de um jeito maduro e sereno, ainda te amo, Chico. Você foi um homem marcante em minha existência.

Só quero, um dia, olhar dentro dos seus olhos castanhos e lhe perguntar com meu olhar melado se você realmente me amou com toda a força do...

Você sabe onde eu quero chegar.

Sonho em rever aquele brilho no seu olhar. Como aconteceu da primeira vez quando unimos nossas almas num amor que deveria ser perfeito. Foi um acampamento inesquecível...

CINEMA

... bom, voltemos ao relato do meu dia após dia que se repete dia a dia.

Chego ao cinema dez da manhã; pontualmente. Na maioria das vezes sou um dos primeiros clientes a penetrar no recinto semi-iluminado, onde aquele etílico cheiro de nicotinosas porras vencidas impregna o ar adubado.

Na tela, as falsas putas falsas dão um duro danado para satisfazer seus ganhões. Filmes de enésima categoria.

Pois o babado fumegante é o que acontece nos cantos escuros, estratégicos, pulsantes de cacetes sendo bimbolados para fora das calças, loucos para sentir uma boca gulosa ou, o que é melhor, sedentos para foder um rabo qualquer de um Beesha que se preste ao menos a executar muito bem o serviço. Grátis! Sempre dei graças!

É agora que começa minha festa particular. Sem nomes, sem identidades, sem cobranças, sem firulas, vou apalpando todo tipo de verga que surge no meu desfilar provocante entre paredes carcomidas e poltronas esfareladas.

Para aquecer, começo minha atividade batendo uma para algum velhote parolo. Logo em seguida, busco algo para rebater no céu da minha boca. Chupo um, dois, no máximo três – um atrás do outro – ou tudo ao mesmo tempo agora... realmente não importa. Nada importa!

Após o breve aquecimento, jogo minha brancura numa poltrona fedorenta qualquer.

De lado para a tela, aproveito a luz difusa para apreciar o panorama geral: dezenas de casados de lá pra cá, de cá pra lá, apertando seus paus decadentes, à procura de um ou mais parceiros zumbis que lhes satisfaçam momentaneamente.

“Ei, *bofie!* É você mesmo... com cara de pedreiro! Eu tô aqui!”, digo apenas jogando um olhar certo de puta virgem de segunda viagem.

Jamais aguardo por muito tempo. E lá vem um idiota apontando o caralho empinado na direção do meu primeiro paraíso. Fecho meus olhos, abro bem a boca, dou uma boa lubrificada no cacete errante.

E dá-lhe vai e vem concretos entre gemidos falsos de vazia satisfação.

Em seguida, ponho-me “de quatro”, ali mesmo, entre as poltronas vermelhas de couro gasto. Um estranho mete um porrete cheirando a mijo re-

cente no meu rabo branco e depilado. Eu não ligo. Daqui a pouco eu limpo o danado com minha saliva acre.

Vamos lá meu amor, fode gostoso esse rabo albino!

“Você dá melhor que puta! Ai, ui, vou gozar no teu cu, sua beesha!”, esse é o elogio trivial.

Três minutos e tudo acabado. Fim do primeiro *round*.

Não dá nem tempo para me limpar direito. Logo vem outro brutamente e uma nova vara velha entra e sai do meu cu largo, em chamas.

Burn, Beesha, Burn!

Aproveitando o embalo, enquanto sou fodido atrás, pintinhos cintilantes de estudantes ainda cheirando a Ovomaltine materializam-se à minha frente. Dois frangotes que mal escaparam das fraudas de um ensino “fodamental”.

“Venham se divertir com a tia de branco!”, eu penso e cativo inocentes de imediato.

Chup, chup, chup, caralhada. Rebolation atrás e na frente.

E mais uma vez meus orifícios são inundados por seivas espessas ou aguadas, em portentoso volume, num dos buracos.

Ou algumas gotas em outros.

Realmente, não importa.

Nada importa!

E assim caminha a decadente humanidade.

Para recobrar as energias, dou umas voltinhas pelos quatro cantos do cinemão. Só pra pegar um ar, dar uma enxaguada de leve na boca com meu mini Listerine, onde em seguida metade de um pacote de Hall’s sempre dá conta do serviço.

Hall’s Extra Forte. Esse é o segredo, beesha!

E não acaba por ai não! Logo me ajoelho diante do senhor com cara de porco ou contador ou advogado. Todos são a mesma merda.

Chupo, chupo, assopro, ponho uma rolhinha na ponta; tudo para levantar a alegria do idiota. Saio com a cara beterraba, suada, lambuzada de leite condensado fora da validade.

O velho vai para o banheiro se lavar, maravilhado com o boquete inescquecível que só um beesha como eu é capaz de proporcionar...

CLUBE DOS URSOS

... após satisfazer minha fresca necessidade, tentei “apreciar” com ânimo renovado os atores ocultos daquele palco abandonado na primeira dimensão abaixo do Zero Absoluto. No fundo do salão, os machos jogavam baralho numa mesa prestes a perder o senso de equilíbrio. Notei que eram Caminhoneiros versus seus respectivos Auxiliares. Divertiam-se num jogo barulhento, cheio de sinais e malícias que não tive tempo, nem saco, de compreender.

Outros dois sujeitos me encaravam com revoltante determinação. Um deles era alto e muito forte, quase uma porta maciça feita de músculos e gorduras muito bem localizadas. Inúmeros pelos loiros acinzentados no peito saltavam do “V” da camisa verde-soldado, desabotoada.

O outro era um pouco mais baixo, pele bem tostada pela vida complicada, dono de uma barriga proeminente e uma barba desalinhada, que me causou pungente desprezo. Notei putaria no olhar de ambos. Algo estava para acontecer.

Um cochichou no cangote do outro. O sorriso malicioso surgiu no rosto do Barriga. Ele veio – pra lá de decidido! – na minha direção.

“Perdido no fim do mundo?”, cantarolou Barriga, envolto num riso sarcástico.

Notei um treco dourado dançando na ponta da sua barba grisalha, enquanto ele – sem autorização – fazia voltas com o dedo indicador nos pelos que despontavam no “U” da minha camiseta Hering.

“Houve um problema mecânico com meu ônibus. Pelo que entendi, acho que vão trocar de veículo”, respondi, seco.

Meu olhar não desgrudava da joia reluzente dançando na sujeira aparente daquela fábrica de pelos desgrenhados.

“Eu fiz uma aposta com meu parceiro ali...”, disse Barriga, aproximando seu hálito absinto do meu rosto descorado.

“Ele acha que você não aguenta o instrumento dele inteiro na sua boca”, a mistura de excitação e medo ao ouvir tamanha audácia quase travou meu coração.

“Diga ao seu amigo que eu só transo com homens... de verdade!”, fulminei meu pretendente do outro lado com um olhar incapaz de convencer ninguém.

“Não estou interessado em qualquer coisa que possa existir debaixo daquele jeans imundo”, apontei o oponente, distribuindo meu olhar mais nefasto.

“Hum, sendo assim, então... sou eu a te possuir, combinado?”, cacare-

jou Barriga, visivelmente excitado, acariciando o membro que latejava atrás do trapo de pano que lhe cobria as partes baixas dos férreos músculos pelúdicos.

“Pois eu sou um homem de verdade e posso fazer você urrar de prazer ou dor quantas vezes eu quiser”, Barriga bradou, entre gargalhadas cavernosas, enquanto alisava suas bolas metálicas.

Disfarcei minha atenção no resto de Coca-Cola quente que ainda existia na garrafa, desprezando assim o sujeito que me causava nojo e inquietação.

Joguei uma nota de cinco sobre o balcão, apanhei minha mochila entre meus pés e meu lazarento instinto sexual arrastou-me ao banheiro, encontrando sem dificuldade nas laterais do vapor nicotinoso.

Pra variar, o local era imundo, emanando urina milenar. Desaguei o que devia no vaso sanitário esverdeado. Ouvi um barulho de porta sendo aberta. Eu não estava mais sozinho.

Barriga e seu comparsa entraram juntos. O Porta ficou na porta, impedindo a minha retirada estratégica daquele cubículo.

“A gente quer você!”, senti o gasolínico hálito agora azedo do meu admirador pontiagudo.

“A questão é que talvez eu não queira nem ele, nem voc...”, sua boca invadiu a minha, impedindo-me de liquidar o jogo de máscaras.

Senti uma língua babosa me possuindo, enquanto mãos estúpidas estapeavam com força todas as minhas nádegas indefesas.

Barriga virou-me violentamente e meu semblante cadavérico encontrou a frieza dos azulejos azuis daquele recinto fétido. O sexo volumoso brigava com a pança enorme pelo direito de abocanhar o meu traseiro assustado. Virei o rosto em direção à saída. Porta se deliciava com a cena, massageando por sobre o jeans gasto aquele seu incrível instrumento de arregaçar poços artesanais.

Não sei por quanto tempo ficamos naquela esfregação.

De repente, Barriga se afastou do meu corpo, mas permaneceu segurando com firmeza um dos meus braços.

“Venha, rapaz”, ele disse, quase que num grito, transpirando em bicas.

“Vamos mostrar ao Escolhido o que é uma foda de responsa!”, notei o brilho do pecado em seu olhar catatônico, quando consegui virar meu esqueleto de frente àquele que desejava me arruinar...

CORINTO

... o dia do Grande Desafio chegou.

Como de costume, saí de casa por volta das cinco e pouco da tarde para curtir meu doce momento de ligeira liberdade. Ocultei meus apetrechos selecionados e prontos para uso imediato numa bolsinha escondida por baixo da blusa de moletom.

Chegando ao parque, corri até um banheiro feminino pouco utilizado nos dias de semana. Sentindo-me “a” profissional, montei meu rosto de Comedor em angustiados dez minutos.

O resultado? Maravilhoso!

Aguardei a secagem da máscara.

Olha daqui, olha dali, saí radiante para a primeira caçada. Não deu nem tempo de esquentar meu traseiro no estratégico banco de madeira escolhido a instinto, pois uma borboleta espalhava purpurina na minha periferia, consumindo-me com um olhar do tipo “pelamordedeus... eu preciso DAR pra você AGORA!”.

Sua cara fina e branca de falsa menina-moça estampava a esperança de ser arrebatada por um novo macho carrancudo, sem estribeiras. No instante preciso, bastou atirar-lhe um olhar bem treinado para que ela viesse saltitando em minha direção, babando orgulho por causa da Sorte Grande.

Até que minhas poucas aulas de teatro praticadas na juventude resultaram em pantomimas bem realistas. Eu estava me saindo muito bem, obrigada!

Debutei uma expressão de poucos amigos quando Borboleta pousou ao meu lado. Ela iniciou o papo com uma saraivada de clichês universais: Você vem sempre aqui? Qual é o seu nome? Quantos anos você tem? Faz o que da vida? Tem namorado? Você é Ativo ou Passivo?

Eu queria explodir em gargalhadas ao ouvir a voz fanhosa característica das – como Jonas me ensinou – Quaquás.

Quase pus tudo a perder. Para não liquidar meu disfarce, permaneci muda e séria o tempo todo, pigarreando e indicando que eu estava sem voz por causa de qualquer coisa estranha a travar minha garganta rústica!

Borboleta fez que acreditou. Fixando o olhar verde-musgo na minha fina aliança que gritava um dourado delator, era patente que ela estava acos-

tumada com a horda de Enrustidos casados a frequentar aquele clube tarimbado. Tomando todas as iniciativas, Borboleta tocou de leve na minha coxa esquerda, insinuando sua mão a procurar algo impossível. Cumprindo o roteiro “sou tímido, é a minha primeira vez”, bloqueei o caminho do seu destempero.

Por intuição animal, levantei-me decidida e atrai Deslumbrada para a famosa zona das pegações eternas. Sozinhas nas laterais da mata fechada, ela procurou meus lábios. Correspondi, sentindo o gosto eucalipto de uma boca que beijava muito mal. Foi um custo fugir das suas investidas contra a parte baixa do meu corpo.

Eu havia amarrado vinte quilômetros de faixas em volta dos seios, moldando meu peitoral de um jeito tão espartilho que muitas vezes me faltava toda qualidade de ar.

A mistura de desespero, medo, culpa homérica, vontade e satisfação plena ao realizar minha tão aguardada maneira correta de foder despejou dez toneladas de adrenalina na minha vagina e boca e orifícios orvalhados, gerando um invólucro agressivo que não fazia parte da minha atual personalidade...

DAREL

... ao despertar dos seus devaneios assim que o carro estacionou, Élvio percebeu que estavam no subsolo de algum prédio decadente. O rapaz viu canos pastosos repletos de fungos esverdeados por todo canto. Notou também o emaranhado de fios coloridos que pendiam, descascados, de vários pontos dos pilares que eram obrigados a amparar não-sei-o-que.

A mistura das fragrâncias de mofo pinhosolícito, gasolina e querosene beirava o insuportável, ao mesmo tempo em que toda aquela atmosfera criava um clima esmerado para uma boa fodaria; um roteiro fascinante bem melhor elaborado do que todas as fantasias que Élvio um dia fora capaz de idealizar.

Oswaldo segurou as orelhas de Élvio, forçando o rapaz a abocanhar seu *alien* que pulava de uma vez para fora do agasalho. Élvio, aturdido, tentou de todo jeito sentir prazer durante aquele ato, ora chupando a viga mestra, ora sugando a barra de carne que cheirava a mijo ancestral.

Um dedo intruso buscava confirmar a existência do lacre da suprema virgindade. Oswaldo apalpava com boa dose de truculência as nádegas de Élvio, enfiando com crueldade o dedo indicador no meio daquele rabo macio, por cima do *jeans*, na direção do róseo até então intocado por outro macho.

Oswaldo gritou com Élvio, empurrando sua cabeça para longe do seu sexo podre, afirmando que o rapaz pagava um péssimo boquete e também que tinha pressa para realizar o ato, pois ambos não poderiam permanecer naquele local por muito tempo.

Élvio questionou qual o motivo dos dois não ficarem mais à vontade no apartamento de Oswaldo. O tratante desconversou, afirmando que ali eles poderiam realizar com maior prazer e privacidade uma das fantasias que Élvio havia lhe revelado em um dos milhares de *scraps*, via Orkut.

Mudando radicalmente de comportamento, tornando-se amável de um jeito fora do comum, Oswaldo presenteou Cabreúva com um carinhoso abraço. Em sua visão periférica, focou todas as direções, apertou um botão no painel, saiu do carro e pediu com um timbre meloso que Élvio fizesse o mesmo.

Com a porta de trás da Suprema bem escancarada, assobiando trechos de Wagner com toda calma do universo, o estranho ajeitou um plástico-bolha por sobre o assoalho do carro, certificando-se que tudo ficara bem coberto,

inclusive a parte de trás dos bancos, para que nenhuma sujeira pós-trepada impregnasse o carpete gasto.

Um Élvio petrificado, sem nada entender, foi literalmente carregado para o vão do que ele acreditava ser um gigantesco porta-malas. Osvaldo, experiente, pôs o rapaz de quatro, baixando-lhe rapidamente as calças, enquanto preparava seu membro para deflorar de uma vez por todas a sua bixa-virge.

Sugando todas as pregas do novato, o dominador proporcionou o primeiro e único prazer do rapagote, que se contorcia em ângulos requebrados, piscando o rabo açoitado por uma língua brucutu.

Osvaldo cuspiu e lubrificou com severidade um cu assustado, ora relaxado, ora travado ao extremo.

Quando o selvagem enterrou o pau desprotegido, o interiorano rabo transpirou um uivo sufocado por uma estocada pesada, fedida e gosmenta.

Élvio caiu na real e percebeu que sua fantasia, seu encontro com o namorado-virtual, seu sonho de ser amado intensamente pela primeira vez dava lugar a um estupro premeditado, porcamente calculado nos mínimos detalhes.

Osvaldo tapava a boca de Élvio com uma das mãos e com a outra apertava, desajeitado, a garganta do rapaz. O peso das suas pelancas e a potência do seu grosseiro sexo disforme asfixiavam todas as esperanças de felicidade e realização de Élvio, que ia rapidamente perdendo os sentidos, onde toda sua penosa vidinha cabreuvística pululava em flashes diante do seu olhar perdido, vítreo, triste, desfocado.

Gritando além do horizonte, o Abominável encerrou seu ato depravado, orgulhoso de ver seu Potente banhado em sangue, ao retirá-lo ainda rígido do vazio que fora criado na alma de Élvio.

Aturdido, Interiornildo ainda tentava compreender tudo o que acontecera em menos de três minutos. Sem tempo de aprumar os últimos pensamentos e primeiros sentidos em ordem lógica, seu corpo foi revirado com experiente revolta, e um caralho repleto de sangue, cracas de porra e filetes de merda foi enfiado em sua boca, tapando o que lhe restava de energia e vontade de viver...

DELICADAS

... que alívio constatar que não havia quase ninguém transitando por ali, naquela hora. A famosa Praça da Paz, localizada bem no centro de Lovland, é constituída pelos seguintes elementos cênicos: ao meio, uma imponente escultura do conquistador da ilha (feito realizado em 1938), Peter Schwarz; uma série de bancos em ardósia ao redor do homem de bronze, formando uma meia-lua respeitosa sobre um piso de tijolos rústicos em tons acobreados; uma linha natural de coqueiros, pinheiros e araucárias fincados pelo Criador num arranjo sublime, estranho e, para muitos, inconcebível, emanando uma beleza que até hoje encanta e encuca os passantes, onde o conjunto de árvores frondosas traça majestoso caminho que conduz os transeuntes a uma trilha que desbrava uma excitante mata fechada que, por sua vez, desemboca na mais bela praia da ilha: Gobsun.

Fora de mim-eu-mesmo, aguardei o Novo durante uns treze minutos.

* * *

Ele surgiu por detrás da banca de jornal do Sr. Schwabe. Sentou-se no oitavo banco, sozinho, onde uma requentada versão de um olhar consternado parecia buscar o alívio excelso ao contemplar por um período infinito a fachada da igreja de São Crabedian, padroeiro de Lovland.

A poucos metros do velho homem, apenas um casal de adolescentes trocava selinhos de um amor ficante, inútil, passageiro. Logo mais adiante, do nosso lado esquerdo, havia algumas crianças disputando uma acirrada partida de bolinhas de gude num provisório descampado de terra, cena que me turvou o olhar riscado em lágrimas pendentes, recordando-me uma infância feliz, porém solitária. Eu adorava jogar bolas de gude. Era a única chance que eu tinha de ser alguém no meio da molecada.

De onde eu estava, inspirei o ar tépido da noite desnuda, firmei o passo e aprumei a postura, seguindo confiante a trilha do meu destino, usando como proteção bem diante do peito a tal latinha florida que poderia me salvar de mim-eu-mesmo. Ou não.

“Oi. Ocupado?”, perguntei, querendo morrer e ser sugado para o centro

da terra imediatamente após proferir tamanha bobagem.

“Oi”, disse o velho, com a voz empastada.

“Toma. É... pra... você!”, despejei de bate-pronto o meu pacote sobre o moribundo, numa atitude ansiosa, amadora, tosca.

Eu não sabia como agir e não tinha ideia do que fazer a seguir.

“Flores... p... ra mim? Quanta gentileza!”, ele gaguejou, abalado por causa do meu fofo ato destrambelhado.

“Posso me sentar ao seu lado?”, questionei, um pouco mais seguro, tentando me concentrar em cada passo, em cada palavra.

“Claro”, ele respondeu, enquanto acariciava, confuso e excitado, as fitas azuis e douradas do magnífico arranjo.

Ficamos em silêncio por desajeitados trinta e sete segundos. O embaraço foi cortado por um:

“Muito obrigado pelas flores. São lindas. Posso abrir o arranjo para sentir melhor o aroma das pequeninas?”, perguntou Ansioso, estampando no semblante um ar quase infantil.

“Ah, sim. Claro. Por favor, faça isso!”, respondi, buscando confiança em algum lugar obscuro do meu interior abismado.

“Meu nome é Kauer. Johann Kauer”, murmurou Tímido, afoito em desatarraxar os laços que Leo havia moldado com tanto esmero.

O coitado se divertia, como a desembrulhar o primeiro presente dum oitavo Natal...

DIEGO

... quando algo nos perturba e não encontramos uma saída ou resposta eficaz para solucionar um problema, é natural que passemos por um período de confusão mental que eleva nossos níveis de paranoia e, naturalmente, sem encontrar uma direção, caímos em estados depressivos, rodopiando num círculo vicioso sem fim, acreditando que nosso futuro será sempre sombrio, sem esperanças de um recomeço.

Nós queremos fugir da dor, mas, ao mesmo tempo, ela se torna tão impregnada em nossa mente que ao menos sinal de melhora física ou paz interior, é como se ser feliz fosse um tremendo incômodo e logo retornamos ao vício do desespero, criando projeções mentais que voltam a perturbar nosso espírito atribulado.

É o que anda ocorrendo contigo: mesmo não tendo absolutamente NADA no lado físico, a todo instante você recorda os dramas pelos quais passou, projetando o passado no seu atual presente, não se permitindo levar uma vida normal, pois sua mente precisa “sofrer” e o seu corpo necessita da adrenalina que a dor proporciona, onde não sobra espaço para que você respire novos ares e viva com mais liberdade a sua vida.

Para mudar os estados de apreensão, você precisa aprender a cultivar o Foco, isto é, redirecionar os pensamentos para coisas positivas e construtivas, impedindo que o vício na dor se manifeste.

Com o tempo, quando você resolver idealizar situações lógicas e REAIS, você perceberá o quão ridículo tem sido sua existência até ontem e finalmente compreenderá que a Dor nada mais tem a acrescentar no seu destino.

Uma vez enfraquecido todos os níveis de desconforto, como que por mágica a Depressão vai embora e então você passa a ver o mundo sob um novo prisma, compreendendo a razão de tudo ao seu redor, angariando uma força e uma vontade louca de viver em plenitude como você jamais imaginou.

Sempre que você se sentir fraco e “sem chão”, apenas recorde tudo aquilo de bom que você já conquistou. Com o tempo você vai descobrir que bastam poucos minutos para que você sinta e compreenda o incrível poder regenerador que sempre fez morada em você!

Puxa vida, Diego, você é um batalhador que já superou tanta coisa!

Você é lindo, é jovem, é esforçado, é inteligentíssimo, é sensível, é corajoso, é forte e é decidido. Apenas se sente incompreendido e não encontra forças para manter sua autoestima.

Aprenda uma coisa superimportante: só você pode salvar você mesmo, pois a salvação do homem está em si e não “lá fora” ou “no alto”.

Tenho certeza que todos os seus passos foram dados com muita dificuldade, mas você tem que olhar para trás e se sentir orgulhoso pelas conquistas que já alcançou.

Você deixou o lar paterno lá no Paraná e hoje tem um canto só seu; pouco importa se você mora num quatinho ou num palácio, mas é o *seu* espaço.

Você tem sua motoca lindona, uma companheira arisca a lhe proporcionar a liberdade de ir e vir. Que tal, nas horas vagas, você se dar de presente passeios descompromissados aqui mesmo na nossa tão bela região?

Por que não passar boas horas conhecendo novos destinos, talvez parando numa vilazinha tranquila e tomar um substancioso lanche, talvez rodando por estradas fora do “burburinho” e curtir a natureza, talvez ousar um pouco mais num feriado qualquer e traçar um plano de viagem até um lugarzinho especial que você sempre quis conhecer?

Viajar é a melhor universidade da vida!

E se você ainda não estiver preparado para sair e prefere degustar mais a sua privacidade, um bom conselho é começar a ler.

Um livro é uma ótima companhia. Além de você curtir uma história inusitada, o ato de ler constantemente vai lhe proporcionar só benefícios: amplia sua cultura e os deleites da imaginação, melhora o seu vocabulário, te leva a conhecer outros mundos e, o mais importante, auxilia você a não permitir que a Dor volte para lhe incomodar...

DOIS

... era chegado o momento mais difícil.

Eu tinha que ler a porra da carta escrita pelo morto. Gloria respeitou meu momento, deixando-me isolado com o pedaço de papel acastanhado.

Ignorei o tempo, caminhei pela sala cada vez mais claustrofóbica, me afundei na segunda poltrona, limpei meus olhos ardentes, tomei coragem em eliminar as dobraduras cuidadosas do papel craqueado.

Em instantes, uma declaração de amor ganhava vida na minha leitura pausada, lenta, quase travada por causa da emoção e da total surpresa diante de uma revelação inesperada:

“Zeeg, é engraçado como escondidos atrás de uma folha de papel ou, sendo mais moderno, atrás de uma tela mágica descobrimos a coragem de expor muito daquilo que sentimos por outro alguém. E o que sinto por você, acredite, é algo mais do que profundo, intenso, sincero, correto, honesto e eterno. Sim, Zeeg, eu te amo. Aprendi a amar você assim, através da sua arte, através daquilo que você deixa explícito dentro das suas garrafinhas de leite da vovó... que eu nunca tive! Eu sou um ninguém oculto numa ilha estranha. Mas sou um cara que soube se guardar para o homem certo. Que soube se preservar para um dia desfrutar com todos os direitos as belezas e as maravilhas intrínsecas ao Amor. Hoje, acho que estou maduro o suficiente para revelar ao mundo, ou, pelo menos, ao homem que mais amo nesse mundo, aquilo que eu sou, aquilo que penso, aquilo que guardo de mais precioso dentro de mim. Foi realmente um parto sucumbir a coragem de escrever linhas tortuosas num saco que é usado para guardar o pão da vida. Não ria das minhas excentricidades. O pão da vida, engraçado minha visão das coisas, você não acha? Não importa como eu consegui, mas eu tenho uma obra sua. E, para mim, ela representa a união perfeita entre nós dois. Tudo já estava escrito! Sim, Zeeg, você criou essa obra pensando, gritando, implorando para que alguém descobrisse o segredo entre as camadas de penduricalhos dispostas com simetria inigualável dentro da garrafa de leite: minha lâmpada mágica! Fui o Escolhido, porque somente eu consegui decifrar todos os seus enigmas, meu amado Zeeg. Eu decifrei o poder dos cristais (sou eu e você); eu juntei as peças da fartura e do símbolo sagrado do matrimônio. Eu até

guardei alguns trocados para um dia comprar as nossas alianças de casamento! Sim, Zeeg, eu quero me casar com você. Quero ter a minha primeira noite com você. Quero ser seu homem e sua mulher e seu complemento perfeito na cama e, principalmente, fora dela. Quero devorar a sua alma e suas carnes. Quero penetrar o centro dos seus mistérios. Quero me afogar nos seus beijos. Quero ser deflorado pelos seus dedos e línguas e sexos e liberdades! Quero trilhar as mesmas passagens que você trilhar. Não por submissão aos seus princípios, mas sim por desejar ardentemente caminhar ao seu lado. Aprender tudo com você e ser útil na evolução da nossa existência em comum. Tomei a coragem de escrever aquilo que sinto há anos (ou seriam décadas, séculos?) por você. Dentro de poucas horas, interpelando sem medo você durante a sua caminhada noturna em Gobsun, finalmente darei o passo mais decisivo da minha vida, lendo em alto e bom som aquilo que apenas rascunhei num pedaço de papel cheirando a trigo e labutas. Sim, apenas rascunhei, porque o resultado final da minha melhor obra será mostrado e selado e partilhado com meu marido, hoje à noite, 18 de junho de 2007, durante uma longa e intensa luta de nossas espadas flamejantes digladiando-se no espaço infinito das nossas bocas sufocadas no Amor, abençoadas pela Providência. Teu, hoje e para sempre...

Sepp Mertens... Moritz”

Não sei por quanto tempo permaneci com a cabeça enfiada no sufoco das minhas varetas, protegida com minhas mãos seladas por cima da minha insignificância. Por mais que tentasse, eu não conseguia imaginar o que eu fazia na noite do dia dezoito de junho do ano passado. Uma vontade crônica de vomitar crescia dentro de mim, mas nada me fazia mudar um milímetro sequer da minha posição indefesa, escondendo minha cabeça bem no fundo das minhas coxas bamboleadas.

Eu me sentia culpado por não ter dado chances de Sepp se aproximar de mim. Caralho, o que eu poderia ter feito? Por que ele não me procurou naquela maldita-bendita noite fria de junho? Como ele sabia dos meus hábitos noturnos, das minhas caminhadas? O que eu estava fazendo na porra daquela noite? Onde eu estava?

A foto, a foto... a porra da foto...

ÉBANO

... dou o telefonema obrigatório do dia. São quinze minutos desperdiçados com mamãe. Vem o ritual do banho. Preparo meu rabo. Pego a moto. Saio com destino e hora muito bem marcados.

Do outro lado da ilha, visito a casa de uma conhecida Joana. Prostíbulo discreto, famoso entre os Iniciados. Mulheres de todos os quilates se espalham pelos cantos, preparadas para a horda de casados insatisfeitos e turistas endinheirados que chegarão a qualquer momento.

É claro que não é nas mulheres que estou interessado.

Não tenho que repetir o óbvio. Não sou bissexual.

Bi são seres confusos e sofredores. Todo bi é neurótico.

Sou um gay repleto de preconceitos em relação aos Bi. Sou paranoico.

Quero o marido de Joana. Ele é o proprietário do que eu procuro.

Abro o inchado álbum. Maravilhado, encaro imagens e descrições de garanhões disponíveis para uma grande festa. Enquanto babo sobre as páginas gastas, pergunto se há novidades no cardápio. Ele sorri e me aponta um envelope sobre a mesa. Abro. Retiro as fotos frescas. Quase solto um grito sufocado pela euforia.

Quero o Número 72.

Combinamos os valores. Pago sem pechinchar.

Por favor, mande entregar!

Duas horas depois, eis que ele bate à minha porta. Não trocamos uma só palavra. Partimos para o engate das bocas. Não há no universo beijo mais delirante do que o compartilhado com um ébano. Maravilhosos lábios protuberantes percorrem meu corpo delgado, reboativo, transfigurado.

Meu sexo ganha fôlego além das vidas nas entranhas superiores daquele homem fenomenal. Não suporto a força contida dos meus múltiplos orgasmos. Meu caralho deposita o jato de um tom perolado nos lábios pitangas do meu luminoso macho de aluguel.

Variamos nossas línguas secas sobre nossos corpos liquefeitos. Jogados no chão de concreto, imploro para que meu homem me penetre sem remorsos, nem temores. Mas antes, evidentemente, ensino ao meu senhor a arte

sagrada dos cortes precisos nas minhas carnes cruas.

Ébano Divino, em raspões calculados, desliza a lâmina sobre minhas costas inflexíveis. Ele entra no jogo. Não deixa transparecer o medo da inexperiência. Faz o caminho que desejar, aniquilando minhas vestes, transformando minha cara camisa em tiras finas que jazem aleatórias pelo chão. Em segundos, estou diante de um tremendo profissional. Isso. Corta. Desliza. Eu sentia minha pele se abrir. A dor. Que dor maravilhosa! Sinto a viscosidade única do meu próprio sangue velhaco. Deixo-o escorrer. Não se desespere. Mantenha-se firme e focado. Ele continua, finalizando novo corte em espiral. Deixa a lâmina de lado. Desvairado, ele salta sobre mim-eu-mesmo. Penetra meu rabo que cospe fagulhas da vindoura demência. Desbasta seu peito combatente nas minhas costas errantes. Ele sente o vapor do meu vinagre a rabiscar símbolos secretos em suas bolas maciças.

Penetra-me. Perfura-me. Ele preenche meu vazio com seu gozo inocente, animalesco, maldito...

ENRICO

... ser cortejado por Enrico me trouxe ânimo para arriscar uma escapada. Eu sou homem e todo homem trai. Por sacanagem ou caridade, eu estava disposto a sentir aquele macho, oferecendo momentos de bom diálogo, proporcionando carinho, atenção e um pouco de prazer honesto. Tudo aquilo que eu não tinha mais em casa, eu esperava resgatar numa rápida aventura sem demais consequências marcantes.

A chuva aumentava sua sinfonia, promovendo nossa proteção do universo alheio. A desculpa perfeita para um atraso, o esconderijo ideal para uma pegada mais forte, sem resquícios futuros.

Joguei tudo para o alto. Forcei aquela mão virgem a me tocar como se deve. Enrico, suando, tremendo, confuso, em êxtase, em pânico, acariciava meu pau com receio e desejo na mesma tacada. Precisei de três segundos pra confirmar que ele havia dito a mais pura verdade. Enrico era virgem. Inacreditavelmente ingênuo no trato com outro pelúnico.

Dopados pela Luxúria, navegando para o local do crime, estávamos perigosamente no fim da minha rua, num breu completo, embalando nossas ousadias ao som dos pingos raivosos que salpicavam por todo o carro. Tentei reduzir a tensão daquele homem, envolvendo-o num caloroso abraço, buscando o carinho dos seus lábios inquietos, ganhando a confiança de um primeiro beijo e a doçura de um instante mágico.

Do selo de lábios fechados partimos para a guerra aberta de línguas afogueadas. Enrico tomou meu corpo em agonia, apertando-me com fúria, mordendo minha língua, ou meus lábios, ou meu pescoço rijo, molhado, salgado.

Procurei não deixar marcas visíveis em seu corpo arredio, sufocando a tentação suprema de morder sua carne de primeira que se revelava atrás dos panos, arrancando à força toda a estrutura do nosso prazer contido. Calças arriadas, punhetas eram batidas, gemidos consumiam o ar rarefeito.

“Eu nunca peguei num pinto que não fosse o meu”, ele disse, rindo em histeria, de tão nervoso, afoito por aproveitar cada chacoalhada para cima e para baixo no meu cacete já bem esfolado.

Uma bela cuspada nas mãos sanou o problema. Enrico achou tudo aquilo o máximo, imitando todos os meus atos e movimentos e atrevimentos maravilhosos.

Mais um beijo. Era chegado o segundo grande momento da nossa festa. Rebaixei o banco mecânico do motorista elétrico, tornando um pouco mais confortável aquele corpanzil pingante, onde um pau saltitante implorava pelas minhas carícias inéditas.

E não me fiz de rogado. Proporcionei a Enrico a chupeta dos deuses.

Urros, gritos, sussurros, “ai meu deus, que delícia tudo isso” e demais frases feitas saltaram das suas entranhas até então estagnadas.

Aquele corpanzil se contorcia, vibrava, levitava, planava ao sabor da minha boca, onde eu comandava o robusto *joystick* do inédito *game* apenas delirando a ponta da minha língua para lá e para cá, para cima e para baixo, em todos os lados e ângulos perfeitos.

O macho, que finalmente perdia sua virgindade, não conseguiu se conter. Quase me sufocando num abraço tresloucado, suas mãos grudentas e agitadas forçaram minha cabeça junto ao saco de bolas rígidas. E assim minha garganta foi tomada pela pureza de um leite denso, sedoso, amornado.

Mesmo travado, com ânsia e quase sem ar, permiti que todo o prazer daquele homem adentrasse meu corpo, confiando na provável sorte de que éramos limpos e protegidos, agraciados por um ato válido de paixão e descobertas.

Exausto, apoiando a cabeça no vidro feito um Garfield de pelúcia e ventosas úmidas, exalando vapor que criava formas difusas na janela enregelada, Enrico ria e chorava e gritava e não acreditava no que acabara de fazer.

Eu temi de imediato que ele surtasse de arrependimento, ou tivesse um ataque de fúria por ter cometido – na sua vã ignorância – o Pecado ou algo mais idiota que pudesse tomar forma na sua indefesa mente atribulada.

“Eu não posso ir embora sem fazer o mesmo por você”, foram suas palavras, regurgitadas num sufoco tardio.

Enrico empurrou com violência meu corpo contra o banco de couro, de imediato agarrando meu saco, enchendo sua mão esquerda, enquanto a mão direita repunha vidas ao meu caralho assustado.

Uma boca sem ritmo beijava a cabeça do meu pau e em movimentos ridículos Enrico tentava degustar meu membro assustado.

Meu deus, mais uma prova cabal de que ele era virgem, virgem, virgem...

FILOMENA

... eu e Filomena éramos felizes à nossa maneira bobiça, até o dia em que meu avô descobriu nossa alegria ingênua, quando o menino tímido e sua boneca submissa brincavam “de fazer aniversário”, tranquilos e faceiros debaixo da sombra de uma amoreira.

Fui surpreendido com aquele olhar hematoma no mesmo tom das berinjelas que o velho costumava colher atrás da casa.

Vertendo por todos os poros uma mistura horrenda de cachaça barata e fumo-de-corda, meu avô, aos mugidos barítonos, investiu suas erodidas mãos rochosas contra meu corpo mirrado, estapeando minhas nádegas em formação, esticando com violência as minhas orelhas miúdas, que acabaram tomando proporções monstruosas na minha imaginação, devido à dor lancinante que eu sentia e jamais me esqueci.

Filomena foi arrancada das minhas mãozinhas suadas em gelo seco e num relance vi os bracinhos e suas pernas varetas sendo destroçados.

As entranhas de algodão foram levadas pelo vento. Sua alminha ganhava o direito de repousar no paraíso das Virgens de Pano lá no céu.

Seu vestidinho de remendos de chita flutuou por míseros segundos até que seus restos impassíveis ricochetearam no chão de terra vermelha.

“Seu filho de uma infeliz. Homem não brinca com boneca! Isso é coisa de anormal, de gente doente, pecadora!”, bradou o desumano, gritando e arrastando o que restava do meu assombro pelos cômodos abafados, escada acima, jogando-me em seguida sobre a desconjuntada cama de casal, enquanto rodeava sua centenária cinta de couro no pulso esquerdo e retalhava minha pele inocente, sensível e transparente com golpes fortíssimos aprendidos com o casal Ignorância e Preconceito.

Meu sangue foi espargido no infinito. Minhas lágrimas ionizadas de dúvidas no pecado foram sugadas para o centro de um vazio incompreensível.

Filomena, ou o que restava do seu corpo esquarterado, salpicado sobre a terra, ainda sorria seu riso triste e indignado ao sentir à distância os vincos traçados nas pernas outrora alvas do seu amiguinho agora enclausurado, inválido, esquecido.

Minha avó, coitada, jamais teve coragem de encarar o marido. Ela per-

maneceu em transe, com o rosário na mão, amuada no canto do seu surrado sofá de couro, o único móvel de qualidade naquela casa, ganhado da filha Júlia num sorteio de bingo realizado na Praça da Matriz.

Dona Clotilda chorava e rezava, lembrando a filha e o genro, no que deveria ter sido uma noite de festas juninas e acabou se tornando um inferno de Dante quando explodiu o botijão de gás de uma das barracas que vendia quitutes, eliminando a existência da minha mãe e do meu pai num décimo de segundo.

* * *

Reginaldo, meu avô, me deixou trancado por dois dias inteiros num quartinho feito de bambu, ao lado da fossa, sem me oferecer água, tampouco comida, acreditando que essa “lição” espantaria a “coisa ruim” que havia se apossado do seu neto que acabara de completar nove anos e sete meses.

Naquela casa, segundo o patrão, homem tinha que ser Homem. Os anormais deveriam ser punidos com veemência, pouco importando o laço de sangue que pudesse uni-los de uma forma ou de outra.

Enfim, carcomido pela Dor e iluminado pelo Crescer, compreendi porque tio Rômulo, “aquele bicha”, havia sido expulso do seio da família há tanto tempo.

Aceitar outro transviado era inadmissível para o “senhor” Reginaldo.

Ele sempre repetia durante as reuniões familiares – após ter engolido a oitava dose de cachaça caseira –, que sentia tremendo orgulho em ter espancado seu irmão mais novo quase até a morte, para ver se o sujeito deixava de quebrar a munheca, esticar o dedinho e ruminar em falsete...

GSUIS

... voltamos de carona para a residência do meu tio. Um casal de irmãos em Cristo morava no bairro acima do nosso. Agradei aos céus pela abreviação de tempo que me trouxe ao meu porto seguro.

Surpreendentemente, tio Reinaldo me convidou para entrar e tomar um café. Afinal, há anos que não nos falávamos, mesmo estando tão próximos um do outro. A última vez em que meu tio esteve em minha casa foi quando mamãe faleceu. Eu viajava com Maurício, meu último namorado. Estávamos incomunicáveis, acampando numa região mineira a qual não consigo mais recordar o nome.

Ao chegar a casa naquela segunda-feira chuvosa, pela manhã, senti inúmeros olhares de reprovação alfinetando minha diminuta pessoa e meu companheiro corpulento. Ver o alvoroço que havia se instalado na sala, abrir espaço no meio de toda vizinhança e encontrar o caixão amarelo ao centro e minha mãe pálida e tranquila ali dentro do nada foi algo devastador pra mim.

Não posso recordar como foi o enterro. Tudo foi bloqueado em minha mente. Traumas de um passado até hoje não resolvido.

Tentei recusar o convite, embebido em educação. Aquela outra residência tão familiar na minha infância também me proporcionava tristeza em farpas. Quando dei por mim, eu já estava sentado na velha poltrona de lona verde da antiga sala terracota, olhando para as paredes repintadas em cal repletas de retratos esbranquiçados da minha desencarnada titia, observando com nostalgia o velho homem – tão solitário quanto eu – passar o tal café, perdido na corpulenta cozinha recoberta de azulejos cremosos que ainda mantinham o delicioso cheiro do manjericão domingueiro.

Enquanto aguardava o início do ritual de falsas boas maneiras, um lampejo chamou minha atenção, direcionando meu rosto cansado a observar uma foto que jazia na horrenda mesa de centro. Apanhei a imagem com cuidado, decifrando alguns dizeres e números que estavam escritos a lápis na parte de trás, pousando-a com dificuldade bem no meio das minhas coxas cambaleantes.

De repente, mil lágrimas desceram com força total, inundando minhas faces isentas de cor. Eu já sabia o que os anjos haviam reservado para mim.

Tio Reinaldo voltava com a bandeja de café e alguns biscoitos de água e nada. Ele notou meu transtorno ao reparar no tesouro que eu segurava com a minha descoordenada mão esquerda em frangalhos.

* * *

Tudo aconteceu acelerado em demasia. Esquecemos o café social.

Selvagem arrancou dos meus domínios o passaporte da minha felicidade. Roupas foram atiradas para todos os cantos. Aquele sexo torto, natimorto, passou a golpear minhas bochechas. Recordando os bons tempos sombrios, eu lambi, chupei, fiquei de quatro. Tudo no automático.

Tio Reinaldo sugou meu rabo, lubrificou o resto das minhas pregas e galopou suas pelancas pelúcias sobre meu corpo eletrizado, esquelético, ardente. Após o gozo coelhístico, a comoção tomou conta do ambiente, carregado de cruas realidades. Sem rodeios, até mesmo estranhamente aliviado, meu tio – com seu peludo volume desproporcional ainda amassando meu liso e escorregadio esqueleto ofegante – perguntou se eu estava preparado para aceitar “ele” na minha vida.

Perplexo, querendo rir e chorar, tornei a prestar atenção no retângulo de papel. Aquele olhar que transbordava carinho. Que parecia purificar a totalidade dos meus pecados, indicando que havia uma chance de recuperar minha alegria de viver, incentivando-me a lutar mais uma vez a fim de reaver tudo aquilo que eu julgava perdido, sepultado, esquecido no decorrer da minha triste existência.

Desistindo de endurecer a velha pica para mais uma rodada de fodaria e suspirando a contragosto por eu não dar a mínima bola para o seu sermão sem um pinga de sentido, de repente Tio Reinaldo se vestiu com o manto da caridade e, muito sensível, passou a me educar sobre o conteúdo daquela imagem tocante:

“Essa é uma reprodução grosseira dele, meu filho”, disse meu tio, com uma inesperada doçura na voz que amplificou em mil a ressonância dos meus soluços, enquanto explicava para mim-eu-mesmo o sentido dos dados rabis-cados na parte de trás da imagem...

HANS

... são quatro horas da tarde de um domingo muito agradável. Você acabou de sair. Ainda estou com seu cheiro em minhas mãos e suas palavras roucas passeando na minha mente atordoada.

A imagem do seu sorriso aberto e cativante continua gravada na retina. E o frescor do meu toque na sua pele fumegante permanece intacto em minhas sensações.

Ah, Hans, como eu gosto de você. Não pode imaginar o quanto. É por gostar tanto assim que acredito ter passado dos limites durante a tarde de hoje.

Quando a noite chegar, preciso ligar para o Vine. Bendita hora em que ele o arrastou para jogar F1 aqui em casa. Que belo pretexto!

Reparou como o nosso amado cabeça-de-cenoura foi embora rapidamente? Ainda mais ele, que é fanático por esse jogo? Vocês combinaram alguma coisa, tenho certeza disso!

(risos alucinados)

Não importa. Eu estava adorando ver você ali, jogando feito criança no Macintosh. Queria muito senti-lo mais próximo. Então comecei a tocar no seu corpo.

Amo tanto as suas pernas. Acho-as tão lindas. Acariciá-las era muito bom para mim; uma sensação realmente prazerosa.

Depois dos *pings*, *cracks*, *poings* e *tombs*, você se jogou, eufórico, sobre o sofá. E eu ali, literalmente, caído aos seus pés.

E mais uma vez voltei a tocá-lo. Como você não demonstrou nenhuma reação negativa, achei que eu não estava incomodando.

Eu me sentia tão bem, tão à vontade! Quando escrevi acima que “acredito ter passado dos limites”, é porque toquei no seu sexo. Eu precisava acariciá-lo. Acho que minha atitude incomodou você. Eu curtia o prazer de tocar no seu âmago. Nem pensei em cama, não era o que buscávamos naquela hora.

É claro que não sou nenhum hipócrita! É lógico que todo aquele clima estava me excitando. Sou sincero em afirmar que eu estava desfrutando o momento etéreo da carícia, da descoberta, do toque sem maldades de conveniência.

Você recordou que seus dias estavam contados, não é mesmo?

Eu ouvi seus pensamentos... novamente.

Você foi embora e eu queria mais. Queria que você ficasse deitado ao meu lado e eu a acariciar seus fartos cabelos dourados até você entrar no mundo dos sonhos. Queria dormir com você e confirmar que nossos corpos ocupariam o mesmo lugar no espaço. Nada mais.

Estou tão apaixonado por você. Não sei se deveria digitar isso. Não quero que você se afaste de mim. Não quero que esse meu ato isolado lhe cause embaraço ou qualquer outro tipo de transtorno emocional.

Lembro-me que certa vez você me disse que se considerava um homem tremendamente tímido. Espero que a profundidade do meu toque traga conforto, novidade, *good vibrations*.

Sobre a crônica timidez, afaste-a por poucos segundos e diga-me – de coração aberto – o que você sente, o que realmente passa pela sua consciência.

Me entregue seu corpo, porque já possuo sua alma.

Esqueça o que os outros te fizeram.

Eu não sou um caçador de gozos inúteis.

Peço desculpas se houve desrespeito de minha parte. O sinal não estava nítido. Não era minha intenção lhe magoar.

Mudando de assunto, mas mantendo o mesmo espírito, saiba que se for o caso, para o nosso próprio bem e para o bem do nosso excelente relacionamento... se minhas atitudes íntimas o incomodam, prefiro não agir mais dessa maneira. Cultivar sua amizade única é algo bem mais importante para mim.

Você foi embora.

Eu saí para comprar doze garrafas.

Estou na última cerveja. Preciso dormir...

ÍCARO

... nos aposentos reais, lacramos nossas retinas e remoldamos nossos corpos no trançado de uma fartura de beijos enfeitiçados a prenunciar o reinício dos prazeres da carne e da fusão dos espíritos bem afinados.

“Um ano juntos”, eu suspirei, no quarto intervalo.

“Uma eternidade nos aguarda”, ele respondeu, beijando a ponta do meu nariz-rudolph.

Após o sexo, fizemos amor. Depois do amor, enrolamos nossos pelos suados num acolhimento protetor. Dormimos no colo do Sonho dos Justos, embalados pelos timbres sinfônicos do ar cortante e das estrelas cadentes.

Por volta das cinco e meia, abri a segunda porta para permitir a entrada de um ar mais fresco que deveria fundir-se com o calor emanado da nossa gloriosa e santa luxúria. Esticando os músculos do lado de fora, abateu-me um descompassado arrepio enquanto eu dedicava alguns segundos a apreciar a textura das lascas chamuscadas que crepitavam na quase extinta fogueira responsável por aquecer e iluminar sensações que jamais seriam apagadas.

Ressabiado, senti que algo pareceu agachar-se por detrás de uma densa folhagem próxima à barraca, ao lado da minha Montana.

Já bem acostumado com as peraltices do ar em rodopios, resolvi não dedicar maior atenção ao Nada.

Sonolento, porém ainda não saciado, voltei para nossa toca e despertei Pedro com um beijo bem no centro do seu peito liso, amornado, quase feminino.

Assim iniciamos preliminares para o décimo acasalamento, enquanto curtíamos o dégradé oferecido pelos primeiros raios de sol ao som baixinho da melhor fase do *Culture Club*.

Em trajes camuflados, Massa Branca surgiu por detrás da terceira araucária onde havíamos ancorado o nosso castelo de vinil.

Rugindo impropérios, segurando um objeto metálico na mão esquerda, ele assombrou duas almas que só queriam curtir aquele momento mágico sem o mínimo propósito de ofender ninguém.

De repente, os *frames* de um filme D queimaram minhas retinas vidradas: Barraca de “porta” aberta. Machos à meia-luz. Vulto acompanhando o longa-metragem de um amor que ele fazia questão de não compreender. Animal

ensandecido toma coragem. Aproveita a distração e liberdade dos amantes. Ele dá o bote, acompanhado da Morte.

Oh, céus! A coisa toda ocorreu em impossíveis trinta segundos!

Varapau, fora de todas as órbitas, empurrou-me para um lado, e em nome de um deus que não podia ser Deus, chutou com violência meu Pedrinho para o outro canto.

“Homem que dá o cu merece morrer!”, o covarde havia escolhido o alvo mais fraco.

Afirmando em gritos guturais que o nosso amor era obra das trevas e que ele não ia permitir a continuidade daquela pouca vergonha na sua sagrada montanha, Lunático passou a cantarolar frases soltas de um livro apenas histórico.

Petrificado, eu não conseguia definir se tudo era real ou bizarro, ainda mais ao notar que o psicopata estava com a braguilha escancarada e um sexo minúsculo gotejava frustrações recém-punhetadas.

Oh, Providência. Como fui me atentar a esse maldito detalhe?

Eu, que era muito mais encorpado do que meu filhote, saltei com tremenda dificuldade e me atraquei com Histérico, tentando, de todas as maneiras, retirar o pedaço de ferro enferrujado que o maníaco segurava em uma das mãos que vertia intolerância em nome de uma divindade colérica que definitivamente não era o meu Deus que ensinou o Amor aos homens.

Tapando o rosto e as partes íntimas do seu corpinho acuado, Pedro gritava em falso soprano, reduzido a tatu-bola num canto da barraca, atordoado por não compreender o que realmente estava acontecendo.

Meu amor destilava legítimo pânico ao presenciar minha luta contra o animal alienado. Por instinto, Pedro agarrou as pernas do homenzarrão por trás, imaginando desequilibrar a mão assassina que procurava aniquilar a sua razão de viver.

Bastou um único giro.

A sorte num golpe perfeito.

Diante de uma explícita exposição quadro a quadro, testemunhei o som do sangue a escorrer do alto da cabeça de Pedro, que imediatamente partira além-planícies, deixando o corpo nu, vazio e leve, planar surdo até beijar a grama baixa...

INTIMAÇÃO

... encaro sua imagem de expressão carrancuda e gravata vinho. O bom conteúdo embalado num terno chumbo-vintage. Acaricio a tela, imaginando meu toque seguro na perfeição do seu corte à escovinha. Seguindo a trilha do descobrimento, idealizo meus dedos sobrecarregados a perambular pelas suas faces peroladas e dou aquela pausa safada ao beliscar seu queixo rochoso. Oh, meu Homem de Leis, que alegria será o dia em que Vossa Excelência me enquadrar no calabouço dos seus abraços!

Rebelde com causa, furioso em fantasias, eu destruiria suas armaduras, camada por camada, louco para apreciar com minha língua-espada os contornos do seu peito largo, isento de penugens, indo de ponto em pontas de um mamilo rígido ao outro, dilatado.

Faço questão de ignorar o Social.

Quero foder toda Regra.

Que palpitação imaginar minhas mãos formigantes, ácidas e estúpidas arrancando seu cinto de couro gasto. Que delírio ver sua calça de bom corte despencar das coxas até os pés (ainda) bem calçados. No inesperado, morder seus joelhos, lambe panturrilhas, cheirar virilha e bolas e saco tão bem abrigados no interior da cueca samba-olelê.

Simulando submissão, ajoelhado aos seus caminhantes, desato cadarços, mantendo meus coléricos olhos negros muito bem fixos no seu olhar castanho vidrado. Cheiro suas Lupos e arranho meu cavanhaque arisco nas solas desnudas, perfumadas. Você geme, tenta urrar. Porém, continua tímido, mantendo o patético estado estátua.

Oh, meu Homem de Leis, agora liso e suado e confuso e excitado, é chegada a hora do meu espetáculo particular. Atiro seu corpo contra o sofá casabaiano. Imagino uma canção da Sia a perfurar meus tímpanos opacos. Requebro, rebolo, redobro movimentos que destroçam sua sanidade. Você chora, ri e grita sem emitir som algum. Eu toco na abundância de pelos negros a encobrir minha pele leite-com-café. Você toca no seu sexo a agigantar a boa forma. Eu retiro as últimas vestes. Você delira na primeira oportunidade de me ver metamorfoseado em Urso Canadense. Provoco sua libido. Você quer apalpar a fartura do meu rabo mata-atlânticos. Chego mais. Você se

afasta, tremendamente assustado. Busco seu beijo. Nós engolimos línguas santas e varas loucas. Idolatramos os opostos: eu, pelos. Você, liso. Eu, selvagem. Você, receptivo. Eu, experiente. Você... aluno de terceira viagem. Vem a boa hora dos espancamentos certos. Para amaciar carnes e espantar medos. Minha boca cabeluda promove maravilhas nas suas Sensibilidades. Com o olhar amedrontado, você implora um desesperado “PARE!”. Ignoro sumariamente a sua pessoa agora sem leis. Dito os conceitos rasurados no meu roteiro. Decido a hora da sua explosão derradeira.

Sua barra de ferro fodido é muito bem besuntada. De um pulo cinematográfico, Urso Brown cavalga no seu colo espantado. Você entra e sai de mim-eu-mesmo, sem compreender nada da Nova Realidade. Suas mãos incandescentes agarram minhas carnes, enquanto minha boca e a gangue de dentes estampam marcas profundas no entorno do seu pescoço rígido, não mais virgem. Mantenho posição de comando sobre seu corpo agitado. Meu buraco, nada sagrado, pressiona seu báculo fulgurante em júbilo.

Oh, meu Homem de Leis, pensa que vou permitir a fuga da sua essência aqui, agora?

Você é um tolo!

Dum salto em câmera lenta, canso da cavalgada de uma Valquíria Treloucada. Troco os papéis, mudo minha própria iluminação. É hora de ensinar a você as delícias em ser escravo durante uma réplica da paixão. Rodopio sua carapaça desnuda. Estico suas pernas num “V” desaprumado. Enfito minha cabeça de cima bem no negrume da sua gruta intacta. É hora de contar suas pregas com a ponta afiada da minha língua-ventosa. Você trava a entrada. Eu arranco seus tabus. Você desiste de lutar. Eu amplio seus suspiros. Porta laceada, é hora da procissão do inconfidente. Não dou tempo para você raciocinar sobre Certo ou Errado. Empalo sua ignorância sem piedade. Quando você volta a si, cá estou a arrombar sua nova dimensão, enquanto calibre a potência lá embaixo com a ternura de beijinhos repletos de renovado amor adolescente...

JOÃO & JOÃO

... a luz ofuscante do começo da tarde refletia o verde intenso do grama-do. A pausa entre os dois torturava os pensamentos de João.

“Seu filho está cada dia mais bonito”, João procurava reiniciar o diálogo.

“Impressionante. É a sua versão em miniatura. Em todos os detalhes”.

“Ele tem o seu olhar”, disse Brito, ruborizando, sem encarar diretamente o antigo namorado.

Milagrosamente, um beija-flor chamara sua atenção. Uma lágrima nasceu debaixo do seu olho esquerdo.

“Eu sei o motivo que o trouxe até aqui”, a voz de Brito saía num sussurro, após longos minutos de incômodo silêncio.

“Dez anos passam rápido demais”, Brito estava emocionado.

“Dez anos, doze, vinte, não importa. Hoje é o nosso aniversário”, disse João. Sua mão buscava o calor do amor antigo. Brito não permitiu o toque em sua propriedade.

João afastou a mão direita. Levantou-se da poltrona de vime, ajoelhando-se com dificuldade diante de Brito. Olhar mareado, segurou-lhe as pernas. O toque nas coxas do amado, onde pelos dourados e uma pele macia em outros tempos eram acariciados com suas mãos fortes depois do sexo bem demorado, fizeram João perder o controle.

Ele chorou. Chorou feito uma criança contrariada. Brito tocou-lhe os cabelos negros e sedosos. Sentiu o perfume que exalava daquele corpo que fora tão amado, até idolatrado, no passado juvenil.

“Olhe para mim”, disse Brito com a tranquilidade que lhe era característica.

“Você foi muito importante na minha vida. Foi o primeiro em tudo. Só que não há mais nada que possa sustentar nossa relação. Pelo menos não do jeito que você imagina uma relação”, Brito acarinhou as faces trêmulas do amigo.

João escutava a voz suave que tanto lhe excitava. Seus olhos inchados encobriam a beleza do seu olhar ébano. A boca tremia em busca de desculpas que a razão não queria proferir. A frase de Brito fora desferida com segurança e precisão cirúrgicas. João perdera seu anjo devido à sua imaturidade. A confiança, uma vez abalada, é rara de ser recuperada por completo. Ele acabava de confirmar isso.

“Houve amor entre nós”, continuou Brito, os olhos embaçados induziam a um beijo que não seria consumado.

“Mas não havia companheirismo. Você me traiu, João. Em todos, todos os sentidos. Você mentiu para mim em uma centena de ocasiões. Desde o princípio. Coisas foram escondidas, omitidas. Situações embaraçosas com sua família poderiam ter sido evitadas. Você mantinha aquele medo paranoico sobre expor o que vivíamos. É o tipo de situação que, sinceramente, eu não posso permitir que aconteça outra vez. Não sou mais o ingênuo e o submisso que eu costumava ser.”

Instintivamente, ambos se aprumaram na cerâmica fria que emanava fluidos apaziguadores. Um hábito antigo. Podiam ouvir Cora e Carlos gargalhando ao fundo. Brito sabia que Cora faria qualquer coisa para entreter o pequeno curioso. Ela sabia que a história deveria ser consumada. O ponto final de uma realidade que ainda não havia chegado ao fim.

“Você me perdoa?”, disse João, em prantos, acariciando o joelho dolorido.

“Não há o que perdoar”, Brito tocou em algumas gotículas que brilhavam na testa do antigo amante. O carinho fraternal era sincero...

LAÇOS & BOTAS

... por puro instinto, passei a acariciar com os cantos do rosto o couro áspero, porém cheiroso, daquela bota rústica. O grande pé aliviou a pressão sobre meus ossos frágeis. O laço foi desfeito.

Sentado, repousando minhas costas na parede de madeira, sobre meus joelhos dobrados aquele pé autoritário foi depositado. Lambi todos os contornos daquela bota em bostas, enquanto inquisidores olhos libidinosos aprovavam minha correta iniciativa.

Meus cabelos eram seguros com toda a força de uma severa mão calosa. Minha cabeça era direcionada de acordo com o prazer sentido por Cowboy, ao ver minha língua desfilar através das partes limpas do couro deteriorado.

Cuspi, lambi, beijei. Chupei o bico daquela bota cagada imaginando ser a segunda cabeçorra do meu Mestre a gladiar dentro da minha garganta sem fundos.

* * *

Mesmo sabendo de antemão a resposta, Cowboy me perguntou se a porta à direita, após a cozinha, era a entrada do banheiro. Baixei a cabeça, quase encostando meu queixo quadrado no meu peito sem cor.

Ele sorriu, percebendo que eu havia aprendido as regras do jogo direitinho. Fui amordaçado mais uma vez e tive braços e pés amarrados, fazendo com que eu permanecesse em posição fetal, jogado no chão frio do corredor de madeira.

Cowboy tirou a calça. Só daí eu percebi que não havia nada por baixo. Maravilhado, contemplei o corpo mais do que perfeito do meu Dono, onde uma pele branca quase translúcida disputava espaço entre a abundância de pelos petróleo que cobriam peito, pernas, saco e um rabo redondo, firme, magnífico.

O mastro empinado, de proporções generosas, pimpava da esquerda para a direita, enquanto Cowboy abria o chuveiro, deixando o vapor fumegante inundar todos os recintos.

Deitado, submisso e impotente na entrada do meu cubículo de higiene

peçoal, eu assistia meu caralhudo lambuzando o corpo com meu sabonete glicerinado. A espuma branca se misturava com harmonia à pele angelical, entre os pelos luciferinos.

Uma punheta foi iniciada e pude contemplar, em ascendente desespero, aquele membro ganhando novas formas, texturas e um volume que enlouqueceriam qualquer ser que apreciasse um estupendo exemplar de pica do cacete!

Aquela viga sustentada por veias prateadas, ensaboada no vácuo, inebriava meu ser natimorto. O sangue vertia dos ferimentos que causei em mim-eu-mesmo, ora mordendo a própria língua, tamanha era a minha insanidade diante das vontades de sentir aquela carabina na minha boca; ora de tanto me debater para desvencilhar-me das amarras de um laço muito bem feito.

Indiferente ao meu sofrimento, Cowboy se banhava, se masturbava, se tocava, gemia, grunhia, gritava e me fustigava com seu olhar incolor, perfurante, demoníaco.

Com o corpo banhado e limpo, movimentos rígidos e intensos no sexo ardente depositaram uma dose cavalari de uma geleia espessa na mão esquerda de Cowboy.

Gemi, tentei gritar, implorei em pensamento para que meu Amo lambuzasse minha cara safada com sua gosma divina.

Bastou um olhar de súplica. Quebrei uma das regras. Minhas preces foram atendidas. Meu rosto teve a honra de sentir aquele elixir ainda fervente. O cheiro amarescente perfurou minhas narinas delicadas. Minha língua e meus dentes tentavam destruir o pedaço de pano que me impedia de sentir por completo o gosto do meu Senhor. Gosto que deveria bailar no interior da minha boca e descer pela garganta a fim de aquecer as súplicas da minha alma devassa...

LUCAS

... o jantar estava pronto. Encomendado da vizinha, a prestativa Nice, já que Detlev há séculos não cozinhava para mais de uma pessoa.

Naquela noite tudo deveria ser perfeito.

Era a comemoração do terceiro mês de união.

Oito horas. A campainha ecoou suas três badaladas.

A porta foi aberta.

Um abraço suave foi trocado entre dois iluminados visivelmente ansiosos. Um caprichado beijo de lábios entreabertos selou o “boa noite”. A carícia de uma sensível mão provocante tocava a face corada do velho alemão ofegante.

Detlev notou um brilho inquietante no olhar de Lucas. E amou a nova armação a destacar aquele ingênuo par de esmeraldas, quase âmbar.

O anjo dourado encostou a porta com o pé direito, e sua boca implorava o segundo beijo do amado, atitude prontamente atendida.

“Tenho algo para você”, disse Lucas, entre tímidos risinhos luminosos. “Pegue, aqui está o meu coração!”, continuou, segurando a mão direita do amado, posicionando-a no lado esquerdo do peito.

Detlev sentiu o ritmo acelerado pulsar na periferia do tórax delicado do seu anjo iluminado. Beliscou o mamilo do garoto, entrando de vez no delicioso clima clichê da brincadeira emocional, sensual, angelical.

Ele sabia que aquela atitude infantil era sincera e que Lucas não estava apenas entregando seu coração, mas sim proporcionando em definitivo a oportunidade de um recomeço; a chance verdadeira para ambos viverem algo profundo, produtivo e honesto.

Jantaram ao som de Suede, a banda preferida de Lucas.

A troca de carícias e olhares indicava que a noite prometia sensações inefáveis.

Louça lavada e guardada.

Uma dose do café irlandês preparado por Lucas...

Ambos caminharam de mãos dadas até a agigantada varanda, lugar idolatrado por Detlev. O casal deu boa noite a Roxie II, enquanto um cintilado alemão levava sua princesa para a casinha lá nos fundos da casa maior.

Ao retornar, Detlev ficou comovido ao apreciar a nudez do seu anjo deitado na rede, onde o sexo fora coberto por uma almofada em formato de estrela, numa cena digna de uma pintura renascentista.

O alemão entregou seu corpo ainda tenso ao abraço reconfortante do seu anjo dourado.

Lucas afagou-lhe a farta cabeleira platinada, tentando curar a alma de seu amado de todos os desvios cometidos ao longo de uma existência errante. Ele sentia o passado de Detlev com o toque de suas mãos a percorrer a variedade de medos sem fundamentos. Nada mais precisava ser explicado.

“Agora eu sou o seu homem... para sempre!”, confirmou Lucas, num sussurro, enquanto as mãos abençoadas acariciavam o rosto impressionado de Detlev.

“Quero sentir seu beijo... quero aprender o Amor com você”, pigarreou Detlev, cerrando os olhos, a fim de impedir a saída da emoção.

Em prantos, Detlev não pronunciou mais nenhuma palavra, mas dentro de si sabia que algo havia sido modificado em definitivo na totalidade do seu espírito.

Detlev sentiu que deveria aproveitar a derradeira chance de gozar a plena felicidade. Ele entregou-se aos cuidados do seu menino-homem que acabara de completar vinte e dois naquela madrugada; pronto a realizar – pela primeira vez em sua vida! – o verdadeiro amor dos apaixonados...

LUDWIG

“Como estaria Murilo neste exato instante?”, ele sonhou, saudoso.

Queria cobrir o ex-companheiro de carinhos e ofertar-lhe deliciosas massagens na altura dos ombros. Queria retirar o fardo das tensões acumuladas no corpo e na mente do seu primeiro amor, nesses dias tão agitados de estudos finais mesclados com as primeiras descobertas íntimas. Queria deixá-lo tranquilo e pronto para a nova jornada.

Ludwig escrevia por impulso, abençoado pela intuição. Os pensamentos alfinetavam as sensações, dando um baile na mão que tentava conduzir o grafite tortuoso em linhas retas.

Por alguns instantes ele abandonava a escrita, observando um Cristo de traços amulherados (resultado de um trabalho de restauração amadorístico) que continuava ajoelhado, orando ao Pai Eterno, numa postura de debochado respeito.

Incomodado com a pintura na nave à sua direita, Ludwig delirava em interessantes e pecaminosas cenas homoeróticas. Via com outros olhos aquele corpo “sarandrógino” além do aceitável.

“Mu, eu sou atrevido e aprendi a expressar e assumir tudo aquilo que sinto...”, meditou, enquanto retornava a montagem das frases.

“... e muitas vezes o faço nas noites estreladas. Sou assim mesmo. Ah, meu robusto e mimado primeiro lindo amor, não se espante comigo, nem com minhas abstratas (no seu conceito) reações. Compreendo o turbilhão de emoções e dúvidas que dilaceram o seu coração.”

As mãos alvas seguravam o papel creme com firmeza. O adolescente lia e relia cada linha como se fosse a última declaração de amor a ser escrita.

“Acredito que o conteúdo desse garrancho é exatamente o que eu gostaria de dizer encarando o seu olhar defensivo, num futuro qualquer, se houver oportunidade”, pensou, enquanto lágrimas tentavam banhar-se num prolongado contato com a brisa vinte e quarenta e cinco.

O grafite encontrava-se muito gasto, mas permitiu ao menino continuar seu desabafo em palavras beirando o legível emocional.

O que Ludwig tentava expressar no manuscrito era que realmente havia sido feliz com aquele que ele acreditava ser “o eleito”.

O maior desafio foi reconhecer que o garoto que poderia ter sido “o amado” havia se transformado somente numa fonte de inspiração passageira.

Afinal de contas, não há futuro em qualquer relação enquanto não assumirmos o que somos e o que sentimos perante nós mesmos, em primeiro lugar.

Aos quinze, Ludwig já colhia os frutos de sua própria arte. Desenhar estava no sangue dos Glufke. Ele honraria o que aprendera com a avó, ainda em tenra idade, antes que ela abandonasse a Terra e retornasse ao princípio de tudo.

Ludwig sonhava em receber muitos elogios perdidos no passado. Apesar da precocidade, ele se sentia pronto para aprender e também compartilhar muitas coisas que a atual existência já havia proporcionado aos seus dons artísticos.

Descobrimo-se Militante, o alemãozinho ensinaria a Verdade Colorida ao Mundo, através de suas linhas originais e excitantes e provocadoras em carvão ou nanquim.

O delicado adolescente julgava ser alguém indicado por Deus a cumprir com sucesso uma concreta missão “iluminadoida”.

“Todos nós somos especiais”, filosofou, onde um sorriso tímido tomava forma caricata em seu rosto querubim.

“Boa noite, minha princesa!”, emocionado, ele observou o pedaço da lua que dominava o lado esquerdo do céu, em meio a um mar de difusos pontos luminosos, artificiais, decadentes.

Agradeceu o despertar, mesmo mantendo consciência de que as ilusórias horas de glória vividas no quarto do amigo não seriam expandidas da maneira que ele idealizara...

LUNA

... a distância que separa Lovland do meu mundo é de exatos quarenta e dois quilômetros. Havíamos marcado nosso encontro no interior do Parque da Paz, um aconchegante e exuberante local repleto de mata nativa e de belezas naturais de tirar o fôlego de qualquer amante do verde e das águas. Esse parque dava acesso à praia mais famosa de Lovland: Gobsun.

De pensar que eu frequentara por anos e anos a fio esse mesmo local, e que Luna morava a pouco mais de trezentos metros da entrada do parque. E nunca havíamos tido a chance de um contato!

O Destino é realmente um jogador de cartas macilento e solitário, dono de um incrível bom humor negro.

Sentado num banco de madeira, olhando pais e filhos divertindo-se entre passeios de bicicleta, carrinhos de controle remoto ou pipas multicoloridas bailando pelo ar, minhas pernas gelatinosas e inquietas sacudiam de um lado para o outro, entre choques involuntários dos meus joelhos amalucados.

Virando o V3 em giros de cento e oitenta graus, me dei conta de que ainda não havia ligado para Luna. Eu não sabia qual era o timbre exato da sua voz, nem a textura do seu riso em meus ouvidos. É claro que tínhamos trocado nossos números de telefone. Ainda faltava pouco mais de uma hora para o tão desejado encontro.

Não aguentei permanecer na Cidade Cinzenta por muito tempo naquele domingo sagrado, onde um sol benfazejo cobria meu corpo com seu abraço morno, acalentando minha ansiedade desnecessária.

Parti num dos primeiros ônibus disponíveis para a ilha. Cheguei cedo demais, deixando para trás tarde demais os meus anos de solidão involuntária.

Abri o celular, pressionei o número dois por alguns segundos e outra foto do meu amado surgiu em minha tela.

Toca, toca, toca. Preciso fechar o Motorola em concha. O medo quer tomar conta do meu desejo mais profundo. Sexto toque. Preparo-me para desligar o aparelho, mas um “Eu te amo” vibra em meu tímpano, que reproduz o sinal em ondas crescentes direto para minha alma que rodopia acima do solo arenoso.

Precisei apoiar meu corpo no banco de madeira para não cair de lado, o

que seria patético aos olhos das pessoas que transitavam ao meu redor.

“Mau Springer, eu te amo. E se eu fosse você, olharia bem devagar à sua esquerda, na direção do seu coração!”, eclodiu a voz celestial.

Ao ver Luna praticamente ao meu lado, minhas pernas deixaram de ser sólidas. Bamboleantes, os ossos se desfizeram de imediato, resultando em um pé tão delicado como talco infantil. Meu orgulhoso olhar azul profundo ficou embaçado com o rio de lágrimas que turvavam minhas retinas acuadas.

Busquei apoio nas pernas macias do meu menino, que carinhosamente puxou para si aquele homenzarrão-chorão durante um abraço que não era desse mundo. Tínhamos a mesmíssima altura.

Tentando centralizar o equilíbrio do meu corpo, caminhávamos em arrastos por uma trilha que nos conduziria a um lugar mais tranquilo, bem menos acessível ou infestado de domingueiros.

Já no nosso jardim secreto, tudo conspirava ao nosso favor: a luz do sol, o canto dos pássaros, o marulho das ondas, a leve brisa que refrescava nossas peles e almas afogueadas.

Instintivamente, deitamos na grama bem cuidada, e trocamos um novo abraço repleto de ternura, onde o roçar das nossas peles translúcidas dava início à centelha que propagaria a chama divina que somente espíritos-irmãos têm em comum. Sabíamos que era o começo da troca de energias restauradoras que nos manteria unidos para todo sempre.

Novamente, as palavras eram desnecessárias. Os bonequinhos verde e azul do MSN criaram vida. De corpo presente, nossos olhares bailavam em sintonia total e respondíamos um ao outro com nossos sorrisos triunfantes a cada pergunta mental que ainda necessitava de algum tipo de comprovação de ambas as partes.

Diferente de milhões de outros relacionamentos onde tudo começa e acaba com sexo calculista, eu e Luna fazíamos amor através dum olhar intenso e do leve toque preciso...

MAX

... uma coisa que aprendi com minha finada mãezinha: oferecer respeito para ganhar Respeito. Eu tinha dezesseis quando me assumi homossexual perante minha mãe.

Imaginando que ela fosse encenar a típica reação negativa e degradante, fui surpreendido com seu carinho caipira e uma compreensão bem acima do meu limite. Ela disse com todas as letras que não compreendia como “funcionava” uma relação entre dois pintos (palavras dela!).

Dona Aurélia apenas exigia o seguinte: que quando eu conhecesse alguém, que eu o respeitasse e “namorasse” com seriedade, sem me entregar a aventuras desnecessárias. E que dialogasse muito com meu companheiro, mostrando a ele que eu também queria ser respeitado, em todos os sentidos. Sendo assim, carrego e sigo o bom ensinamento até hoje.

Jamais “dei” em cima de um homem que não fosse do “babado”. Aliás, tenho pavor desses gays que atiram para todos os lados, achando que qualquer cacete alheio tem obrigação de satisfazer nossas taras, baseando a relação – mesmo que momentânea – em um ato egoísta isento de afinidades devidamente compartilhadas.

No meu trabalho, todos sabem que eu sou Bambee. Jamais sofri qualquer tipo de preconceito em nenhuma instância, justamente por eu me respeitar no primeiro ato e assim respeitar o espaço e o limite do outro, seja onde e como for.

Percebo, por exemplo, que rapazes como o Lúcio apenas me toleram, talvez por não (querer) compreender minha natureza por causa da imposição religiosa que o “educou” a vida inteira.

Porém, aos poucos, ele nota que eu sou tão normal como ele, tão competente como ele, tão ser humano como ele e assim, gota a gota, a gente aprende a, no mínimo, caminhar com equilíbrio sobre a mesma trilha imposta pelo Destino.

* * *

Está certo.

Estou aqui enrolando para ganhar tempo a fim de recuperar minhas forças.

Eu continuava tonteado, bem ali, diante daquele monumento parcialmente destruído. De um jeito patético, com o Perflex na mão, tratei de enxugar o elixir sagrado que evaporava daqueles músculos granitos e têmporas largas. Tatear parte das costas, peito, ombros e nuca do meu objeto de todos os desejos liquefez todo o alicerce que sustentava o blábláblá respeitador que eu tracei nas linhas anteriores.

Egoísta, de olhos bem fechados, eu tremia, quase gozava. Queria rir além do choro. Queria pular naquele colo rochoso. Queria besuntar de glórias os lábios maxianos com minha língua insegura.

Ai, meus saís... aquele famoso *jeans* apertado, recheado, misterioso!

Mas (e sempre tem um “mas”) consegui me conter, manter o foco, procurando somente aplacar a dor e eliminar o desconforto do meu patrão grande amigo.

Quase em transe forçado de modo a espantar o sofrimento, do seu jeito bufão, Max estampou um meio sorriso, “reclamando” do pano fedido que eu havia secado suas linhas perfeitas, antes de ajudá-lo a vestir a camiseta limpa.

Exaustos, entre lágrimas, rimos da minha atitude boba, aliviando um tantico o sofrimento que consumia nossos espíritos alquebrados. Inconsciente, foi minha a vez de atrever mais um bocado.

Ao apanhar a camisa empapada que repousava sobre a mesa, avancei – não sei como! – um acuado indicador sobre o penteado todo certinho do meu patrão, criando ondas craqueladas no gel vencido. De fuça fumegante sobre o tampo frio, Max interrompeu minha mão entorpecida, agradecendo meu carinho, enquanto beijava, a seco, a minha palma inquieta.

Fiquei tão chocado com aquela manifestação fraternal, que rapidamente decidi que era hora de fazer um forte café para nós dois.

“Relaxe um pouco”, eu murmurei, fora de órbitas, assim que ele alisou o peitoral magnífico com o novo tecido sintético.

“Vou fazer um café”, completei, estampando um sorriso boboca, sem conseguir retirar meu olhar do ritual de arrumação daquela justa camiseta em caimento perfeito sobre o brim tentador.

Eu precisava sair daquela sala, antes de cometer um chefecídio sexual...

MEU CUNHADO

... meu rosto estampava uma expressão de pavor, pois eu tinha muito receio de tocá-lo. Acreditava que uma posição incômoda poderia lhe causar milhares de dores.

“Não tenha medo, pois você não vai quebrar mais nada dentro de mim”, uma gargalhada gostosa eclodiu na imensidão daquele quarto sofisticado.

Ajudei meu fofo a caminhar até o banheiro daquela suíte suntuosa demais para os meus princípios.

Klaus trajava uma camiseta branca com a estampa do filho Laars quando bebê. Lembro-me que a foto fora tirada por Hans durante um piquenique nas areias brancas de Gobsun, a mais perfeita praia da ilha, onde toda a família havia participado. Na parte de baixo do corpanzil ele usava um surrado calção de seda, na cor vinho com detalhes losangos em preto, que em nada combinava com seu estilo.

Já no banheiro, apoiado em mim de propósito, Klaus deu uma demorada mijada.

“Quer chacoalhar, por favor?”, ele me intimou, entre risos de desafio. A timidez impediu-me de olhar para o seu membro. Afundei uns vinte centímetros e corei de vergonha com sua “ordem”.

“Seu pango!”, sua mão limpa levantou meu rosto.

“Eu jamais perderia o respeito por você”, ganhei uma bitoca na testa.

Devolvi um sorriso tímido. Ajudei o Grande Urso a retirar a camisa branca. Joguei o pequeno Laars no cesto de roupas sujas.

Sentado no tampo da finíssima louça sanitária, retirei o calção medonho de Klaus, tomando o máximo de cuidado para não enroscá-lo em sua perna engessada. Mais uma vez desviei o olhar do sexo adormecido. Meu cunhado ria descaradamente daquela situação banal para ele, insólita pra mim-eu-mesmo.

“E como você espera que eu consiga me lavar sozinho com esse troço grudado na perna?”, Klaus apontou para um pequeno banco de madeira marítima que estava ao lado do cesto de roupas sujas. Em cima do banco havia um dorminhoco plástico amarelo. Idas e vindas, consegui banhá-lo com a água morna que jorrava com forte pressão do segundo chuveiro ultramoderno.

Enquanto eu me preocupava em não molhar o gesso, apesar de ambas as

pernas estarem envoltas no plástico medonho, Klaus parecia se deliciar com a minha falta de jeito para administrar uma situação tão simples.

Minutos que pareceram horas foram gastos para a higiene completa. Klaus ria e cantava em alemão e se banhava em lesmanês. Eu ficava cada vez mais vermelho e introspectivo, já que o único macho que compartilhou um banho comigo em toda minha vida foi o meu marido Hans!

Ajudei-lhe a se enxugar. Deitado, nu sobre a cama, ainda rindo do meu estado escalafobético, buscando o ar e pigarreando a seguir, meu cunhado indicou-me onde estavam suas roupas limpas.

Abri as portas do guarda-roupa e encontrei as peças necessárias. Enquanto o auxiliava na colocação dos tecidos perfumados, foi impossível não admirar-lhe o belo físico. O gesso branco contrastava violentamente com o mar de pelos acobreados espalhados como uma pintura sobre seu corpo “puro músculos”. Via-se pouco da pele branca sob a espessa camada de fios do peito, costas, braços e um pedacinho da perna quase saudável, recoberta pela toalha umedecida.

“Puxa, como você é lindo!”, comentei, ruborizando de imediato.

“Sid, foi você quem me incentivou a ficar ‘bonito’ e a melhorar meu amor-próprio”, ele afirmou com simplicidade.

“Eu queria ficar bonito para a minha mulher. Eu queria me sentir bem no trabalho perante os meus amigos, clientes e subordinados”, continuou Klaus, aprumando-se com dificuldade, procurando apoio em meu abraço.

Em passos cuidadosos, esquecendo os apoios de madeira, esticamos até o palácio das piscinas. Palmarosas, hortênsias, samambaias, orquídeas e uma infinidade de flores e plantas cultivadas com amor e dedicação por Monika contribuía com um colorido exótico e perfumes inebriantes para o arejado espaço mais cobiçado da casa, planejado pelo marido.

Ouvíamos um Bem-te-vi entoando sua repetida melodia. Klaus foi acomodado numa espreguiçadeira de madeira branca. Apoiei suas costas com uma almofada em formato de coração – detalhes bregas da “moderna” Monika.

Quando me assegurei que ele estava confortável, sentei-me ao seu lado, esticando-me na cadeira que pertencia à minha irmã...

MEUBRANCO

... adoro deixar a marca das minhas mãos negras na pele translúcida do meu amado. Sopapo aleatoriamente as coxas, as solas dos pés, ou o meio do saco, onde suas bolas, doloridas, imploram para que eu pare e continue um ato que outros julgam animalesco.

Meubranco gosta, adora, grita um “não pare, seu negro filho da puta”. Continuo minha violência muito bem controlada. Adoro quando meu macho me xinga no labirinto das nossas quatro paredes sensuais. Não há maldade. Não há o que você está imaginando. Pare de ruminar besteiras. Somente desfila o prazer de dois machos que amam arruinar seus corpos físicos, varonis, indolentes.

“Vem, meu negro, meu macho, meu homem. Fode meu corpo com esta tua bocarra indecente”, grita Meubranco, seguindo sempre o roteiro, entre lágrimas de alegria e honesto frenesi.

Não perco tempo. Começo a morder seus calcanhares, levando minha boca maldita a consumir cada centímetro das suas pernas repletas de pelos acobreados. Meubranco grita, tenta se desvencilhar do laço apertado, sem sucesso.

Continuo minha escalada naquele corpo olimpo, agora arroxeadado. Assim que encontro seu sexo natimorto, engulo a carne de uma só vez, bailando minha língua potente no meio das bolas rosadas, amaciadas pela dor.

Sugo o mastro caído, sem vida, por alguns minutos. Continuo a elevar minha boca cítrica, mordendo com força a região do umbigo e, em seguida, me satisfaço com brutalidade, arrancando sangue dos mamilos rochosos daquele peito moldado numa dispendiosa academia.

Retiro das rosas impressas naquela pele salgada o gosto vinho do homem. Urro além do grito de prazer e dor de Meubranco. Estamos em transe no meio da transa. A rapidez dos nossos atos não pode ser mensurada através desse relato falho.

Cavalgo sobre meu macho, posicionando meu traseiro musculoso sobre seu sexo que agora resolve ganhar formas dignas para a batalha. Estapeio seu rosto corado. Seu suor faz deslizar com facilidade minha mão grossa em suas faces sedosas.

Seguro Meubranco pelos cabelos aparados, loiros, encharcados de suor.

Forço-o a sentir meu beijo com gosto de sangue retirado dos seus seios. Sou prontamente atendido por uma boca sedenta de desejo em sentir minha saliva agridoce, degustando a maciez dos meus lábios protuberantes.

Meubranco, atrevido, ousa morder minha língua. Ganha rapidamente, pela ousadia calculada, um estupendo tapa no rosto, que o eleva aos píncaros do êxtase, encharcando a lateral direita da minha bunda com sua porra condensada.

Com a palma da minha mão esquerda, espalho toda a essência do meu macho por seu ventre esculpido à perfeição. Lambuzo-me com sua seiva sagrada, lambendo em seguida o excesso nos vãos dos meus dedos frios.

Agora é chegada minha hora. Desato amarras. Viro lentamente o corpo retesado do meu homem, com falso carinho e muita firmeza. Sufoco aquela cabeça aloirada no centro de um travesseiro convidativo. Invisto meus dentes perfeitos em seus ombros rígidos, deixando profundas marcas da minha arcada em ambos os lados.

Meu sexo volumoso – honra genética que acompanha minha bela raça – busca, teleguiado pelos meus urros nada discretos, aquela toca aparentemente estanque.

Sem muito esforço, arregaço o rabo de Meubranco, que continua alucinado com a cabeça afundada no seu travesseiro predileto.

Enquanto como aquele rabo succulento, único, meus dentes cravam sua superioridade nos espaços vagos nas costas do meu homem. Após oito anos, quase não há mais vagas!

Somente chego ao êxtase enquanto arrasto os dentes na carne de primeira do meu macho lívido, inseguro, obediente.

Preciso sentir o gosto daquele sangue. Preciso ouvir os gritos sufocados de clemência do meu homem, implorando para que eu jamais pare de trucidar seu corpo físico, a fim de libertar o seu espírito criativo.

Você não compreende, eu sinto isso.

Aprenda: enquanto nossos corpos são massacrados por nossos atos selvagens de prazer primitivo, nossas almas sublimam nos arredores de um nirvana único, abençoado pelo Criador...

NOITE, HOMEM, CAMA

... após conversarmos boa meia hora na sala de bate-papo, passamos para o Skype, onde pudemos conferir a transmissão ao vivo da realidade das nossas existências não mais solitárias.

Assim que botei os pés em casa, fui agraciado por um telefonema apaixonado, de poucas e necessárias palavras carregadas de apetitoso romantismo.

Entre nuvens cancerígenas, eu me sentia um enamorado bobalhão. Daí a inspiração para compor a longa e amadora poesia eletrônica.

* * *

W. saiu do extremo norte da ilha por volta das nove da noite, chegando em casa, no lado sul, exatamente dois minutos antes do horário combinado.

Ele estacionou o carro bem na frente do meu chalé bolorento.

Cavalheiro teatral, Sir Músculos Compactos desceu e abriu a porta do lado do passageiro, pedindo e segurando a minha mão tonteada, conduzindo meu Eu estupefato para o interior perfumado da sua Fiat carruagem.

Meu domingueiro sapatinho de cristal roçou o espesso carpete do Idea. Minhas mãos amareladas, inquietas, não encontravam posição adequada a fim de atrofiar o pulsante nervosismo.

Não tive dúvidas; assim que W. reassumiu o volante, lasquei minha mão esquerda no vão das suas coxas de granito. Ele adorou minha ousadia.

Partimos, entre risinhos afetados, para um delicioso Café & Namoro.

Aquela noite amena nos brindava com o cintilar de estrelas selecionadas a entoar canções românticas que reverberavam em nosso sonho.

Na única mesa disponível do lado de fora do Groove's, sentamos um de frente para o outro, mãos sempre unidas no ardor da cobiça descarada, sem nos preocuparmos com os passantes que, impressionados e tolerantes e gotejando invejas, poderiam até apalpar a energia de dois machos em encantadas preliminares antes do vulcânico acasalamento.

Tudo na vida de um gay acontece rápido demais, intenso demais, arrebatador demais!

Em duas horas que pareceram dois minutos, entabulamos uma melada

conversa, onde currículos foram expostos e confirmados, experiências reveladas e trocadas, afinidades sendo ticadas no quadradinho do “O.K., temos tudo a ver um com o outro”.

Definitivamente, W. era o meu homem-metade perfeito: seu físico, seu olhar, seu cheiro, sua inteligência, sua bondade, seu pé no chão, sua sinceridade, seu caráter, sua personalidade. Além do gritante volume do seu sexo!

Tudo aprovado com louvor!

Eu acreditei na veracidade do momento.

Ele era um novo deus encarnado.

Depois da nona Corona, partimos para o segundo degrau da construção do nosso louco amor...

O CARTEIRO

... para minha diversão, a mulherada ferosa costuma se navalhar em desespero quando passo diante dos seus terreiros. Levanto as mãos para os céus por conseguir manter um corpo enxuto, pois a quantidade de guloseimas calóricas e chás e cafezinhos que sou obrigado a jogar dentro do meu estômago todos os dias é um verdadeiro absurdo!

Elas têm prazer em alimentar um touro indomável.

Algo marcante da minha personalidade é ser gentil, atencioso e por demais carinhoso com todos que precisam cruzar os mesmos caminhos por onde devo passar.

Caminhos cruzados por opção. Por escolha sem pressões. Por algo que carrego em mim-eu-mesmo há muito, muito tempo.

De volta ao assédio, preciso lhe confessar: sou toscamente classificado como um homem-HOMEM. Tenho acima de um e oitenta, setenta e nove quilos distribuídos milimetricamente em um conglomerado de peludérrimos e musculosos braços, coxas, mãos, glúteos, etc. que são capazes de tirar qualquer fêmea do seu estado normal.

Ser admirado pela ala feminina é realmente um orgulho para mim. Mas enquanto todas desejam meu corpo, fico no aguardo de alguém que saiba perscrutar minha alma, acalantar meu espírito, dominar meu divino fogo nada sagrado, e que seja capaz de me encantar com as linhas e curvas suaves do verdadeiro Amor.

Continuando minhas referências físicas, as moçoilas se dilatam diante de um par de olhos num tom impossível a mesclar o âmbar com o jade, emoldurados por sobrelhas espessas, negras; tudo isso amparado numa pele morena de tom e textura mais do que impecáveis (já disse: eu sei me cuidar), onde cabelos negros cortados bem rentes – mantenho o estilo militar, como meu pai usou a vida inteira – me conferem um “Q” a mais no meio de tanta loirada.

Na região das têmporas há um leve tom prateado a complementar meu charme “georgecluniano” que faz muitas vulvas chicotarem em descompasso.

Para terminar o sufoco em lhe dar apenas um vislumbre do que sou em estado físico, ainda há aquele volume-pacote-fardo intrigante que carrego no

meio das torneadas pernas encobertas pelo tecido cáqui do uniforme justo, sempre impecável; algo que estimula a libido e a imaginação de qualquer ser vivente que saiba apreciar a beleza e a virilidade masculina em seu estado de arte.

E como miséria pouca é bobagem (rio em cântaros, pois sei que você está suando frio nesse instante), sou dono da Voz. Aquele tom e timbre e imposição que te põe de quatro em seis segundos, logo após um “Bom dia, Sr. Fulano. Aqui está sua encomenda, carta etc.”

Eu mereço afirmar modestamente que além de bem cuidado, educado, inteligente, prestativo, cordial, simpático, honesto, trabalhador e muito responsável... ufa... continuo Solteiraço da Silva!

Ah, moro sozinho. Em casa própria!

Sim, agora você pode começar a gritar. Eu aguardo você se acalmar.

* * *

Ah, tem mais um detalhe. Esse é crucial:

Sou gay. Sou Ativo.

Infelizmente, não sou Versátil pelo simples fato de não sentir um pingão de prazer em dar o rabo...

O DIABO VESTE PRATA

... você apanhou do seu pai? Foi expulso de casa?

Oh, meu Deus, onde estão vocês?

Eu compreendo que você nunca soube o que realmente aconteceu comigo depois daquela divina tarde entristecida quando meus pais descobriram o nosso amor.

Ah, se eu pudesse voltar no tempo, André, eu jamais teria vacilado diante da Sorte, acreditando infantilmente que estávamos seguros na garagem de casa.

Permaneci alucinado naquele momento único. Tínhamos que conhecer nossos corpos, sentir nossos fluidos carnis e espirituais quase libertos da puta (sim, puta!) virgindade.

Eu queria não só as delícias recém-descobertas do sexo, mas eu precisava me entregar deliberadamente ao meu homem com amor, com a mente isenta de bobças infundadas, com a alma preparada para viver a dádiva que Deus havia nos concedido: a bênção do primeiro amor verdadeiro, puro, universal.

André, meu Menino, eu jamais me esqueço do gosto do seu sexo em meus lábios. Como apagar da minha alma seu primeiro beijo carinhoso a demarcar as curvas das minhas nádegas outrora tão rechonchudas?

Nossos corpos não transpiravam. Não André... nossos corpos emanavam a cântaros a imaculada essência que resulta do amor entre dois seres purificados.

O segredo da eterna juventude está o sexo feito com amor.

Eu sinto pena dos alquimistas celibatários.

Por mais que eu tente alumiar a Verdade, André, minha mente insiste em bloquear trechos dos momentos terríveis que se seguiram.

Vejo flashes do meu pai furioso arrancando a porta da garagem.

A luz do meio-dia queimando nossos corpos nus.

Aquele medieval olhar de ódio perfurando nossas peles úmidas. O soco agudo em seu rosto assustado, a separação abrupta das nossas almas. A correria para cobrir a vergonha da nossa beleza infantil. Os gritos do velho homem. Você, um varapau de quase dezesseis anos, defendendo minha honra, encarando o monstro alucinado em que havia se transformado meu querido paizinho.

André, meu Carinho, aquela dor volta a consumir o centro do meu peito. Eu já passei a maldita cena um milhão de vezes ao redor da minha cabeça estropiada.

Nós não merecíamos ser tratados como inferiores. Não houve chance para o diálogo posterior. Você foi enxotado com o sangue escorrendo pela boca. Eu fui trancafiado numa jaula cinzenta, sem direito a defesa. Mofei por dois dias nublados aqui no meu antigo quarto perdido. Meus prantos foram embalados por um Vercillo distante...

O ENCOSTO

... segunda-feira. Oito da manhã.

Você acaba de chegar ao trabalho. Desata o nó da gravata, acompanha no confiável Vostro a caralhada de propostas comerciais que precisam ser analisadas. Suspira diante de tantas coisas por fazer.

Enquanto isso, você aproveita para carregar a bateria sufocada de um BlackBerry medonho, abre o Gmail e pimba! Setecentas e vinte e duas mensagens daquele seu ficante pipocam na quadrada tela canadense de quatro e poucas polegadas.

Uma quantidade absurda de coelhinhos, borboletinhas, santinhos, garfieldzinhos, além daquelas youtubeanas mensagens com musiquinhas horrendas de “cara-o-quê?” emperram seu *gadget*, obrigando você a passar pelo menos meia hora limpando toda aquela sujeira multicolorida.

Quando bate oito e trinta e seis, enquanto você xinga meio mundo por causa das gaiatices do seu Love, eis que ele liga para lhe dar “bom dia!” e afirmar que a madrugada domingueira foi perfeita, mágica, inesquecível, acrescentando um vomitoso “obrigado por você existir”, entre outras pérolas desgastadas e inúteis.

E lá se vão outros *quarenta minutos!*

Aliás, oi!!! Enquanto você ainda estava vivo, quem mandou revelar claramente todos os seus números Tim?

Num gesto desesperado de *voodoo*, grampeando seu bonequinho Bibendum que está sorrindo sobre a mesa, idealizando com fervor verter sangue do rabo e da língua do novo-quase-ex-ficante, você respira fundo e educadamente agradece a atenção e o carinho, mas repete vinte vezes que está no trabalho e que tem um dia cheio pela frente.

Finalmente a ligação é encerrada após, é claro, você ser obrigado a dizer para a ameba de pijama o quanto você o ama, o adora e tem pensado (demais) nele.

Onze e trinta e cinco.

Quem do outro lado da linha?

Sim, é o Encosto.

Ele ligou pra dizer que – olha só! – está “pertinho” do seu local de traba-

lho e achou interessante convidar o namorado para um lanchinho rápido, básico, descontraído.

Meio-dia e dois.

Você chega cento e vinte segundos atrasado para o almoço e encontra Encosto com uma tromba de vinte e quatro metros.

E dá-lhe cena:

“Por que você chegou tão atrasado? Estava no Face vendo o perfil de outro cara? Encontrou alguém no caminho?”

Você tenta argumentar, se defender, dizer qualquer coisa para evitar o pastelão, mas a Histérika não tem trava:

“Vi o seu perfil no Face. Você conhece aqueles caras? Já saiu com todos? Por que você é tão popular? Por que só tem homem nos seus Amigos? Qual deles já foi seu namorado? Você me ama? Se me ama, por que ainda não curtiu minhas fotos? Onde está UÓ...li?”

A azeitona para no meio da sua garganta. Você ativa seu GPS interno, rezando para que ninguém do escritório esteja a menos de oito mil metros de distância.

As palavras somem. Você fica sem ação.

Volta aquela sua maldita tremedeira. Você se toca que fez uma baita cagada. Você conta até setenta e dois...

O MARIDO IDEAL

... na minha solidão involuntária, refleti e meditei.

É muito fácil *arrumar um marido* nos dias de hoje. Seja numa boate, numa sauna, via Internet, usando aplicativos de pegação, enfim, descubri que você só não tem “marido” se for por pura incompetência, por não acreditar no seu taco ou no seu rabo.

Muitos dos meus amigos têm sorte em arrumar marido até em banheiro público! Eu rio. Eu choro. Eu bato palmas para essa laia desvairada. São casos que me deixam boquiaberto. Ninguém busca relacionamentos sérios para ouvir verdades.

A verdade é chata, a realidade é azucrinante.

Tudo é mágoa, eternamente.

Vamos cair de bocas nos seios flácidos da Ilusão!

Hoje, confesso que sinto pena quando me deparo com os registros de bambees em seus perfis nas redes sociais: “Procuro um grande amor... Quero amar e ser amado... Já perdoei erros imperdoáveis (essa é clássica do copiar e colar – mesmo que a anta não entenda nada do texto original)... Meu coração está disponível para um verdadeiro amor...” e por aí vai a lama verde.

Tenho vontade de vomitar ao ouvir, entre lágrimas profundas e soluços emocionados, o morfético: “Obrigado por você existir na minha vida!”.

Eu e o Universo Gay em sua totalidade quer um marido. Eu e você necessitamos de um amante, um ficante, um trepante ou o conjunto de uma obra utópica.

Tudo legal, tudo bacana.

Mas descobri que são poucos, aliás, pouquíssimos que se preocupam ou tem senso em buscar um parceiro a fim de compartilhar companheirismo. Isso, sim, é difícilimo entre todo ser humano que sonha em amar de verdade.

Descobri que buscar, conhecer e manter um companheiro ao meu lado ainda é uma tarefa hercúlea. Descobri, através dos inúmeros erros, que a verdade está em ser honesto desde o primeiro encontro; ser realista, sincero, autêntico. Afinal de contas, tentar compreender e aceitar as belezas e os limites do candidato ao seu coração é o grande passo para o triunfo de ambos.

Eu tagarelo o óbvio para mim-eu-mesmo. Que merda viver embotado na

eterna procura do homem errado a compartilhar uma existência passageira.

Sou um inútil. Comporto-me como um demente. Basta o sujeito dar uma pegada mais forte no pau e pronto... já estou “xonada”. Basta o cara cuspir uma penca de frases tiradas de bundas de caminhão e pronto... a Galinheira aqui já acha que está amando.

Descobri que o que me cansa e me entristece numa relação – seja ela de amizade numa primeira instância e de um possível amor num prosseguimento – é que sou egoísta demais para aceitar alguém como esse alguém realmente é. Sou tapado demais para ouvir, compreender e me deixar entender.

Sufocamos nossas oportunidades perante a Felicidade enquanto cegos pela carência dos nossos rabos.

Percebi, tardiamente, o quanto me preocupo com minha física aparência medíocre, com minhas ostentações idiotas e esqueço que deveria dar um pouco mais de atenção ao lado humano da coisa: ao Respeito, à Verdade, à complementação das afinidades.

Detalhes que deveriam ser descobertos nas ondas do olhar, do diálogo aberto, desde que ambos sintam que há algo em comum e que vale a pena investir na relação.

Minha caça incessante ao marido ideal põe em xeque a capacidade de discernir homens promissores dos Tranqueiras que esbarramos em qualquer esquina fedorenta.

Tranqueiras, tranqueiras.

Eu também sou um Tranqueira...

O NÚMERO 13

... fiquei a recordar o Prefeitura atrás de mim suando em bicas, dando o melhor de si, enquanto eu me sentia o próprio Garfield de pelúcia, sorridente, com minhas ventosas espremidas contra o vidro fumê.

Ha, ha, ha. Só rindo mesmo.

Continuemos.

O garanhão me deixou novamente na rua da pegação. E ainda ganhei cinco notas de dez pelo ótimo serviço prestado. Eu não havia pedido dinheiro algum. Ele depositou a fêria no bolso da minha camisa polo, enquanto trocávamos um inesperado e romântico beijo de línguas aguadas.

Prefeitura foi embora todo pimpante, acreditando que havia ganhado a noite. Para mim-eu-mesmo, ele tinha perdido a vida. Era o que eu acreditava no momento. Veio à mente o brilho da sua aliança. Fiquei com pena da sua desconhecida esposa.

Entrei num bar da Rua J. J. Rodrigues. Pedi uma dose de *AfterShock*. O gosto gelado e picante a faiscar na garganta excitava os meus últimos sentidos. Notei um par de lentes de contato a observar meus vagarosos movimentos solitários.

“Você é Ativo ou Passivo?”, perguntou-me um jovem indiscreto com cara de rato que não nutria mais do que vinte anos.

“Eu sou apenas Passivo. Mas não sou e nem aprecio caras femininas”, a voz de taquara rachada e os trejeitos de uma RuPaul que acabara de cheirar uma carreira de Farinha Deusa quase me fizeram engasgar com o final da bebida virulenta.

“Por que será que todo afeminado não possui senso de realidade de seus atos?”, pensei, constrangido.

Encarei o moleque, destilando compaixão. Ele falava e falava e eu não ouvia nada interessante. Seu dialeto jundirlandês era quase incompreensível para mim. As mãos pareciam hélices desajustadas a rodopiar num eixo imaginário.

Como um zumbi, segui o professor de inglês até seu apartamento na Rua Zuferey. Pinguins de pelúcia de todos os tipos e tamanhos decoravam os cantos daquele charmoso calabouço.

Num passe de mágica, um sofá medonho se transformou em cama de

casal. O estrangeiro travesso se jogou sobre a espuma rígida. Ficou de quatro, implorando para que eu lhe fizesse “mulher brasileira” naquela noite.

Se eu não estivesse tão focado em comer seu rabo, certamente o comeria na porrada, para ensiná-lo a não insultar as fêmeas maravilhosas do meu “brazil”!

Foi preciso invocar doses cavалares de imaginação para sentir tesão em possuir aquele pedaço de acrílico coberto de sardas. Ele emitia gritinhos fanhosos de falso prazer, mordendo um travesseiro na forma de cavalo-marinho, apenas com a passagem dos meus pelos peitorais sobre suas costas nuas.

Rato urrava desnecessariamente cada vez que eu enfiava só a metade. Isso me deixava em nervos e assim meu sexo era impulsionado com tamanha violência, até minhas bolas chocarem contra suas nádegas compactas, inchadas, desniveladas.

“Tira, tira, mi amor. Terminar na meu boca, por favor”, implorou a ratazana. Eu quase disparei um ataque de risos diante da pobre rima reproduzida em espanglês.

Rato retirou meu balaústre do seu poço artesiano. Com uma velocidade estonteante, sumiu com a camisinha que aquecia meu membro, sem que eu perdesse o inaceitável tesão físico. Amplamente fora de sentidos, iludindo-me na fantasia de “eu sou um Super Macho!”, enchi novamente a boca de um cara com meu líquido abrasador.

Rato esparramou-se no sofá-cama. Deliciava-se com a goma-arábica. “Olhe, mi amor, não desperdicei nadinha. Agora você faz parte de mim... pra sempre!”

Aquela cena dantesca enojou-me sobremaneira. Rato implorou para que eu sentisse parte do meu passado depositado em seus lábios. Encarnei um Dorian Gray e, sedutor, dei o melhor beijo que aquele estrangeiro merecia. Consciente da minha podre essência ainda a bailar na sua bocarra, foi um êxtase quase demoníaco quando senti o sangue a jorrar da sua língua dilacerada pelos meus dentes canibais. Levantei-me com rapidez. Todo tonto, coloquei minha roupa toda torta e me preparava para sair, enquanto ele implodia o grito, espargindo assustadas lágrimas petrificadas:

“Você é igual a todos. Eu aqui dando mi amor e você me comer, goza e vai embora!”

Mais uma vítima da vida. Mais um Derrotado. Ele foi o nono eleito...

O PASTOR

... prrnto para servir ao meu Mau Pastor, fui brutalmente atirado metade sobre o colchonete, metade sobre o chão empoeirado de cimento ainda rústico. Minhas pernas, esticadas para cima, foram abertas com ferocidade. Num movimento brusco e certo, o servo de Deus penetrou-me sem complacência.

O suor avinagrado daquele macho desesperado despencava sobre minha pele seca e fria. Minha camiseta levou poucos segundos para ficar contaminada pelas águas que vertiam daquele delicioso animal.

O homem não diminuía os movimentos de maneira alguma. Sua pica inchada e áspera arreganhava definitivamente todas as fronteiras do meu paraíso perdido.

Não trocamos de posição. Permanecemos uma eternidade naquele vai e vem desvairado. Eu já não sentia mais nada. Tudo estava embotado.

Os nossos anjos de guarda ainda jogavam “vinte-e-um” na sala ao lado, na companhia de demônios novatos.

“O Senhor é meu Pastor e nada me faltará”, clamava o velho homem.

“Graças, Senhor, pelo alimento que renova minha alma”, ele gritava, antes de terminar o terror em mim.

“Putaque te pariu, meu Senhor, que rabo divino, oh Pai... que cu maravilhoso... eu vou gozar, eu vou goz...”, o grito foi sufocado com um beijo pungente, onde uma inesperada saliva nicotinada, suor e náuseas se misturavam em iguais proporções no meio dos restos de dois homens que acabavam de se consumir num sexo sem um pingão de (com)paixão.

Meu Bom Pastor repousou seu corpo agora considerado nojento e demasiadamente pesado sobre o meu, enquanto sua boca lambia demoradamente um dos meus mamilos. Um bebê em busca do aconchego, sugando o seio esquerdo da mãe sem Pai. Por um tempo não mensurado.

* * *

“Vamos, rapaz, levante-se!”, pediu o pastor com certa rispidez, enquanto terminava de aprumar-se para o mundo exterior.

“Tome. Aqui está o seu dinheiro. Pode conferir.”, ele regurgitou, um tanto desconfortável, apontando para algumas notas dobradas com cuidado, colocadas dentro de um exemplar minúsculo do Novo Testamento, que repousava sobre a mesa de bar.

O Meu Pastor esperou eu me arrumar, além de aguardar com paciência mínima que eu deixasse a cozinha sem demais vestígios da nossa pecaminosa aventura. Antes de sair do templo, meu dono agarrou-me próximo à grande porta de entrada. Senti uma lambida doce, com toques de canela, a percorrer meu pescoço, seguido de um beijo violento em meus lábios, onde nossas espadas logo se digladiaram, jogando restos de uma bala de um lado para o outro, disputando espaço dentro de grutas insaciáveis.

O cacete monstruoso voltara à vida. Pude sentir seu poder colossal pulsando em minha mão esquerda. Ajoelhado atrás da porta, o cheiro do verniz ainda úmido a ludibriar minha razão, minha boca abriu caminho no meio das pernas do en... viado do Senhor.

O membro rochoso encontrou fácil o caminho da minha furna não mais intacta. Já tarimbado, eu agora engolia com facilidade e satisfação o báculo profano do meu Orgulhoso Orador. Ele lia versículos aleatórios da sua bíblia de capa vermelha. Entre uma leitura, um gemido e um urro, nossa pantomima continuava perante uma torta cruz estilizada que pairava acima do batente da gigantesca porta de madeira e vidros opacos.

Meu Pastor certamente imaginava que Deus estaria – junto com nossos anjos – apreciando seu desempenho de selvagem dominante, seduzindo uma ovelha desgarrada que agora seria parte integrante do seu rebanho repleto de desesperados.

Segurando em ódios o seu livro sagrado, olhando para cima em evidente contemplação, o velho homem gritava como se estivesse no auge do seu sermão dominical: “Perdoai, oh Pai, porque ele não sabe o que faz. Não para, garoto, não pááára!”, e eu, imbuído pelas graças de um Espírito (nada, nada, nada) Santo, enquanto numa ginga medonha minha cabeça era sacudida entre as pernas do macharrão que eu tanto venerava, fui invadido pelo bálsamo daquele ser inclassificável, a escorrer denso e pulsante para dentro de mim-eu-mesmo.

O batismo fora consolidado na presença da cruz, sob o olhar encabulado dum Nosso Senhor Jesus Cristo...

O SEGUNDO TRAVESSEIRO

... preparado para dar meia volta e fugir do quase princípio de escuridão, meu corpo leve e meus longos cabelos soltos, ambos belos, malditos e serenos, pareciam flutuar sobre a areia bem molhada, sarabandeando naquele magnífico naco do Paraíso.

Solitário e sonhador ao sabor da brisa brincalhona, aumentando os passos até atingir uma carreira cadenciada, planejando sem muita convicção o que eu faria para jantar, de repente, meus olhos discerniram uma figura humana adentrando nas laterais das águas traiçoeiras de uma maré em assustadora ascensão.

Ao me aproximar do ser hipnótico, distingui um homem branco de barba dourada, desgrenhada, trajando uma suja e surrada calça jeans que contrastava com o paletó azul profundo, de bom caimento, ligeiramente agarrado na altura dos quadris, a destacar a ossatura sólida daquele macho rijo e decidido.

Mesmo na pouca luz natural que se esvaía com rapidez, meu olhar atento percebeu a fina camisa social clara, possivelmente bege, que combinava com a gravata de seda em tons certamente azuis infantis, chapiscada de pontos luminosos, discretos. Eu e essa maldita mania de prestar atenção aos detalhes mais insignificantes.

Com o olhar areado pela imensidão oceânica, ele não havia notado minha encorpada presença. Vigilante, um tanto chocado com o quadro surrealista, notei a mão direita do homem segurando dois sacos de lona que estavam fortemente amarrados em seu pulso. Suspeitei que houvesse algo maciço no interior daquela idiotice.

Desconcertado, mil sinos ressoaram ao redor da minha mente, indicando-me que algo muito, muito “asno” estava para acontecer.

O homem prosseguia seu ritual, entregando-se com vontade ao enlace das águas revoltas. Perdendo o equilíbrio por diversas vezes, seu corpo era açoitado pelas labaredas espumosas, enquanto afundava de tempos em tempos, desaparecendo por segundos eternos submerso na salmoura gelada.

Uma sirene silenciosa, salpicada por agulhas enferrujadas, disparou no vão do meu bom senso. No piloto automático, corri na direção de um idiota

que tentava inserir um “*the end*” na própria existência.

Entrei no mar que não estava morto, ignorando duas berrantes placas de advertência. Naquela praia específica, extensos buracos na areia formados por redemoinhos contra correnteza eram muito comuns.

Uma pessoa que não soubesse nadar, num simples descuido poderia afundar e não ter “pé” para retornar à superfície, entrando em ascendente desespero, engolindo sal e “o que foi que eu fiz?”, finalmente perdendo todas as forças, sucumbindo por causa do desrespeito às leis básicas da Natureza.

A escuridão atingira seu auge. Meu corpo salgado, congelante, irrequieto, trancafiava o restante das minhas energias. Foi com muita luta mancomunada com coragem e sorte – e uma dose extra de panguice: eu não sabia nadar! – que consegui resgatar aquele corpo grosseiro e inerte da fúria da maré-cheia.

Já em areia firme, seca e cortante, arranquei a gravata de um pescoço arroxeadado e afrouxei as amarras de sisal que sustentavam os sacos pesados no pulso do irresponsável. Xinguei até a décima geração do cretino ao descobrir que os remendados sacos de lona continham bolas de gude, o que havia dificultado sobremaneira o resgate.

Tentando recuperar parte do meu equilíbrio mental, retirei do bolso da minha bermuda pingante um pedaço de elástico carmim e preendi meus longos cabelos agora enegrecidos em ódio e ansiedade, formando um coque bizarro. Enxuguei meu rosto frio com as costas das mãos úmidas, enrugadas, emputecidas.

Ainda desnortado, me preparava para aplicar os primeiros socorros no sujeito delirante quando – de um salto impossível! – suas grotescas mãos alucinadas e violentas agarraram meu pescoço, e uma voz gutural sobrepujava os sons vindos além-mar.

“Seu puta... filha do puto. Você não... o direito tinha... de me impedir de morrer... eu queria!”, o troglodita gritava, roufenho, num desconectado alemão alquebrado. Amodorrado, usando puro instinto de sobrevivência, com um árduo movimento certo e indigesto empurrei o brutamente para longe e já me preparava para defender minha honra, quando o homem desabou em posição fetal e começou a chorar copiosamente. Descontrolado, abatido, liquidado...

PADRE POP

... nosso grupinho era imutável e mesmo assim acho que ele sentia o primeiro orgasmo logo que acariciava nossos “érregês”!

Havia uma fixação por esse tosco e desnecessário ritual. Descobri que a paranoia era embasada em fragmentos doloridos da sua adolescência mundana.

O padre de amendoados olhos castanhos perdera a virgindade aos quase treze. Fruto de uma “brincadeira” com o Cardeal Comunista numa das celas da Vila Kostka, lá em mil novecentos e bolinhas naftalínicas.

Ambos ficaram na sacanagem durante vários “retiros espirituais” no período exato de um ano.

O padre de voz e expressões suaves adorava os rapazotes isentos de pelos no peito e nas coxas, talvez para não competir com a fartura de fios negros que cobria cada centímetro do seu transparente corpo de medidas impossíveis, esculpido dia a dia através de alongamentos vigorosos e pedaladas constantes naquele famoso parque da Grande Cidade.

Padre Pop só transava (esquisito) aos domingos – todos os domingos! – sempre depois da missa, tão logo conseguisse se desvencilhar dos fiéis mais afoitos.

Nosso grupo era composto de oito gays que frequentavam assiduamente a Igreja. Todos muito fervorosos, religiosos e discretos – *alôka!*

Filhos desonrados de honradas famílias.

Muitas fêmeas ousavam conquistar a atenção do belo homem. Porém, a elas era dado o direito de um beijo fraternal e, vá lá, um autógrafo no último CD. Nada, além disso. Coitadas frustradas... imaginar que suas vulvas permaneceriam em eterna combustão.

Havia raras ocasiões em que ele gostava de namorar. Aquela coisa chatinha de ficar abraçado por longo tempo e trocar demorados dois ou dez beijos intensos, enquanto permanecia em transe observando a imagem do Cristo crucificado mofando atrás de uma moldura de madeira centenária.

Eu acumulava esse azar. Comigo, quando sorteado, cabia apenas selos e abraços. Nunca senti o gosto do seu sexo, apesar de numa única ocasião eu ter tido a honra de apalpar suas nádegas alvas, macias, cuja textura da pele bem cuidada me remetia sempre ao sabor, toque e cheiro do pêssego mais aveludado.

Noutras vezes, o homem era possuído por algo selvagem, onde sua vítima juvenil sentia por meia hora exata o peso da segunda personalidade cavalgando sobre seu corpo indefeso.

Sem penetração. Só esfregação!

Pelo que me consta, até o suor bem temperado do filho de uma santa era delicioso no gosto, na densidade e no aroma.

Ele jamais, jamais mudava de posição e nunca, nunca usava preservativos! Afinal de contas, ele tinha um pau sagrado abençoado por Deus e bonito por natureza.

Em raríssimas sessões, o santo homem buscava mais do que uma companhia ao mesmo tempo.

Quando isso acontecia – geralmente em datas especiais, como no seu aniversário, em outubro –, o dono de uma timidez intrínseca adorava ficar se tocando num canto daquele quatinho secreto, folheando uma caquética Alone, bebericando um jundiense vinho banal, enquanto a luz de algumas velas doadas pelos fiéis tracejava porcamemente dois garotos simulando um amor teatral para o deleite do padre ultrapopular...

PAIZAUM

... eu sei que no outro passado, por escolha própria, eu fui a sua Primeira Mulher!

Como num passe de mágica, seu mastro deixaria de existir em longos segundos, perdido, engomado, inquieto dentro da minha boca gulosa, insaciável.

Minha garganta profunda sempre desafiara os mais cétricos e mesmo você, homenzarrão experiente, provaria do prazer inigualável da minha gruta demente.

Grite, grite, seu turrão. Seu velho, meu velho, meu homem, meu macho encontrado no final de uma festa de arrombados. Sujo seus restos de sangue, o sangue dos romanos. Júlio, César, Marco Antônio. Eu jamais quis trepar com outros tiozinhos (oportunidades nunca faltaram), pois sempre me guardei para fazer o amor com você!

Venha, venha *Paizaum*, agarre seu Filhote com a fúria das suas mãos carolas. Penetre suas unhas carcomidas no meu peito de luminosa mata acaju. Faça-me urrar de dor, de prazer, de desejo. Nós dois embebidos na boa e livre insanidade!

Soco mais uma no meu quarto, Velho Urso. Soco a milésima punheta, daquele jeito que você me ensinou logo no primeiro encontro aos meus deztoito, através do *xVideos*.

Continuemos.

Agora empurro seu rabo rosado da mesa incolor. Jogo nossa devassidão sobre o chão carmim. Cale a boca, não diga nada. Segure seu mastro assim, bem empinado, pois seu Júnior aqui, virado um peão de rodeio, vai cavalgar além dos oito segundos. Quero ser empalado pela lança do romeno. Vamos ultrapassar os onze minutos do Paulo Coelho. Penetra-me, rasgue minhas tripas. Fura-me, tire a última prega do meu rabo embrutecido. Maria, Maria estava certa!

O buraco rosado abre e fecha. Sou uma cadela, não mais um peão. Fode, fode minha gruta empestada de luxúria. Prove-me que tu és o único Homem da minha Vida!

Ai, meu rabo, ai, quero a dor, continue, não pare, rasgue meu desvio, desfigure meus mamilos. Deixe-me ver suas mãos; suas mãos estão repletas dos meus pelos eletrificados. Dos pelos dourados que você costumava zom-

bar, chamando-me de “ursinho poo... to”, apelido que eu sempre odiei, ah, como odiei isso naquele fim de dois mil, quando eu havia completado vinte e dois.

Oh, meu *paizaum*, agarre minhas bundas, todas elas. Isso, não pare. Arranque todos os fios diamantes do meu rabo apetitoso. Não estanque. Quero a dor. Quero a agonia do nosso prazer. Continue. Não pense. Apenas foda minha alma.

Sou seu urso, sua presa, seu prêmio. Vem, vem meu caçador, meu velho devorador de vovozinhas, me consuma em seu sumo lavacento. De quatro, assim, isso. Eu sei que é do jeito que você mais gosta.

Não sou mais um ursinho ingênuo.

Cresci e hoje sou cadela.

Travo sua vara anciã dentro do meu íntimo ninfeta.

Força, força, tente retirar a espada se for capaz. Arthur, o rei, a Távola Redonda. A espada, sempre a espada. Força meu pai, meu homem, meu macho. Eu não deixo, eu não permito você sair de mim-eu-mesmo. Arthur Pai devorando Arthur Filhote.

Catatau come Zé Colmeia...

PERFUMADO

... caminhamos em silêncio, sem a mínima necessidade de trocar currículos enfadonhos. De pensar que eu ia “fazer” aquele cafuçu justamente na casa do pastor mais filho-da-puta do bairro... já me fazia gozar bem antes do tempo preciso.

Gatunos, parados diante do imenso portão da residência roubada dos fiéis, fizemos uma varredura trezentos e sessenta graus nas redondezas, para certificarmos que nenhuma alma da Rua Portela encontraria motivos posteriores a fofocar sobre a nossa luxúria.

Portão travado, chave girada, sacolas estateladas na ardósia, roupas arancadas em microssegundos, bundas e pintos e pelos e lisos ao vento, iniciamos verdadeiro MMA como preliminar da Boa Pegada.

Perfumado Rexona da Silva me arrastou para os fundilhos de uma betoneira amarela, onde minhas mãos empapadas em cal e desespero agarraram martelos brilhosos, amornados, simétricos.

Disfarçamos uma série de beijos sem amor. Nossos lábios e dentes raspavam o descompasso da nossa sincronia desmiolada. Havia muito desconforto no ar.

Por um instante, Perfumado afastou suas investidas contra meu corpo eufórico. Acredito que por um minuto exato, ele permaneceu em transe, debulhando densas lágrimas e arrastados murmúrios indefinidos.

“Por favor, ME AME!”, ele implorou num urro sofrido, como se fosse o pedido derradeiro de um infeliz prestes a cruzar o Corredor da Morte.

Eu fiquei bem assustado!

“Tudo o que eu preciso é de um beijo com amor. Me perder nos teus pelos, sentindo todo carinho que eu não encontro em casa...”, Perfumado desabou, enquanto ansiava pelo meu abraço ursino.

Desnortado e ao mesmo tempo recomposto, o universo se transmutou ao nosso redor. Meu tesão cedeu lugar para a Compreensão. Mesmo terrivelmente excitado e louco de desejo de consumir o ato físico, fui tomado da mais doce compaixão, trazendo o pintor para o centro do meu conforto, acariciando a suada morenice alheia na fartura da minha pele alva e floresta prateada.

Perfumado minou as lágrimas. Suas mãos passaram a viajar no meu peitoral-mato-atlântico, depois na minha barba bem aparada. Enfim, repousaram sobre minhas coxas parrudas.

Nossas línguas ganharam câibras de tanto que lutavam no interior das nossas bocas caipiras. Esparramados como lagartos a curtir o sol do meio-dia, apreciando as concertinas que adornavam o muro altíssimo daquela fortaleza nada sagrada, ignoramos por completo a necessidade de diálogo, entregando nossas almas ao prazer do bom enlace dos pelos.

Vibrávamos ao escutar o Silêncio.

“Obrigado por não querer apenas... trepar”, pigarreou Perfumado, fora de esquadro.

Não respondi de imediato. Eu apenas trouxe seu corpo para mais perto, certificando que sua ansiedade fora apaziguada.

Abrimos nova rodada de beijos e afagos, variando intensidades, rindo dos nossos calafrios.

“Não quero esquecer você”, segredou Perfumado, esticando o braço para abrir a segunda lata de cerveja.

Com fragmentos da gelada na boca, Perfumado buscou meu sexo, agasalhando-o próximo das cordas vocais. Era confirmada sua virgindade no ato. Não havia beleza prática no engolir, apenas a deliciosa ingenuidade proporcionada pela magnífica descoberta.

Comecei a rir por dentro. Não dele, mas de mim-eu-mesmo. Recordei como foi desastrosa a minha gulosa *premiere*, quando eu tinha catorze para quinze, num santo priminho deveras impaciente.

Permiti que ele me chupasse do seu jeito, na sua *vibe*. O ato de Perfumado podia ser encarado como um agradecimento pelos meus honestos carinhos prestados...

POMPÓ

“*Tic-tac. Tic-tac.* Hora de acordar, Naomieeee. O desfile já vai começar!”, cantarolou Pompó na nuca enregelada de César.

Ainda sonolento, ele tiritava de um frio imaginário.

Arregalando os olhos devido ao susto diante da luminosa presença, César deu um pulo no automático, encostando o corpo amassado e dolorido, sem controle dos movimentos, numa parede de pedra que explodia um ranço esverdeado, assustador, inclassificável.

Ao tentar tapar o rosto para se esconder da luz proveniente de Pompó, César percebeu que não possuía mais as duas mãos. Em seus lugares haviam dois tocos enegrecidos, recobertos por uma grossa camada de sangue calcificado. Um grito gutural e afetado. Confusão mental.

“Onde eu estou?” e “Quem é você?”.

Perguntas universais disparadas pelos ignorantes de plantão.

“Calma, Naomie. Muita calma nesse instante”, abrandou Pompó, expondo seu sorriso mais cativante.

Pousando o corpo disforme do jovem suicida entre seus braços alvos, repletos de pelos oxigenados, Pompó acalmava César, cantando-lhe placidamente rente ao ouvido esquerdo um velho sucesso dos Carpenters.

“Por favor, pelo amor de Deus. O que aconteceu comigo? Cadê minhas mãos? O que é você? Onde é esse lugar? Por que não consigo ver nada ao meu redor, exceto você?”

“Perguntas demais. Ai, ai, ai... você já sabe todas as respostas, meu caro César”, suspirou Pompó, interrompendo a canção dos anos setenta.

“Ô caralho. Não me chame de ‘César’. Meu nome é Cezâne, com ênfase no ‘â’. Ce-ZÂ-ne, sacou?”, gritou César, recuperando a típica civilidade terrena.

“Ai meu Santo Antão do Pênis Torto... eu mereço ouvir uma coisa dessas? Tá lôca, Naomie!”, ironizou Pompó, soltando o corpo magérrimo do protegido sobre a aspereza de um chão asqueroso, rodopiando em seguida sua própria luz um pouco acima do solo musgoso.

“Senhor, Pai Eterno. Eu morri. Eu morri, não é verdade? Como você faz para levitar desse jeito? E de onde vem essa luz meio azulada, meio esverdeada? Onde eu estava antes? Ah... sim, no quarto. Dor no peito. Britney.

Banheira. Um cigarro. Caipirinha de álcool. Lâmina de barbear. Um adeus. Ahhhh... meu Deus... eu realmente morri!”, desfaleceu César num *splot* caricato, em prantos comoventes, rastejando pelo chão encharcado que cheirava algo parecido com uma mistura homogênea de baunilha, canela e azeitonas caramelizadas.

“E aí... você gostou do meu manto? E essa coroa? Parece fibra óptica, não é mesmo? É a última moda entre os Anjos de Guarda. Não é o máximo? Acredite, leva um tempão pra acertar as vibrações e ajeitar a cor e o brilho a contento, mas... olhe só... não é um luuuxxxxooo?”, bradou Pompó, radiante, ignorando os comentários histriônicos de César, novamente rodopiando seus traços harmoniosos a poucos centímetros acima da podridão.

“Você é o meu Anjo de Guarda? Eu tenho um anjo... gay?”, questionou César – agora Cezâne –, coçando as pálpebras com o resto de toco do braço esquerdo.

“Sim, Naomie, você tem um anjo gay. E bota *gaayyy* nisso!”, confirmou Pompó, cruzando as pernas em posição de lótus.

“Te acompanho desde o dia em que você nasceu. Bem, isto é... na verdade, como protetor oficial sigo seus passos desde o dia em que você teve a primeira aventura roça-roça com aquele rapagote de Tatuí... tá lembrado?”

“Pronto, agora você me deu um nó legal. A gente pode trocar de anjo a qualquer momento? Afinal, o que são ‘anjos de guarda’? E como você sabe do lance com meu primo em Tatuí? A gente tinha só sete, oito anos, porra!”, desafiou Cezâne com arrogância ao encarar Pompó, sem deixar de piscar diversas vezes, tentando se acostumar com o negrume a invadir sua visão periférica.

Inspirando o ar carregado daquele ambiente sem luz, sem sons, sem nada, Pompó encostou os joelhos junto ao peito fabuloso, cruzando os braços sobre os mesmos, encarando com ar infantil e tedioso o semblante apatetado de Cezâne, que não conseguia parar de sacudir as retinas um só instante.

“Anjos de guarda nada mais são do que espíritos de pessoas que já deixaram o plano terreno; adquiriram um pouco mais de conhecimento e prepararam no Plano Espiritual e voltaram de livre e espontânea vontade para a Terra a fim de cuidar de uma pessoa a qual sintam afinidades. Pode ser um tio, irmão, avó, vizinho ou até mesmo alguém que conviveu com você numa *oooouutra* existência. Simples, né!”...

POOTO

... três dias antes do meu aniversário de dezoito anos, encontrei o homem que abriria as portas da minha independência financeira.

Eu estava na Praça Central, ao lado do coreto, entretido com um picolé de limão, lendo um folheto de alistamento militar.

Gobbo surgiu do nada e para o Nada me levou consigo.

Diante de um sorriso que não era desse mundo, fui convidado a entrar no pouco discreto Miura Saga, vermelho-hemorragia, encostado ao meio-fio, bem no âmago da cidade entristecida, num sábado modorrento.

Um homem negro, coberto de ouro e imponência, acariciou minha entrada nas profundezas de um banco de couro convidativo.

Rodamos, rodamos e rodamos até chegar ao universo de contos de bruxas. Não senti medo algum quando atravessamos os limites do meu Interior. Anhangueras ao longe, a porta de um universo paralelo se partiu em seis e descobri que havia – de verdade! – um pote de ouro liquefeito no fim dum arco-íris não mais imaginário.

Na deslumbrante materialização da minha boquiaberta pessoa bem no centro de um apartamento luxuoso localizado no tal bairro das Perdizes, meu corpo caipira foi estudado minuciosamente através de toques firmes, precisos, ousados.

A dor pela perda da virgindade traseira foi uma consequência natural da minha passagem para o mundo dos adultos. O batismo veio a cavalo, no seio da humilhação de uma revolta imposta por um filho da puta milionário.

O pacto entre o novilho e o cafetão foi selado com sangue, suor, muitas lágrimas e pouca porra quarenta empestada em merda juvenil.

Um detalhe tudo a ver: depois da nossa primeira vez, foi Gobbo a me ensinar as maravilhas da Senhora Chuca. Virei um viciado em bidê!

Entreguei meu corpo durante quase um ano para aquele homem dourado, dono insaciável de um apetite quase demoníaco por rapagotes sofridos, inocentes, nada sonhadores. Em troca, aprendi tudo o que um macho gosta de sentir na cama, tornando-me discípulo dedicado na arte do sexo prostituto.

* * *

Pooto.

É o meu tosco pseudônimo de guerras.

Fui oferecido a dezenas de homens cobertos de cordões e anéis de ouro, joias caras, arrogância ferina, fragilidade excessiva e cartões de crédito sem limites.

Dois, três, quatro ou dez por dia entravam e saíam dos meus domínios bem demarcados, sem constrangimento algum. A proteção de um pedaço de borracha entre picudos ainda era um insulto e sacrilégio em pleno ânus oitenta.

Eles pagavam bom preço pela novidade. Fortunas eram gastas pelo prazer de degustar a carne fresca de um cabrito recém-abatido que ainda cheirava a leite.

Apreendi que minha boca valia muito, muito dinheiro, dado o verdadeiro milagre que ela realizava ao ressuscitar sexos amorfos de anciões a um passo da eternidade.

Comecei a fumar de imediato. E a cheirar quatro meses após assumir minha nova identidade. Você já sabe: o beber rolava desde os treze – santo pastor Laerte! –, mas é claro que agora eu só me esbaldava com bebidas importadas, finas, extravagantes, cheias de frescuras. Grande bosta, pois o resultado final era o mesmo que consumir uma cachaça de quinta na oitava esquina...

POSITIVO

... nós éramos muito unidos. Confesso que me senti traído, pois ele nunca se abriu comigo sobre o desejo de ganhar o mundo. Está certo. Era um direito dele. Porém, foi a única vez em que eu não fiz parte dos seus planos.

Mesmo tão próximos, jamais ganhei um convite para conhecer seu apartamento-ovo, passar um fim de semana nas Perdizes, saçaricar num Shopping, tomar vinte rodadas de cerveja num bar... como ele dizia... da moda.

Conhecer o famoso Tiago...

“Sei que cometi muitas faltas contigo, meu menino”, Solano lamentou ao pé do meu ouvido esquerdo, como a ler meus sentimentos.

“Não importa”, disse eu, sereno, embora trêmulo.

“Estamos aqui, agora, juntos. Nada é capaz de nos separar em definitivo”, continuei, realista.

“Se a gente tinha que se encontrar hoje, não só para matar saudades e angústias... tanto faz. O que vale é que você precisava de mim-eu-mesmo. E, de repente, talvez eu também quisesse você aqui comigo”, eu devaneei, engolindo lágrimas ocultas.

Permanecemos abraçados, desesperados, unindo nossos corpos como a fundir nossos espíritos em definitivo. Solano estava prestes a revelar seu segredo mais profundo. Eu tentava me preparar para ser seu alicerce. Minha intuição assegurava de que eu era capaz de suportar o que eu já sabia.

“Olha, Mateus, foi uma barra ter que aguentar as trapalhadas e mentiras do Tiago”, começou Solano, enquanto eu oferecia um pedaço de pano qualquer para que ele enxugasse o rosto e acalmasse o funga-funga.

“Meus amigos cansaram de me alertar, mas eu não dava ouvidos”, ele continuou, segurando um trapo creme cheio de babados numa das mãos e agarrando meus dedos amornados com a outra.

Solano despencou sua canção psicológica durante intermináveis dez minutos. Não atacou diretamente o amado, apenas sentia-se impotente diante de tanta submissão, acreditando que o tempo curaria as feridas e que tudo voltaria a ser belo e maldito como antes. Dinho sempre teve razão.

“Solano, eu compreendo tudo o que você me disse”, finalmente entrei na conversa.

“Mas eu olho pra você e tem algo que não se encaixa. Você não tá arrasado desse jeito por causa da burrice do Tiago. Tá. O.K. Ele te fodeu legal. Não dá pra perdoar de cara o que ele fez, mas...”

De um salto, Solano virou um Sentinela e seus olhos avermelhados fuzilaram minha aparente insignificância:

“Cara, o que sabe você da Vida, sobre o Amor ou a profundidade do que eu passei?”

“Você nunca saiu desse buraco, parece que nunca teve ninguém pra namorar, transar então...”

“... como você pode mensurar a amplitude da minha dor?”

As frases foram disparadas no alvo certo: meu coração.

Quanto mais Solano me atacava, mais eu ampliava minha serenidade. Coloquei-me em pé, encarando meu derrotado tão querido.

Ele travou a matraca. Eu travei sua nuca, puxando seu rosto para o centro do meu domínio. Atrevi o tão sonhado beijo. Fui recompensado com uma abobada língua isenta de prepotência.

“Eu possuo virtudes que pessoas como você abandonaram há muito tempo”, eu quase gritei em doce rouquidão, apoiando minha testa na dele.

“Eu domino a Sensibilidade. Eu ainda guardo a pureza de um inocente. Eu aprendi a cultivar e idolatrar a Paciência, meditando sobre meus sonhos e ideais, aguardando o momento preciso para libertar minhas energias mais lindas, profundas, intensas. Eu... me guardei... pra você, seu idiota, porque eu te amo e sempre te amei desde outras eras”, vomitei tudo no último minuto do segundo tempo.

Solano perdeu as forças. Eu embarquei na dele, por osmose.

Costas coladas ao pé da mesa decana, permiti que meu amigo repousasse sua cabeça solar no meu colo marciano. Acaricieei seus fartos cabelos dourados, desembaraçando os fios secos entre meus dedos médios, com a ajuda das minhas lágrimas volumosas.

Um alívio pra lá de imediato envolveu nossas auras. Degustávamos as delícias do Silêncio.

Martin, seu filho-da-puta, você nunca erra.

Prometi que eu veneraria *Depeche Mode* o resto da minha existência...

PROST

... São Paulo é a terra das oportunidades.

Isso é fato. Consumado.

Mas para conquistar um lugar na garoa, você tem que ser astuto, cultivar atitudes inteligentes e saber aproveitar cada mínima chance que as pessoas depositam nas laterais da sua trajetória a todo instante.

São Paulo não dá trela para “os” vítimas, os indecisos e os fracos de espírito.

Vindo do Paraná sem lenço, mas com todos os documentos e trezentos contos no bolso, logo na minha primeira noite na capital, descolei um “ponto” pra mim.

Seguindo dicas encontradas na Internet, me joguei nas imediações do MASP. Apreendi em segundos a não invadir o espaço de outros rapazes, muito menos disputar velhos clientes com veados tarimbados da Guerra.

Sendo carne fresca sem ser fresco, não levou nem vinte minutos para conquistar meu primeiro freguês. Entrei no Focus, avaliei bem o pagante. Pedi cem, descaradamente. Por instinto, deixei bem claro que ele podia me usar durante meia hora.

Numa rua deserta em algum lugar da Vila Mariana, após um beijo longo e quase romântico, eu consegui enfiar sei lá eu quantas notas de vinte no bolso e logo em seguida paguei um profundo boquete-cunete ao meu primeiro Insignificante sem identidade.

Cumpri minha obrigação sem frescuras, medos, neuras. Foquei somente na entrega.

Foram cinco machos na noite de estreia: duas chupadas, uma “metida” e duas “dadas”. Com camisinhas sabor morango.

Já na primeira semana deu pra alugar um quarto legal no Centro, me alimentar decentemente e cuidar muito bem do meu corpo (em malhos diários) e mente (em leituras intensas).

Assim foi o início da minha vida profissional de puto não filho da puta.

Eu dou, eu como, eu beijo – você não imagina como eu beijo bem! –, eu bato, eu deixo bater, eu domino, sou dominado. Eu me entrego, eu distribuo o melhor de mim-eu-mesmo.

* * *

Levei abaulados dois anos para conquistar minha total independência, alugando um apê bonitinho e confortável no Ipiranga e comprando meu primeiro XR3 vinho, conversível, impecável. Tenho boas roupas, bons calçados, bons livros, bons filmes e lindos bichos de pelúcia (a única recaída do meu lado *mona*).

Na solidão voluntária, sou uma criança delicada.

Não tenho nada ostensivo. Possuo o necessário para viver bem.

Não tenho amigos. Sou muito egoísta e preconceituoso com minha própria tribo.

Ah, claro, você pensa que eu estou querendo “endeusar” a putaria, não é mesmo?

Errado. Eu simplesmente escolhi essa vida porque foi nela que descobri minha real vocação: dar prazer através dos meus atos performáticos destilados pelo meu corpo considerado (erroneamente) perfeito.

Eu me satisfaço com meus homens.

Eu faço tudo bem feito porque me entrego sem reservas, nem limites...

QUENTINHA

... levou um século até que eu conseguisse esbarrar com o Brutus Belo novamente. Foi num sábado que a magia aconteceu, debaixo de um sol “duas horas” insuportável. Da sacada do meu quarto, passei a ouvir certa algazarra do lado de lá. Curioso e levemente excitado, dei uma espiadela no pátio do vizinho. Caravaggio aprontara mais uma.

Oh, Céus. Que obra de boas artes!

Três rapazes e um urso se divertiam em águas e espuma e cerveja, tentando limpar e dar brilho no que julguei ser uma espécie de *fogãozão* industrial.

Encoberto atrás de uma linda jiboia pra lá de verdejante, passei fantásticos vinte minutos a me esbaldar diante das maravilhas daquela cena medieval, surreal, punhetal. Todos em bermudas plásticas, sem camisas, suados e marinados ao som dos Mamonas Assassinas.

Hilário e excitante. Divertido e inesquecível.

Suspiros!

Quando me belisquei e percebi que tudo aquilo era – definitivamente! – real, confirmei a ausência dos garotos, que já haviam partido “de véio”, certamente tropeçando nas alegrias etílicas, loucos para torrar o vale certo, num sábado que ainda prometia ácidas fagulhas de prazer.

Botei uma camiseta velha, corri para encontrar o par de chinelos desbotados, besuntei meu pescoço com um Biografia básico e tomei coragem para fazer uma visita ao meu tesudo embriagado.

Dois “dim-dom”.

Uma porta aberta com vagar.

O mesmo sorriso caipira a iluminar minhas expectativas.

“Fala aê, carinha. Até que enfim nos encontramos. Entra aê, mermão!”

Como dizia Boy George... “a única diferença entre um hétero e um gay são oito latas de cerveja.”

Mas *nós* estávamos errados... dessa vez!

“Vamos lá pro fundo tomar uma. Acabei de dar um belo trato na cozinha. Olhe, está tudo um diamante!”, disse Belo, envaidecido pelo resultado da sua labuta.

Mudo, travado, encantado, segui meu Mestre e Senhor, hipnotizado com

o carpete castanho que invadia costas e braços e ombros e peitos e universos paralelos.

Mais uma vez, degustamos fantásticos vinte ou trinta minutos de um bate-papo leve, recheado de sarcasmo, risadas sem fim e muita liberdade trocada entre nossos devaneios.

“Olha Rê”, interrompeu Belo, criando uma fuça séria, incompatível com o clima, logo após abirmos outra Skol.

“Posso fazer uma observação, cê não vai ficar chateado?”, completou, abrindo um leve sorriso filho-de-uma-égua-leiteira.

“Pode falar, sem rodeios”, eu o intimei, nada convincente, tremendo do cu à cabeça.

“Percebi que você não consegue disfarçar certo desejo por mim. Cara, na boa, deu pra sacar que você é gay. Eu AMO os gays, apesar de não ser um, infelizmente. Mas, e aí, você está me querendo?”

“Sim, você está certo. Sou gay assumido e não tenho problema algum com isso”, eu tagarelei meio arrogante, numa defensiva desnecessária.

“Não nego que você é atraente. Na verdade, no que se refere ao físico, o que me deixa pirado num cara é a quantidade de pelos. E, por Nossa Senhora Verão da Vulva não Depilada, eu nunca, nunca mesmo, tive a chance de curtir uma montanha de músculos e mink igual a você. Ficar a trinta centímetros desse seu peito e não poder tocá-lo é realmente uma tortura pra mim-eu-mesmo”, soltei toda a verdade, entre ladygagos e pigarros e vergonhas colossais.

Brutus Belo manteve um semblante sério, até mesmo assustador, por angustiantes noventa segundos. De repente, a montanha pitanga se pôs em pé, suando em bicas, abrindo os braços feito aquele redentor carioca.

“Vem cá!”, foi a ordem carinhosa.

“Oi?”, eu quase gritei, abismado.

“Vem cá e para de frescura. Se você quer me tocar, eu autorizo seu carinho. Vem cá e me abraça, carinha. Vem!”...

RODAMUNDO

... reservei o direito de curtir trocentos minutos debaixo de uma ducha divina. Saí bem mais leve. O sono foi dar uma longa volta de reconhecimento pelo bairro, sem hora marcada para retornar.

Enquanto eu relaxava no seio daquele calorão encharcado, até pensei em socar uma punha. Desisti de imediato.

Não gosto de bater punheta. Meu negócio é enfiar a pica num vazio úmido e gozar gostoso e bem rápido no seu interior.

Com as Anônimas... bem... é só assim que eu sinto prazer. Não dá para eu insistir de outra maneira.

Na volta, fui ao encontro do meu anjo de ocasião para entregar-lhe as chaves. Ele brincava com duas latas de cerveja numa das mãos.

“Porra, cara, você é vidente?”, gritei, simulando intimidade.

“Não sou vidente. Sou experiente”, ele afirmou, orgulhoso, ainda estampando aquela fuça de malandro sem dono.

“Foda-se o que você é. E nem quero saber como conseguiu a bendita. Eu aceito essa gostosa, se você me present...”, eu implorava pela porra da lata. Maldito segundo vício!

“Pode ficar tranquilo. Eu vou dar exatamente o que você precisa”, sensualizou o morenaço, agora sem a jaqueta, esticando um braço intimidador recoberto de pelos negros, quase enfiando um dos alumínios gélidos na minha bocarra tensa, suada, ansiosa.

“A propósito, qual é a sua graça?”

“João Gaiola, meu caro”, eu disse em tom galante, falso, metido.

“É óbvio que você vai me perguntar sobre o ‘gaiola’, não é mesmo?”, continuei, desafiando meu oponente com minhas tradicionais gracinhas sem graça.

“Humm, deixe-me adivinhar...”, retrucou Parrudo, coçando o fosco cavanhaque farto e muito bem desenhado, enquanto apreciava com volúpia as curvas acentuadas do meu caminhão.

“Já tenho a resposta. Para confirmar minhas certezas, só preciso conferir certo... departamento”, ele disse, apontando para a cabine em penumbra.

Quase entornei a espumosa que bailava na minha boca. Soltei um riso galhofeiro, isento de bons modos.

Sem noção do motivo que me induziu a tomar aquela atitude, me peguei tocando de leve no braço do macho misterioso, praticamente convidando-o a conhecer minha famosa “gaiola” das loucas... aventuras. E antes que você rumine coisas, tenho certeza de que mesmo estando com o estômago sem um traço de sólidos, não era uma latinha de Skol que me poria a escanteio.

“E você, barbudão, como se chama?”, abri a porta enquanto pesquisava o currículo básico do sujeito. Atirei minha sacolinha de toalhas molhadas e restos de Phebos num recanto apropriado.

“Rodamundo”, ele disse, passando dois dedos sobre o peito, onde na camiseta havia a palavra rodamundo estampada em chumbo sobre o tecido salmão, na altura do coração.

“Você não tá falando sério, não é mesmo?”, perguntei em troças, incrédulo diante daquele apelido tão esdrúxulo.

O tal do Rodamundo não retrucou. Ignorou minha dúvida e permaneceu em silêncio, apreciando de todos os ângulos possíveis o meu cultuado parceiro.

“Belo exemplar de Jacaré, senhor Gaiola”, ele disse, e parecia se divertir com a confirmação de uma óbvia constatação.

“Eu amo meu Scania, senhor Rodamundo. Estou com essa gracinha aqui desde mil novecentos e tra-la-lá. O danado nunca me deixou na mão, se quer saber.”

“Tenho certeza que não. Afinal, é um Scania. E nós dois sabemos o que é ter um Scania”, ribombou Rodamundo Sorriso Sarcástico.

Posso jurar que captei fagulhas de uma sofrida felicidade velada em seus olhos, aprisionadas num denso véu de uma angústia sem fim.

“Mas devo lhe confessar que minha melhor trepada foi na boleia de um Volvo”, ele continuou, mais uma vez me dirigindo um sorriso lascivo agora acompanhado de um olhar pingando ousadias.

“Ah, nossa. Puxa. Muito interessante!”, retruquei, fechando o semblante.

Em pensamentos, concluí o seguinte: *O que me importa saber em qual cabine o filho da puta trepou com um cara?*

Meus deus... “trepou com um cara”, de onde veio isso?

Sim, porra, só um lerdaço não se tocaria de que estava levando uma bela cantada. A puta que o pariu! Aquele morfético teve a coragem de me cortejar na cara dura...

RODOPIÁ

“Estou pronta. Abra sua alma!”, ronronou Rebecca, suave e íntima. Liberei as retinas.

Aquela visão magnífica embotou o meu ser tosquiado. Ela estava deslumbrante. Bruxalmente transformada em outra divindade.

Usando um longo azul quase transparente, onde contas diamantes ricocheteavam matizes azuis e dourados, a maquiagem perfeita (como ela conseguiu fazer aquilo tão rápido?) apagara as feições de uma simples mortal – Rebecca – e diante de mim, Barbra, a rainha das deusas, se materializava como que por encanto.

Santa minha Mãe que me ensinou a gostar do que é perfeito.

Imaculada Antena 1!

A mão direita, onde um anel dourado com uma pedra lilás enorme parecia sufocar o coitado do dedo mindinho, pousou com delicadeza sobre os botões do rádio-cd Neandertal. Tudo era superlativo naquela sala não mais mofada.

Três toques depois, a música escolhida foi ganhando o ambiente. Somente a luz fluorescente da cozinha buscava iluminar a estrela da noite, como se isso fosse realmente necessário.

The way he makes me feel foi dublada numa performance celestial. Eu conhecia essa música de cor e salteado, porque minha tia e minha mãe adoravam Barbra Streisand e eu já havia assistido Yentl pelo menos quatro milhões de vezes.

Tia Cida morreria de inveja de mim-eu-mesmo se soubesse do meu momento *bafônico* (não acredito que estou usando uma expressão que aprendi com minha nova tutora, enfermeira do meu coração). Que privilégio assistir um espetáculo privado e exclusivo.

Barbra Rebecca Feelings era a minha deidade, a minha amada, o anjo caído do Terceiro Céu dos Seres Perfeitos, programado para salvar a minha vida não mais medíocre.

Sim, anjos realmente não têm sexo.

Rebecca ora cantava, ora dublava, ora bailava me encarando com uma ternura, uma sedução intrínseca que nenhuma outra desse mundo conseguiria reproduzir com tamanho esmero.

Eu descobria naquele ponto de luz que os gays são mais do que seres humanos especiais. São criaturas divinas moldadas por Deus para espargir cor, alegria, vida e esperança a um mundo tão imperfeito e incorreto quanto o nosso.

Os gays são... realmente... a Luz do Mundo!

Rebecca era o homem, o amigo, o cara que deu um belo cutucão nos meus colhões e mostrou que eu precisava abandonar meu estado de vítima e adentrar ao estado de homem de bem, com uma vida vencedora pela frente.

Gays são... acima de tudo... grandes parceiros!

Rebecca era a mulher, a deusa, a princesa que seduziu meu coração com sua graça, sua alegria esfuziante, que mesmo tendo uma vida sacrificada e simples, sabia dar o valor exato ao ser humano que tinha a sorte de cruzar o seu caminho.

Gays são... bondosos e extremamente... prestativos.

Eu imaginava os pacientes de Rebecca. Eu vislumbrava a alegria e a confiança deles ao se deparar com um ser tão iluminado.

Gays são... alegres e debochados... por natureza.

Mas naquela hora mágica, no meu dia inesquecível, ela era minha.

Só minha!

Meu olhar encharcado, ao final da canção, implorou pela perda da virgindade labial. Agora era eu que desejava ser o homem daquele divino.

Eu queria sentir o gosto Trans Lúcido do primeiro beijo...

SANGUE, SUOR, SEXO

... o leite de magnésia escorreu nas linhas curvas do meu vale da sombra da morte. Leite roceiro unindo-se em matrimônio com meu suor almiscarado.

Sploft!

O cogumelo espocado, agora desfalecido, jazia no meio das coxas amanteigadas de um militar derrotado, exausto, confuso, ainda fora de si.

Uma daquelas mãos que eu tanto idolatrava, permanecia emaranhada no centro da mata fechada que cobria meu peito diamantado.

As dores que dominavam meu corpo mantiveram meu espírito num estranho torpor.

Quando tentei vislumbrar e compreender a nova realidade, Militar gritou, pediu, murmurou:

“A faca... a faca... pegue... a morfética da faca!”

Sem raciocinar, segui a ordem alterada. Catei o sabre de luz e quase me senti um perfeito, tosco e sábio Yoda.

Poderoso e ao mesmo tempo um impressionante idiota, eu não sabia o que fazer com o aço pontiagudo. Meus músculos descoordenados eram incapazes de manter aquele objeto mortífero bem firme sobre minhas mãos gelatinosas.

Minha inexperiência pareceu excitar o Superior metamorfoseado em Moribundo. Segurando minha mão com uma virilidade que não era desse plano, Militar regia a Sinfonia da Morte diante do seu prazer.

Uma de suas mãos domesticava minha tremedeira, conduzindo a lâmina para acarinhar todos os orifícios das suas faces diabólicas, onde pontadas involuntárias resolveram abrir microfendas na pele outrora impecável, e gotas de um sangue caricato tingiram a máscara da Luxúria.

A outra mão, ainda mais experiente, punhetava meu caralho assustado, tentando incentivá-lo a ascender acima dos fatos e assim provar o seu devido valor.

Pica posta, Militar pagou o melhor boquete do século. E bocas e facas e bengas e lábios... e sangue e suor e medos e prazeres se fundiam na alquimia de uma fodaria inesquecível.

Em nova rodada de estúpidas carícias e pegadas, passei a lambar aquelas faces ensanguentadas. Sentindo-me seguro e semideus, louco em desejo de dominar a nova situação, libertei de vez meus medos das garras do Militar.

Enfiando minha viga com destreza na quinta dimensão daquela goela, ao mesmo tempo em que eu penetrava em confiante selvageria a adaga da morte nos poros do homem que uivava de tesão e satisfação garantidos, urrei impropérios e um:

“Sente o gosto da minha porra e do meu sangue, seu filho do demo!”, enquanto eu talhava aqueles lábios com minhas duas lâminas de impuro inox.

Chupa, enfia, fura, penetra.

Seguimos adiante.

Gozei vinte e dois litros dentro daquela bocarra dezoito mastigantes. Criei um belo talho naquele peito arfante. Copiei o mesmo rasgo no meu peito errante.

Misturamos nossos fluidos. Descobrimos qual era o verdadeiro elixir da vida eterna: a união perfeita entre sangue, suor e porra.

Inconscientes e exaustos, enfim selamos o Grande Pacto.

* * *

Deixamos aquela espelunca feitos zumbis enamorados.

Sorrindo para o vazio, Dona Adams ignorou a passagem de dois báculos vampirescos, maltrapilhos, desvairados.

Com muita dificuldade, enfrentamos a noite caótica e um banho de luzes amarelas, frias, tristes e difusas escureceu a nossa insanidade.

Era chegada a hora do adeus, ou de um “vamos tomar uma cerveja?”, como se nada tivesse acontecido. Foda-se o mundo. Estávamos perdidos mesmo. Que o espetáculo continue!

Militar estancou no meio da sexta calçada. Ele estrangulava um choro períneo. Fiquei em choque diante daquela cena fora do mais criativo roteiro.

Vi um menino frágil, assustado, implorando asilo. Nada a ver com o matador que eu conhecera bem ali atrás daquela porta sem travas do quatro-andares-purgatório.

Por puro instinto, compreendi que era chegada a hora das revelações. Máscaras seriam quebradas na sarjeta, domínio da Ignorância.

“Você não tem ideia do bem que me fez hoje, *mermão*”, ele ronronou, proferindo um trinado distante, quase inaudível...

TITO

... após aquele vácuo onde eu havia socorrido meu filho, tentando libertá-lo da dor de uma separação (o frentista maldito tinha se mudado com mulher e filhos para Garanhuns), não tocamos mais no assunto e tudo aparentemente voltou à enfadonha rotina de sempre.

Alguns meses depois, me ausentei numa tarde de um domingo tedioso. Tito estava na companhia de suas amigas, estudando feito louco para um concurso que fora promovido pela Prefeitura.

Passei a tarde toda na companhia de parceiros da roça, no bar dos irmãos Antunes, bebendo cachaça, beliscando carnes chamuscadas e comemorando a safrinha que – finalmente, oh Pai! – tinha sido boa após milênios de prejuízo e trabalho em vão.

Ao voltar para o meu casebre, quando a lua cheia já se encontrava no centro do firmamento, ouvi murmúrios e sons de movimentos ritmados vindos de um matagal que ficava bem atrás da minha humilde propriedade.

O som da brutalidade de um tapa e uma espécie de socorro abafado do que julguei ser uma vítima de estupro ferveu o meu sangue, eliminando todo álcool. Cabra que tenta violentar uma mulher aqui onde eu moro é punido com a morte, pode apostar!

Mesmo trançando as pernas, entrei de supetão no vão do mato espesso. Com a faca em punho, eu já ia partindo para a ignorância diante daquele que eu imaginava ser um tremendo marginal, safado, sem-vergonha.

A luz azul alumiaava parcamente a clareira recém-descoberta, revelando-me uma cena jamais sequer imaginada: meu Tito, amarrado e amordaçado, era currado por um monstro!

Comer meu filho por prazer eu até podia tentar aceitar, mas usar de violência com meu menino era demais pra mim-eu-mesmo!

Bastou um único movimento certo para que minha inseparável companheira fizesse um rasgo nas ancas do maluco. Uma segunda maravilhosa talha no antebraço fez com que o animal finalmente urrasse de dor, cambaleando em disparada mato adentro, rodopiando sobre suas pernas sem ossos, emaranhado na bermuda baixa e cueca suja de sangue, mijo e merda.

Entre choros e revoltas, apanhei meu filho nos braços, como se conforta

um animal ferido, assustado, isento de esperanças. Juntei, contrariado, suas poucas roupas e o levei para casa, ambos encobertos pelo sepulcro de uma noite abafada, lacrimosa, oca.

Eu não formulei perguntas e não esperei respostas sobre o que havia ocorrido.

No dia seguinte, antes de ir para a lida, acordei Tito por volta das cinco da manhã. Mesmo em ressacas, segurei firmemente seus braços e lhe esporrei uma única pergunta com uma violência que não era minha:

“Você precisa de um macho para se sentir feliz e completo, é isso?”, eu quase gritei, decidido, num tom de voz que misturava a compaixão com uma raiva incontida.

Meu filho, enleado, desenhou um meio “sim” com a cabeça.

Meu presente de aniversário dezenove foi cobrir aquele trêmulo corpinho quinze eterno com meus braços gigantesco. Instintivamente, meus lábios procuraram os dele e meu bigode sentiu o ar primaveril que exalava daquelas narinas miúdas, onde nossas bocas foram unidas num contato transgressor que selava de vez o nosso amor único, talvez não compreendido...

UM PRAZER SOLITÁRIO

... o segredo está nas pontas dos dedos. Bastava fechar os olhos e deixar as pontas mágicas percorrerem todos os caminhos que levam ao novo recanto da Luxúria.

Padre Valdécio indicou que tudo começa no toque delicado dos mamilos. Sim, isso mesmo. Acaricie com as pontas dos dedos os seus mamilos. Relaxe. Deixe rolar. Depois de um tempo, comece a beliscar os macios alternadamente. Um pouco mais de força em um, depois aplique um belisco mais severo no outro. Sinta dor, sinta o delicioso delírio da dor controlada. Abra as mãos. Roce as palmas sobre todos os peitos. Sinta a textura única da sua pele. Se você for um felizardo como eu, onde pelos macios abundam por sobre um robusto peito largo, certamente o prazer será bem maior.

Continue, não pare, não abra os olhos. Agora com as pontas. Sempre volte a atenção para as pontas ásperas dos seus dedos teleguiados. Acaricie seu pescoço. Aperte. Sinta-se sufocar. Controle a pressão. Mordisque com os dedos em pinça uma parte do seu pescoço. Puxe as orelhas para baixo. Enfie o dedo indicador dentro do seu outro orifício pulsante. Esqueça os sons, sinta apenas os gemidos internos. Rapidamente, aplique uma grossa camada de saliva nas pontas dos dedos. Sim, cuspa se for o caso. Se lambuze. Enfie novamente – agora o dedão! – na vala dos sentidos. Volte a agarrar seu pescoço. Volte a acariciar, a morder seus mamilos inchados com o pulsar dos seus dedos cretinos. Assim, com as pontas dos dedos apenas. Nunca se esqueça disso. Assim. Você está indo muito bem. Continue. Não pare. Não abra os olhos.

Agora esqueça se você dá ou come. Cuspa nos dedos. Muita saliva amornada nessa hora. Sem dó, sem raciocinar, enfie a porra de dois dedos no centro do seu cu. Assim, enfie, deixe entrar até a metade. Ou tudo... assim... por inteiro. Não pare. Soque sem dó. Prazer, prazer, prazer através de uma dor bem domada.

Seu pau está em brasas. Toque-o, venere-o com as pontas dos seus dedos melecados. Sinta sua trama. Brinque com as bolas do seu saco escroto. Aperte-as, com delicadeza. Dor é prazer. Essa é a regra. Punhete. Para cima, para baixo. Cuspa na porra da palma da sua mão esquerda. Quebre as rotinas. Troque os socantes. Punhete, punhete. Não pare. Não abra os olhos. Não

idealize filho da puta algum. Pense só em você. Pense no seu prazer único. Eles não valem nada. Você é o senhor da glória da porra suprema. Punhete. Para cima, para baixo. Não goze. Controle a corrida do êxtase. Volte a se tocar. Com calma. Você não precisa atropelar o Tempo.

É como bailar em águas serenas, amornadas, infinitas.

Sozinho, deliciosamente sozinho!

Você não vai mais depender do outro. Daquele lazarento que nunca compreendeu seu ritmo. Daquele egoísta que sempre gozava antes de você e ia embora cantarolando pela orla, enquanto você se acabava de chorar e de se punhetar apenas para despejar seu leite ralo sobre a areia fina numa madrugada de quentura invernal.

Esqueça tudo isso. Volte ao seu corpo. Pontas dos dedos. Brinque com seu umbigo. Enfie o mindinho no terceiro buraco. Cuspa em seu dedo. Enfie novamente. Desça sua mão e agarre a cabeça do seu pau em chamas. Isso, sinta o gosto da pré-porra. É uma delícia! É a sua essência mais pura. É o Alfa e o Ômega. Sua intuição compreende o que eu estou afirmando. Continue. Não pare. Não abra os olhos. Punhete com as duas mãos. Sinta dor. Aperte. Sufoque seu cajado. Esfole-o. Solte uma das mãos. Com as pontas, com as pontas dos seus dedos. Sempre, sempre, sempre!

Com a mão livre, revitalize-se, toque em cada poro do seu corpo único. Faça o rodízio das carícias infinitas vezes. Enfie seus dedos saturados em todos os orifícios liberados, inclusive naqueles que você julgava secretos e nunca antes explorados como se deveria. Um pouco mais da boa dor. Dê um belo tapa na sua cara idiota. Puxe os cabelos, rasgue suas pregas, arrebente os fios da sua barba. Uma dor controlada. E punhete. Para cima e para baixo. Está chegando a hora. Enfie o dedo no cu. O indicador, caralho! E continue a se punhetar. A fodaria está quase no auge. Mais um pouco. Abra os olhos. Não pare. Olhe para o cacete do seu pau em chamas. Continue. Continue. Comporte-se feito um alucinado. Para cima e para baixo. Você não precisa de ninguém. Você se completa. Você é único!

Para cima e para baixo. Seu pau já não aguenta mais segurar as amarras do primeiro Éden. Goze, goze como louco. Mire a porra que sai do seu pau direto para sua boca. Dois dias de treino e você consegue. Vá por mim...

UMA ORAÇÃO

... na cozinha, pus água para esquentar. Enquanto preparava algo sólido para animar meu dia, me peguei a imaginar as mãos experientes de Vicente a acarinhar minha derrocada alma impressionável.

O caldo de peixe fumegava dentro da caneca de cerâmica. Eu brincava com os pedaços de alga marinha que dançavam na mistura abrasadora, quase queimando a ponta do meu dedo indicador esquerdo.

Meu olhar fitava um ponto qualquer atrás da grande área envidraçada que fazia parte da cozinha compacta, prática, bem planejada. Engatei nova oração, como a pedir para a Providência aquietar meu coração e minhas saudades.

Senti a presença de alguém ao meu lado no balcão que dividia a cozinha da copa. A voz que captei a seguir era lacrimosa, um timbre infantil embebido na discórdia, submersa num vazio impenetrável. Não precisei focar quem implorava minha atenção. Um delgado calafrio percorreu toda a extensão da minha frágil coluna. Marcus estava há exatos dez centímetros de distância do meu corpo.

“Você chorou por mim”, ele disse num timbre cansado, olhando para o mesmo ponto perdido que havia além da ampla janela. Uma tremenda sensação de bem-estar tomou conta do meu ser boquiaberto.

Outra pessoa teria saído gritando feito uma louca, atravessando paredes, igual nos desenhos animados, ao se deparar com uma situação paranormal. Eu apenas senti o prazer e a angústia de um verdadeiro reencontro.

Virei lentamente meu pescoço para o lado da voz que vertia dor e desalento. Encarei a figura de um garoto que trajava uma folgada camiseta branca e jeans dois números abaixo do ideal para aquele corpo etéreo. Seus pés estavam descalços, sujos, desleixados. As unhas, enormes e disformes, confirmavam vários estágios da Solidão.

Mesmo a transparência de uma alma perdida não era capaz de esconder a pobreza de um espírito despreparado para encarar a vida real após uma existência desperdiçada.

“Por favor, não me julgue. Eu sei que fiz merda. Eu estava alucinado. Não aguentava mais suportar os ataques do meu pai. Num momento de desespero e puro egoísmo, querendo chamar a atenção do mundo para os pro-

blemas do meu umbigo, dei cabo do que eu acreditava ser o fim do sofrimento, da angústia de não poder ser e viver aquilo que eu era de verdade”, proclamou Marcus com extrema dificuldade, pois os pulmões pulverizados com o tiro certo agora não eram mais capazes de filtrar a essência do ar beatificado, dando pouca autonomia para a boca miúda proferir com clareza as frases do forçoso desabafo.

“Eu pensei que ia encontrar aquela famosa luz azul no fim do túnel, como eu via nos filmes. Eu imaginava que minha avó estivesse à minha espera aqui do outro lado, como ela sempre dizia que o faria quando eu fosse para o Paraíso. Nem um parente veio me receber. E amigos a me aguardar seria algo impossível. Eu não tenho ninguém...”, concluiu Marcus, desanimado, baixando a cabeça até seu queixo tocar o peito esfarelado.

“Mas só agora eu compreendo tudo. Alguém abriu minha consciência para que eu pudesse entender com clareza toda a situação. Não sei quem me deu a autorização, mas pude vislumbrar nosso passado. Descobri que somos almas companheiras, Alvin!”, salientou Marcus, revigorado pela esperança, seu olhar buscando o meu perdão a qualquer custo.

“Eu sei que pode parecer idiotice o que vou lhe dizer, mas é o que meu coração está gritando”, eu urrava quase sem voz, tremendo da cabeça aos pés diante daquela situação paranoica.

“Ainda não compreendo o que vivemos no passado. Nesta existência eu jamais tive qualquer traço de contato com você ou com sua história. Estou sozinho há mais de dezoito anos. Completamente sozinho. Sem sexo, sem carinhos, sem amor, sem paixão, sem amizades verdadeiras. Foi uma opção e não a falta dela. Sou casado com a Palavra, Marcus. Mas mantenho, como amante, a Solidão. Meu Deus, eu tenho que parar de dar voltas e ser direto: Marcus, eu AMO VOCÊ!”, eu gritei com vigor, tamanha era a força do sentimento poderoso que aflorava novamente em mim-eu-mesmo.

A frase final rompeu o espaço daquele ambiente imaculado, limpo, essencial. Buscamos o abraço que não foi concretizado. Corpos etéreos e físicos que não podiam se unir na mesma dimensão.

Encharcamos o chão vitrificado da cozinha com minhas lágrimas de aflição e com as gotas plasmadas que escorriam da face translúcida do jovem que liquidara parte da sua conduta...

VÊNUS

... quantos “Vênus” e suas camisas “Xupa’s” estão perdidos em cada esquina desse mundão, caminhando e caçando e metendo em qualquer um que não consiga resistir aos encantos proporcionados pelos seus corpos malhados e cacetes portentosos que jamais perdem a altivez?

Quantos “Vênus” esclarecidos impõem suas teias de sedução na captura diária de quem pouco se importa consigo mesmo, já que ambos encaram que tudo é válido na hora de uma boa trepada firmada de acordo incomum?

Sem falso moralismo e muito menos hipocrisia, é claro que eu, você e aquele bambee iraniano oculto do outro lado do mundo sonha em trepar com um “Vênus” pescador-caiçara-nativo-tingido-de-sol saltando das páginas de uma Sabrina Jr.!

É muito difícil resistir aos segundos de tentação explícita quando nos deparamos com uma entidade “mágica”, tão esfregada na nossa fuça pelo Padrão. E não deixa de ser um choque tremendo ouvir do *bofie* dos sonhos um relato frio e seco de suas investidas sexuais, onde o que vale é o “meter e gozar e o resto que – literalmente – se autofoda”, ainda mais de uma forma consciente, o que é bem, bem pior.

Qualquer gay já está mais do que berinjala de saber que se cuidar, se proteger e se amar em primeiro lugar deveria estar acima de tudo. É evidente que todo enrustido desolado já caiu uma cacetada de vezes nas graças de uma aventura porreta sem um pingo de preocupação com qualquer regra básica de proteção, em todos os sentidos!

Eu já dei sem camisinha, já comi “empurrando bosta” e também já executei todas as loucuras (conscientes) a que todos nós estamos sujeitos. Afinal de contas, cada coito é responsável pela sua lucidez.

Evidente que foi uma fase necessária, porém ridícula quando analisada pelo crivo do amadurecimento.

O que me assusta, sem dúvida, é saber que homens esclarecidos como “Vênus” (ou talvez eu, ou talvez você) ainda estampam de peito aberto em suas camisas virtuais que estão dispostos a tudo por uma boa metida de escape. Sem medir nenhuma consequência física, moral, etc.

Mesmo Vênus deixando pra lá de explícito como gosta de trepar, é im-

pressionante que ainda há uma quantidade absurda de homens que aceitam ser enrabados no “tudo ou nada e foda-me!”

Recordo a montanha de casados que davam feito *aslôcas* nas praias desertas e escuras da Ilha Comprida e na mesma noite ainda se esforçavam para comer suas mulheres sem sal, nem tempero. Pintos, cus e rachas ardentes!

Fico pasmo ao constatar em minhas memórias a manada de purpurinas alucinadas que batiam ponto no banheirão número dois do Boqueirão, mantendo a coragem e disposição de aconchegar seus rabos sem pregas em dezenas (quando não centenas!) de “Vênus” que pipocavam na ilha, principalmente na Profana Temporada...

VIKING

... a porta do meu quarto foi escancarada, sem ser aberta. A presença em carne e luz surpreendeu minhas retinas. Viking pediu licença. Eu ri. Ele planejou suas massas até os pés da minha acanhada cama de ferro e molas e espumas roufenhas. Eu retroiluminei meu olhar tremendamente maravilhado, assustado, assimétrico.

Sentíamos que era o momento ideal para aniquilar nossas (minhas?) dúvidas. Abrimos um diálogo sem a necessidade de palavras. Foi quando um indicador árdego besuntou meus lábios com fartas doses de um inexplicável “tente meditar, mantenha a serenidade!”.

Aquele rugoso dedo suave, imperador, deixou meus lábios serenos e tratou de avaliar meus traços faciais, onde em seguida duas mãos incrivelmente suaves aproximaram minha cabeça atordoada para perto, mais e mais perto, de um novo contato celestial.

Trocamos mil beijos no intervalo de um segundo.

Mesmo aflito e eufórico por ao menos um único fiapo de mínima razão capaz de abrandar as agruras da minha racionalidade, saber e sentir o calor de Viking – ali, naquele instante espantoso! – me proporcionava uma carga de tranquilidade muito acima da minha vã compreensão.

Olhar no olhar. Um assistia ao filme da vida do outro que se maravilhava com os reflexos opostos de uma louca atração a estraçalhar as barreiras do tempo-espaço.

Entrei num estado catatônico, embasbacado com a ligeira e difusa percepção de uma aura “cróceo-impossível” a rodear meu Santo Viking. Meus quatro sentidos e meio foram reunidos para degustar as dádivas de um preciso esclarecimento.

“Você engordou. Está ainda mais delicioso”, ele disse, de cara quebrando todo o clima-tinker-bell.

“Você não aparou mais a barba. Está ainda mais sensual”, entrei na onda. “E agora tá usando óculos!”, emendei, noiado, como se eu estivesse naufragando numa lama cristalina, arenosa, invernal.

Após sete segundos de silêncio gutural, olhar-jade versus olhar betetaylor, desabamos em gargalhadas revigorantes, rolando pela cama baixa,

despencando nossos pelos e peles e perispíritos até alcançarmos – em *slow motion* – o encerado chão de madeiras centenárias.

Colocamos o nosso “fazer amor” em dia, onde o sexo terreno deu passagem ao enlace de vibrações gloriosas a promover orgasmos até então exclusivos apenas entre deuses e anjos.

Mesmo exaustos e elétricos, porém felizes, Viking não se cansava de bolinar minhas bochechas rosadas, meu nariz avermelhado e meu queixo cor de barba-de-ontem. O que mais impressionava minha alma cativa era o magnetismo orquestrado pelos nossos olhares quânticos.

Oh, minha Bombonjira Lady Gaga, por misericórdia, qual era a origem daquele amor?

Viking leu minha inquietude, traduzindo em bom sete a um as razões do nosso afeto além das estrelas.

“Eu pressenti que o avião ia se espatifar contra a terceira montanha coisa de três ou quatro minutos antes de todo mundo. Não acumulei sequer uma gota de pânico, justamente porque filamentos da minha atual passagem por aqui foram liberados numa única leva, com direito a uma voz em *off* a repetir um cadenciado “tente meditar, mantenha a serenidade!”.

“Rever minha infância comum e corrente, curtir minha adolescência de descobertas desconcertantes, aprovar o lindo aflorar da minha homossexualidade, aplaudir a coragem de assumir minha maravilhosa opção, chorar com o apoio incondicional da minha mãe a me educar em ser bom, correto, sincero e transparente no Amor que hoje pode afirmar o Seu Nome por extenso...

“... compreender que eu não encontraria um grande companheiro, por causa do meu tempo limitado disponível na terrena experiência, onde eu deveria permanecer sozinho a fim de cumprir minhas próprias faltas egoístas noutra ocasião...”

O choque das revelações de Viking ampliaram meus horizontes. Revivi meus anos de caças sombrias, onde eu somente me importava com o suor do momento e a porra vitoriosa a escorrer de apressados corpos isentos de identidades. Eu nunca encontrava plena satisfação no sexo, sempre à procura de uma razão inexistente para justificar meu vício nefasto...

VIOLINA

... a dupla já havia tocado a maioria dos seus sucessos e também algumas músicas do novo álbum. Fiquei impressionado comigo mesmo por saber praticamente todas as letras de cor.

O irmão de Wallace – a incrível primeira voz! – havia se retirado do palco para uma possível nova troca de roupas e alguns merecidos minutos de descanso.

Wall apurou-se em seu banquinho de madeira:

“Essa aqui é a minha mulher. Minha doce Violina”, sussurrou o cantor agora feito menino, enquanto dedilhava algumas notas conferindo a afinação do seu instrumento tão amado, fazendo pose, criando charme.

“Ela me acompanha desde que eu era assim, ó!”, Wall posicionou a mão na altura dos mamilos, atijando ainda mais o delírio incontável das moçoilas atarantadas.

Todo teatral, com uma das mãos tapando o alto das sobrancelhas e os olhos semicerrados como se estivesse à procura de alguém no meio daquela multidão trezentos e vinte por cento feminina, ele aproximou a boca delicada, quase a beijar o microfone:

“A próxima canção fala sobre perdas e danos”, a voz sensual amplificada centenas de vezes fez calar as milhares de fãs durante meio segundo.

“Fala sobre a superação da dor de uma separação”, excitadas, algumas não conseguiam conter os trinados supersônicos.

“Fala do recomeço... a mensagem real é que jamais devemos... o medo sentir... de recomeçar...”, notei que a frase fora truncada, já que a emoção de Wallace poderia traí-lo a qualquer momento.

Ele se encontrava fora do seu limite.

Só eu sabia a realidade!

“Devemos lutar pelos nossos sonhos. Pela nossa felicidade. Pelo nosso direito de amar quem quisermos...”, os gritos aumentaram sensivelmente.

O menino-homem de dois “eles” encontrou-me no seio do público, do lado esquerdo do palco.

“Dedico essa canção para um... uma pessoa... muito especial”, uma espectral linha tênue unia o nosso olhar.

“Um ser de luz que me mostrou que tudo é possível quando há confiança e amiz...”, mais uma vez as palavras morreram na boca diminuta, nervosas e errôneas.

O importante (para ele) é que a mensagem principal foi transmitida ao seu público.

“Sei que minha Violina não vai sentir ciúmes... mas essa música é especialmente pra você... Mo... ana!”

Ele olhou para um céu imaginário ao proferir a última frase. Eu olhei para um fundo infinito onde meu desejo maior era enterrar minha cabeça no meio das coxas do segurança brucutu que estava fincado bem à minha frente.

Felizmente, todas as mulheres presentes no recinto chamavam-se “Moana”, tal era a algazarra provocada pela revelação do sensual cantor.

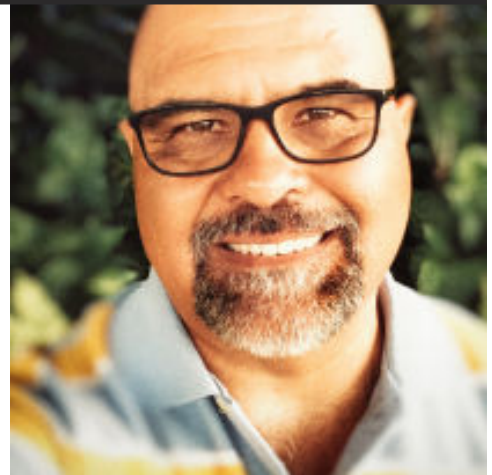
As cordas do violão foram acarinhadas. Uma harpista surgiu iluminada em raios dourados no canto direito do palco, acompanhando a doce melodia composta nos estranhos anos 1990.

O trio feminino juntou-se à voz rouca de Wallace. E teclados e percussão e luzes azuis e verdes transformavam aquela declaração poetizada num fotograma de um sonho antigo.

Música para a massa consumista do nosso país. Música que naquele momento era a mais pura evocação da arte nacional. Música popular, talvez, mas nada disso importa, pois o que vale é a linda emoção do entretenimento profissional.

Aquela música era minha.

Aquela poesia era para vibrar o meu coração...



Sobre o Autor

Moa Sipriano é natural de Jundiaí, interior de SP. Escreve e publica contos, crônicas e romances desde 2004. No Brasil, foi pioneiro na criação e divulgação de livros digitais contendo exclusivamente literatura homopopular. Sua arte retrata com crua fidelidade e lirismo o amor verdadeiro, os conflitos internos, o sincero companheirismo e a real espiritualidade da Diversidade. O autor pincela suas histórias e verdades com inteligência, sarcasmo e sensualidade em tonalidades exatas, proporcionando ao leitor um momento termântico, surpreendentes descobertas, além de uma profunda reflexão.

* * *

Para conhecer todas as obras: **moasipriano.com**

Contato: **escritor@moasipriano.com**

Instagram: **[instagram.com/moasipriano](https://www.instagram.com/moasipriano)**
